

**SER PROFESSOR NO CONTEXTO DO SÉCULO XXI:
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES**

VANESSA ANANIAS MALACRIDA

**SER PROFESSOR NO CONTEXTO DO SÉCULO XXI:
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES**

VANESSA ANANIAS MALACRIDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Educação da Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Educação -. Área de Concentração: Formação e Prática Pedagógica do Profissional Docente.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Helena Faria de Barros.

Presidente Prudente-SP

2012

370
M236s

Malacrida, Vanessa Ananias

Ser professor no contexto do século XXI:
representações sociais de professores. / Vanessa
Ananias Malacrida. – Presidente Prudente, 2012.
184 p.: il.

Dissertação (Mestrado em Educação) -
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste,
Presidente Prudente, SP, 2012.

Bibliografia.

Orientador: Helena Faria de Barros

1. Formação Professor. 2. Educação. 3.
Representações sociais. I. Título.

VANESSA ANANIAS MALACRIDA

**SER PROFESSOR NO CONTEXTO DO SÉCULO XXI: REPRESENTAÇÕES
SOCIAIS DE PROFESSORES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Educação da Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de Concentração: Formação e Prática Pedagógica do Profissional Docente.

Presidente Prudente, 15 de março de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Helena Faria de Barros – Orientadora
Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE
Presidente Prudente - SP

Prof^a. Dr^a. Tereza de Jesus Ferreira Scheide
Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE-
Presidente Prudente - SP

Prof^a. Dr^a. Arilda Inês Miranda Ribeiro
Universidade Estadual Paulista – UNESP
Presidente Prudente - SP

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família que amo muito e por compreender minhas ausências durante a sua realização, sempre colaborando comigo da maneira como podiam:

Meu esposo Ronaldo Marcos Malacrida e meus filhos Felipe e Hugo;

Meus pais Adão Ananias e Alaíde Aparecida Ananias;

Meus irmãos e sobrinhos;

Aos meus verdadeiros amigos e todas as pessoas que estiveram sempre torcendo por mim;

A todos profissionais a quem este trabalho possa trazer contribuições, principalmente aos professores que colaboraram participando dessa pesquisa;

A vocês todo meu carinho e que Deus abençoe!

Vanessa

AGRADECIMENTOS

“Toda honra, toda glória, todo louvor entrego a ti, porque sem ti não estaria aqui. Toda honra, toda vitória eu sei, pertence a ti, por que sem ti, não estaria aqui”. (Ministério Diante do Trono)

Agradeço primeiro a Deus a quem pertence toda honra, toda glória, toda vitória e louvor.

À minha orientadora Professora Dr. Helena Faria de Barros pela sua dedicação, a quem aprendi admirar e amar pela sua capacidade e profissionalismo. Ela é uma verdadeira lição de vida.

Ao professor Dr. Adriano Rodrigues Ruiz com quem aprendi muito mais do que os conteúdos de sua disciplina: Epistemologia. Aprendi o valor da humildade para um sábio.

Aos professores que colaboraram participando da pesquisa, pois sem eles não seria possível a realização da mesma.

Às professoras Arilda Inês Miranda e Tereza de Jesus Ferreira Scheide pelas contribuições apresentadas na banca de qualificação.

À Ína pelo seu eficiente trabalho como secretaria do Mestrado e sua enorme paciência com os alunos.

Aos meus professores da graduação Claudio Benito de Oliveira Ferraz e Fábio Camargo Bandeira Vilela com os quais aprendi os primeiros passos de iniciação científica.

*“Tudo é do Pai, Toda honra e toda glória
É dele a vitória alcançada em minha vida”.
Pe. Fábio de Melo*

“É injusto que a sociedade nos considere os únicos responsáveis pelos fracassos de um sistema educacional massificado, apressadamente maquiado para fazer frente à avalanche da crise social, econômica e intelectual de nossa sociedade. Sobretudo quando ninguém se atreve a redefinir funções porque pode se tornar impopular”. ESTEVE

“A cada dois ou três séculos ocorre na história ocidental uma grande transformação. (...) Em poucas décadas a sociedade se reorganiza (...). Depois de cinquenta anos existe um novo mundo. E as pessoas nascidas nele não conseguem imaginar o mundo em que seus avós viviam e no qual nasceram seus pais.” DRUCKER

RESUMO

Ser professor no contexto do Século XXI: representações sociais de professores

Esta pesquisa intitulada “Ser professor no contexto do século XXI: representações sociais de professores” está vinculada a linha de pesquisa 2 - Formação e Prática Pedagógica do Profissional Docente, do programa de mestrado em educação da UNOESTE de Presidente Prudente-SP. Teve como objetivo identificar as representações sociais de professores sobre “o que é ser professor no contexto do século XXI” e identificar as principais dificuldades, desafios e inquietações desses profissionais. A investigação obedeceu à abordagem qualitativa e às características específicas do estudo de caso sugeridas por Robert Yin. Devido ao impacto causado pelas transformações sociais e pelas novas tecnologias da informação a clientela escolar atual é bem distinta daquela para qual a escola foi pensada inicialmente. A estrutura escolar herdada da modernidade, não se encaixa na nossa realidade pós-moderna. Os sujeitos dessa pesquisa foram 12 professores efetivos de Ensino Infantil e Fundamental do 1º ao 5º ano da rede municipal de uma pequena cidade da região de Presidente Prudente. Os dados coletados para análise se fundamentaram e se apoiaram na análise de conteúdo proposta por Bardin. Os resultados da pesquisa apontam para necessidade de implementação dos currículos de formação inicial e continuada incluindo discussões e aulas práticas relacionadas aos desafios atuais, uma vez que, o choque com a realidade tem despertado o sentimento de despreparo frente aos novos desafios. Os programas de formação de professores, a ação docente e o sistema educacional precisam adequar-se ao contexto da nova ordem social. As tentativas de reforma têm fracassado aumentando o sentimento de crise entre os professores e contribuindo para o “mal-estar docente”. Faz-se urgente a necessidade de investimento na profissionalização e valorização docente e aumento do apoio social aos professores para se combater essa doença social, que é o mal-estar docente e melhorar a qualidade da educação.

Palavras chave: Ação Docente; Contexto Social Atual; Mal-Estar Docente.

ABSTRACT

Being a teacher in the 21st century context: teachers' social representations

This research entitled "Being a teacher in the twenty-first century context: teachers' social representations" is linked in the search line 2 - Pedagogical Practical Training and Professional Teaching, the master's program in education UNOESTE of Presidente Prudente, SP. Aimed to identify the social representations of teachers about "what is to be a teacher in the context of the twenty-first century" and identify the main difficulties, challenges and concerns of these professionals. The research followed the qualitative approach and specific features of the case study suggested by Robert Yin. Due to the impact caused by the social changes and new information technologies to students' performance today is very different from that for which the school was initially thought. The school structure inherited from modernity does not fit in our postmodern reality. The subjects of this study were 12 effective teachers Childhood Education and Elementary 1st to the 5th year in the municipal area of a small city of Presidente Prudente. The data collected for analysis were based and relied on content analysis proposed by Bardin. The survey results point to need for implementation of curricula for initial and continuing training including practical sessions and discussions related to current challenges, since the reality shock has awakened the feeling of unpreparedness in the face of new challenges. Training programs for teachers, teaching activities and the educational system must fit the context of the new social order. The attempts for a reform have failed increasing the sense of crisis among teachers and contributing to the "teacher malaise." It is an urgent need for investment in teacher professionalism and development and increased social support for teachers to combat this social ill, which is the teacher malaise and improve the quality of education.

Key words: Teacher Action; Current Social Context; Teacher Malaise.

LISTA DE SIGLAS

UNOESTE – Universidade do Oeste Paulista

TRS - Teoria das Representações Sociais

IBICT – Instituto brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

TICs - Tecnologias da Informação e Comunicação sociais

Scielo - Scientific Electronic Library Online

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

CCPq - Coordenadoria Central de Pesquisa da UNOESTE

CEP – Comitê de Ética na Pesquisa

APEOC - Sindicato dos Professores e Servidores no Estado do Ceará

CNE - Conselho Nacional de Entidades

CNTE - Confederação Nacional dos trabalhadores em Educação

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Processo histórico de profissionalização do professorado.....	63
Quadro 2: Idade dos sujeitos de pesquisa.....	76
Quadro 3: Dados pessoais.....	76
Quadro 4: Dados de formação e serviço.....	77
Quadro 5: Ranking de atividades realizadas fora do horário de trabalho.....	79
Quadro 6: Ranking dos desafios, dificuldades e mudanças necessárias.....	80
Quadro 7: Professor 1.....	86
Quadro 8: Professor 2	89
Quadro 9: Professor 3.....	91
Quadro 10: Professor 4.....	96
Quadro 11: Professor 5.....	99
Quadro 12: Professor 6.....	101
Quadro 13: Professor 7.....	104
Quadro 14: Professor 8.....	108
Quadro 15: Professor 9	110
Quadro 16: Professor 10	114
Quadro 17: Professor 11	118
Quadro 18: Professor 12	121
Quadro 19: Análise “cross-case”.....	124

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 EMBASAMENTO TEÓRICO	28
2.1 Representações Sociais.....	28
2.2 O Mal-Estar Docente	38
2.3 Caracterizando o Século XXI	47
2.4 Ação Docente, Processo Formativo e Concepção de Professor.....	53
2.5 O Processo de Profissionalização.....	60

METODOLOGIA DA PESQUISA

3 ENCAMINHAMENTO DA PESQUISA.....	68
3.1 Objetivos	68
3.2 Opção metodológica.....	68
3.3 Procedimentos para coleta de dados	70
3.4 Procedimentos de análise dos dados.....	74

ANÁLISE DE CONTEÚDO

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	76
4.1 Desafios atuais, dificuldades e a mudanças necessárias. O que ainda faz com que o professor continue nessa profissão?	79
4.2 Ser professor no século XXI definido em uma palavra.....	81
5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	85
5.1 Entrevistas com professor 1.....	86
5.2 Entrevista com professor 2	89
5.3 Entrevista com professor 3	91
5.4 Entrevista com professor 4	96
5.5 Entrevista com professor 5	99
5.6 Entrevista com professor 6	101
5.7 Entrevista com professor 7.....	104
5.8 Entrevista com professor 8	108
5.9 Entrevista com professor 9	110
5.10 Entrevista com professor 10114	

5.11	Entrevista com professor 11	118
5.12	Entrevista com professor 12.....	121
6	ANÁLISE DOS RESULTADOS: “CROSS CASE”	124
7	RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE “SER PROFESSOR”.....	136
8	DIALOGANDO COM OS RESULTADOS	141
8.1	Ser professor no contexto do século XXI: novos desafios.....	141
8.2	O mal-estar docente resultante da crise de identidade frente às novas demandas sociais.	147
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	160
	REFERÊNCIAS.....	168
	 ANEXOS	 173
	Anexo 1 - Aprovação CEP- CCPQ	174
	Anexo 2 - Entrevista com Jô Levy – por Marcus Tavares	175
	 APÊNDICES.....	 179
	Apêndice A - Levantamento do Perfil	180
	Apêndice B - Questionário sobre o tema.....	181
	Apêndice C - Entrevista Aberta (não estruturada).....	183
	Apêndice D - Relatos escritos	184

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa intitulada “Ser professor no contexto do século XXI: representações sociais de professores” buscou identificar as representações sociais de professores sobre “ser professor na atualidade” e as principais dificuldades, desafios e inquietações desses profissionais.

Ser professor no contexto deste século supõe uma ação docente diferente, uma vez que, várias mudanças ocorreram e vivemos um momento peculiar de transformações. Para melhor entender o que é ser professor nesse contexto é necessário caracterizar o século XXI refletindo sobre suas influências na prática pedagógica do professor e o que se espera dela.

O interesse pelo tema dessa pesquisa surgiu durante minha trajetória profissional, a partir da observação das preocupações, dificuldades e comportamentos dos professores da escola em que fui coordenadora pedagógica, da observação das falas feitas por eles no curso de formação continuada “Pró-letramento” promovido pelo MEC no qual fui formadora, e a partir de observações das falas informais na sala de professores.

A variedade de queixas levou-me a perceber um mal estar entre os docentes, o qual também notado por autores que indicam essa situação com a denominação de “crise de identidade profissional”. Segundo Nóvoa (1992, p. 22):

A crise da profissão docente arrasta-se há longos anos e não se vislumbram perspectivas de superação há longo prazo. As conseqüências da situação de mal estar que atinge o professorado estão à vista de todos: desmotivação pessoal e elevados índices de absenteísmo e de abandono, insatisfação profissional traduzida numa atitude de desinvestimento e de indisposição constante (face ao ministério, aos colegas, aos alunos, etc.) recurso sistemático a discursos – álibi de desculpabilização e ausência de uma reflexão crítica à ação profissional, etc. Esta espécie de auto depreciação é acompanhada por um sentimento generalizado de desconfiança em relação às competências e a qualidade do trabalho dos professores, alimentado por círculos intelectuais e políticos que dispõem de um importante poder simbólico nas atuais culturas da informação.

O mal estar docente entendido como “resumo dos sentimentos dos professores” (ESTEVE, 2005) causado pela crise de identidade profissional em uma sociedade em constante mudança em que realizar o trabalho docente tem sido cada vez mais complexo devido a vários fatores, dentre eles a desvalorização do profissional da educação, as mudanças sociais ocorridas no último século, afetando principalmente a família e pelo fato da escola estar inserida num contexto cada vez mais distinto do qual foi pensada inicialmente.

Segundo Bolivar (2002), dentro do contexto atual da nova realidade social, “as novas demandas educativas situam os professores em um lugar diferente na cena educativa, que questiona a sua identidade” e:

(...) Do ponto de vista da interação, quando o exercício de uma profissão passa de algo estável transmitido e assentado, em algumas práticas para uma atividade incerta, pouco reconhecida ou problemática, estamos diante de uma crise de identidade. (Bolivar, 2002, p. 17).

As mudanças sócio-políticas e econômico-sociais mudaram o perfil do aluno e do que se espera do professor surgindo assim, a necessidade de adequação de suas práticas e o sentimento de incerteza diante seu trabalho, a identidade do professor passa a ser questionada e a profissão docente pouco reconhecida.

Conforme Bolivar (2002, p. 18) o contexto é de crise de identidade profissional no campo docente. A escola universal e obrigatória exige uma “autêntica reconversão profissional”, atualmente é preciso ter professores com uma formação específica e especializada para atender grande diversidade social e cultural, porém:

“ninguém proporcionou a esses professores, mobilizados com uma lógica mais militar que pedagógica, os instrumentos teóricos e metodológicos necessários para desempenhar com mais garantia o perfil profissional que agora lhes é exigido”. (BOLIVAR, 2002, p. 18).

As estruturas das escolas são herdadas da modernidade e não se encaixam na nossa realidade pós-moderna. Para reconstruir a identidade profissional é preciso adquirir novas competências profissionais, transversais ou genéricas a qualquer prática ou professor, adequadas às circunstâncias atuais. Para Perrrenoud “a verdadeira competência pedagógica consiste em

relacionar os conteúdos com os objetivos e as situações de aprendizagem”. Ser professor é muito mais que conhecer os conteúdos a serem ensinados.

Tedesco (2004) mostra que a sociedade passou por grandes transformações no século XX e que a escola parece não acompanhar essas transformações. Segundo esse autor, no século XX a família se modificou muito mais que a escola.

Analisando a relação escola-sociedade, Tedesco (2000) relata que a escola não está pronta para lidar com as alterações na estrutura familiar da sociedade atual:

Con respecto a la familia, las informaciones disponibles confirman su significativo papel en la explicación de los resultados de aprendizaje de los alumnos. Estos resultados indican que la escuela parece diseñada para recibir un alumno dotado de una estructura familiar “normal”, capaz de cumplir con su papel socializador tradicional y con sus funciones de apoyo al proceso de aprendizaje de los hijos. Cuando este entorno familiar no existe, los resultados del aprendizaje tienden a disminuir.¹ (TEDESCO, 2000, p. 110-111.)

No vínculo escola-família, Tedesco (2000, p.110) defende que é preciso permitir a coexistência de estratégias diversas que estariam de acordo com as necessidades destinadas a compensar “diferencias en el nivel económico sino también en el nivel afectivo.”

Diante do exposto no tocante à relação escola-sociedade e da crise de identidade profissional, pergunta-se: qual representação social que os professores elaboram sobre o seu trabalho hoje, ou seja, o que é ser professor no século XXI? A representação social é uma indicação para ação, orienta o comportamento do sujeito e o situa no universo das relações sociais. As representações sociais são:

(...) elaborações mentais construídas socialmente, considerando a dinâmica que se estabelece entre a atividade psíquica do sujeito e o objeto do conhecimento. Relação que se dá na prática social e histórica da humanidade e que se generaliza pela linguagem. O objeto pensado e falado é portanto fruto da atividade humana, ou

¹ Com respeito à família, as informações disponíveis confirmam seu significativo papel na explicação dos resultados de aprendizagem dos alunos. Estes resultados indicam que a escola parece destinada para receber um aluno dotado de uma estrutura familiar “normal”, capaz de cumprir com seu papel socializador tradicional e com suas funções de apoio ao processo de aprendizagem dos filhos. Quando este contexto familiar não existe, os resultados da aprendizagem tendem a diminuir. (TEDESCO, 2000: 110 - 111)

seja, uma réplica interiorizada da ação. (FRANCO; NOVAES, 2001, p.5).

Assim, o presente estudo buscou identificar e entender as representações sociais dos professores, isto é, do que é ser professor no contexto do século XXI, considerando-se as características da sociedade atual. Buscou-se também, identificar as dificuldades que esses professores enfrentam nesse contexto.

Foram pesquisadas no site da IBICT, Instituto brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, teses e dissertações sobre o assunto, defendidas nas universidades brasileiras, além de artigos publicados na Scielo-Scientific Electronic Library Online. Seguem abaixo um breve comentário daqueles que mais se aproximam do tema desse estudo.

No site da IBICT encontram-se várias dissertações sobre representações sociais referentes aos mais diversos temas relacionados à educação, inclusive do ser professor, com diferentes especificidades, como ser professor de educação inclusiva, de ciências, etc. Destas encontradas, em nenhuma observei o mesmo objetivo visado na presente pesquisa que é identificar as representações sociais do “ser professor no contexto do século XXI”, motivo pelo qual esses se diferenciam, portanto, deste trabalho.

Dentre esses trabalhos foram selecionados alguns que mais se aproximam do estudo em questão, os quais serão apresentados na sequência abaixo:

✓ “Era um sonho desde criança: a representação social da docência para os professores do município de Queimadas-PB” (2008), de Jameson Ramos Campos, tem como objetivo acessar e compreender a representação social da *docência* para professores de educação infantil e fundamental do município de Queimadas na Paraíba.

Partindo do princípio de que essa representação permite ao professor “nomear a sua profissão e agir em relação a ela, é produto de regularidades que se expressam na forma de um habitus, matriz geradora de percepção e de ação”, habitus esse que tem raízes nas experiências do grupo estudado, constatou-se que a representação do ser professor se manifesta em quatro dimensões: do amor e do cuidado, da ajuda e da doação, do ensinar/aprender e do sacrifício e da esperança.

✓ “Em busca da carta roubada: alguns aspectos relacionados ao mal-estar docente”, de Rita de Cassia Ribeiro David (2010), cujo objetivo foi refletir a respeito do mal-estar docente em relação ao desamparo psíquico do sujeito. Aborda os efeitos da globalização na vida dos seres humanos, ressaltando os aspectos das pressões externas em relação ao mal-estar na atualidade.

✓ “Escola pública: bem-estar docente, mal-estar docente e gênero”, de Cecy Maria Martins Marimon Gonçalves, (2007) problematiza o bem-estar e o mal-estar docentes, foi realizada com docentes de uma escola pública, um estudo quantitativo e qualitativo, que permitiu identificar as relações existentes entre bem-estar e mal-estar docentes e gênero. A análise quantitativa mostra que o fenômeno mal-estar atinge 25% do grupo pesquisado e “é atravessado pelas relações de gênero: altos níveis de mal-estar docente acometem apenas as mulheres, enquanto nos níveis elevados de bem-estar docente, a maioria é do sexo masculino”.

Na análise qualitativa foram identificadas quatro categorias, que relacionam o bem-estar e o mal-estar docentes à formação cultural de homens e mulheres e suas consequências na realização das tarefas domésticas e profissionais, dimensão do cuidado; à relação direta entre os tempos de trabalho escolar e doméstico e os níveis de estresse e exaustão profissional; às mudanças no contexto sócio-econômico e político-educacional.

As reflexões elaboradas indicam a importância do processo de destradicionalização das relações de gênero, a necessidade de ampliar os estudos sobre o tema e de divulgá-los amplamente, de forma que atinja os responsáveis pelas decisões e políticas públicas, visando minimizar alguns dos potenciais estressores de ordem extrínseca, presentes na atividade docente. Observa-se, portanto, que apesar de relacionar o mal-estar com as mudanças atuais, como foi feito na presente pesquisa, Gonçalves, (2007) enfoca principalmente a relação do bem-estar e mal-estar relacionando-os com a formação cultural dos gêneros.

✓ A tese de doutorado “Um olhar implicado sobre o mal-estar docente” de Silvana Maria Aranda, (2007), trata o que leva professores a vivenciarem o mal-estar docente, visto como um dos traços da profissão professor na contemporaneidade, evidenciado através da manifestação das dificuldades ou impossibilidades de lidar com as problemáticas presentes na

escola. A manifestação observada nos relatos de sentimentos de angústia, desconforto e impotência, resultantes do tensionamento nas relações estabelecidas e mediante a necessidade de intervenção do professor e as reais possibilidades dessa intervenção. Constatou-se que o mal-estar docente está presente tanto nas escolas da Rede Pública quanto nas da Rede Particular provenientes da relação com o aluno, com a comunidade escolar, com as colegas e equipe diretiva.

✓ A dissertação de mestrado “Para além do sofrimento: uma possibilidade de re-significação do mal-estar docente”, de Betania Oliveira Barroso (2008), tem por objetivo investigar o mal estar psíquico com histórico de licenças médicas.

✓ “A docência do século XXI: formando competências para o uso das TICs na UFPB” (2006) de Lebiã Tamar Silva Bezerra situa a docência no século XXI, abordando a formação de professores e de competências necessárias para se lidar com as tecnologias da informação e comunicação considerando nossa inserção na sociedade do conhecimento e da informação, a diferença entre esta e a minha pesquisa é bem nítida apesar da referência ao século XXI e suas características.

✓ “O (des) prestígio social na profissão docente: o ser professor/a nas séries iniciais” de Edilene Eunice Cavalcante Maioli (2004) visa compreender como se constituem as representações sociais do desprestígio social “bem como a interpretação deste movimento dialético no interior da docência de professoras das séries iniciais e seus possíveis desdobramentos na profissionalidade dessas docentes”.

No site da Scielo Brasil foram encontrados alguns artigos relacionados ao tema:

1. O artigo “Perspectivas atuais da educação”, de Moacir Gadotti (2000), considera que o há um consenso de que o desenvolvimento de um país está condicionado à qualidade da sua educação e, assim, a pergunta que se faz é: qual educação, qual escola, qual aluno, qual professor? Buscando compreender a educação no contexto da globalização e da era da informação tira conseqüências desse processo e aponta o que poderá permanecer da "velha" educação, indicando algumas categorias fundantes da educação do futuro.

No aspecto que se refere ao objetivo visa apontar o que deve permanecer e, além disso, indica categorias fundantes para educação do futuro, e nesse sentido difere da presente pesquisa, e, por outro lado, se assemelha na parte que situa a busca de compreensão da educação no contexto da globalização e da era da informação.

2. “A teoria das representações sociais nos estudos sobre representações de professores” de Menin, Shimizu e Lima (2009), aponta os resultados da pesquisa em que se analisou 27 teses de doutorado e dissertações de mestrado de programas brasileiros de Pós-Graduação em Educação que usam a teoria de representações sociais para estudar representações de/ou sobre professor. Para a realização dessa análise foram investigados, principalmente, aspectos metodológicos relacionados ao uso da Teoria das Representações Sociais (TRS), a síntese dos resultados e sua contribuição para a educação, para a formação de professores e para própria teoria.

Essa pesquisa tem como objeto as pesquisas que usam as Teorias das Representações Sociais e suas contribuições. É sem dúvida um trabalho que contribui para minha pesquisa, pois aponta falhas nas pesquisas em representação social que foram analisadas e que podem ser evitadas. Das pesquisas sobre representação social de professores citadas e analisadas neste trabalho, várias são as representações sociais de professores estudadas, mas nenhuma se refere às representações sociais de ser professor no contexto do século XXI.

3. “As missões (im) possíveis do professor. O bem/mal estar docente”, de Jesus Maria Sousa (sem data), visa refletir os porquês de emoções e sentimentos tão contraditórios, como sugere o título do artigo. Com as perguntas: “O que se espera do professor? O que dele se exige? Missões ao seu alcance ou impossíveis de realizar? Missões psicologicamente gratificantes ou portadoras de uma sensação de desconforto e incomodidade, ou de mal-estar?”.

Essa pesquisa se assemelha a pesquisa ora relatada por abordar o mal-estar docente, porém com abordagem diferente e centrada no mal-estar.

4. “Ser Professor: Um ofício em vias de extinção. Reflexões sobre práticas educativas face, à diversidade, no limiar do século XXI,” de Luiza Cortesão (2006) tem como objetivo analisar o papel e o significado da

atuação dos professores e de analisar questões de produção e reprodução do saber nos papéis desempenhados pelos professores e pelos investigadores, face ao atual contexto socioeconômico e cultural, ou seja, frente à dicotomia globalização/diversidade.

Considerando o contexto do século XXI e suas características este estudo se assemelha a presente pesquisa, porém cabe salientar que o enfoque maior é na produção e reprodução do saber nos papéis desempenhado pelos professores sob a luz de diferentes autores e nisto se diferencia.

5. O artigo “Representações da identidade docente: uma contribuição para a formulação de políticas”, de Alves-Mazzotti (2007) se assemelha ao tema estudado nesta pesquisa, pois “focaliza uma pesquisa que teve por objetivo identificar as representações da identidade docente construídas por professores da rede pública de ensino fundamental do Rio de Janeiro frente aos desafios postos à escola na contemporaneidade” (ALVES-MAZZOTTI, 2007, p. 579).

É o que mais se aproxima do nosso estudo porque os professores participantes também são da rede pública e do ensino fundamental, a pesquisa visa identificar as representações sociais também no contexto dos desafios contemporâneos.

O que o diferencia é a abordagem estrutural das representações (segundo Abric), os dados foram coletados por meio de um teste de associação de palavras e foram tratados utilizando o software EVOc. Os professores participantes foram divididos entre os de 1ª a 4ª série e 5ª a 8ª e os resultados indicaram diferenças significativas entre as representações dos dois grupos.

No site da Scielo Colombia “La creatividad como un desafío para la educación del siglo XXI”, de Klimenko (2008), realiza um percurso pelo conceito de criatividade e seus componentes que possibilita sinalar orientações metodológicas e pedagógicas para a educação. Afirma que a educação está frente ao desafio de uma revolução educativa tendente a criar novos modelos pedagógicos, enfocada a promover a capacidade criativa dos estudantes em todos os níveis, desde o pré-escolar até a educação superior.

Embora tenha direcionamento do olhar para o século XXI, o enfoque é “a criatividade”, são expostos os componentes importantes para desenvolver a capacidade criativa: atitude criativa do professor, criação e uso

de estratégias pedagógicas e didáticas nas aulas, promoção de atmosferas criativas e nascimento da criatividade como valor cultural.

Observa-se, portanto a partir deste levantamento nas bases de dados citadas acima que, apesar da grande quantidade de pesquisas sobre representação social nos mais variados temas, inclusive de pesquisas sobre representações do “ser professor”, que a abordagem específica sobre o ser professor no contexto do século XXI não foram encontradas.

A pesquisa de Campos (2008) teve como objetivo acessar e compreender a representação social da *docência* para professores de educação infantil e fundamental do município de Queimadas na Paraíba, considerando que o “habitus” desses sujeitos tem raízes nas suas experiências e constatou-se que a representação do ser professor para eles se manifesta em quatro dimensões.

É verdade que, assim como a presente pesquisa, várias pesquisas falam da sociedade contemporânea e dos desafios do século XXI, porém trabalham com recortes específicos como a criatividade e a necessidade de desenvolver as capacidades a ela relacionadas, como o trabalho realizado por Klimenko (2008), o artigo de Alves-Mazzotti (2007) que enfocam as representações de ser professor frente aos atuais desafios diferenciando as representações do grupo de 1º a 4º e 5º a 8º séries que hoje tem nomenclatura diferente com a introdução do ensino fundamental de 9 anos.

O trabalho de Cortesão (2006) que reflete as práticas educativas no limiar do século XXI tem o enfoque maior na produção e reprodução do saber nos papéis desempenhados pelos professores neste contexto, sob a luz de diferentes autores.

Ainda sobre o contexto atual o estudo realizado por Gadotti (2000), buscando compreender a educação no contexto da globalização e da era da informação aponta o que poderá permanecer da “velha” educação, indicando algumas categorias fundantes da educação do futuro, assim nota-se a diferença do objetivo deste trabalho.

A pesquisa realizada por Bezerra (2006) enfoca a necessidade de formação de competências necessárias para se lidar com as tecnologias da informação e comunicação considerando nossa inserção na sociedade do conhecimento e da informação docência no século XXI.

O fato que motivou a realização do presente estudo foi a constatação da crise de identidade e o mal-estar docente, e neste mesmo enfoque foram realizadas e publicadas várias pesquisas sobre o assunto, porém, a maioria é de cunho psicanalítico, como a pesquisa esta pesquisa realizada por David (2010), que buscou em obras de Freud, Lacan e seus seguidores aspectos internos que nos predispõem a essa forma de sofrimento, mas que podem também direcionar o sujeito em busca de uma saída singular para esses problemas.

O mal-estar docente é objeto de estudo de várias pesquisas, entre elas está a de Sousa (s. d.), sobre o que se espera do professor hoje, se missões possíveis ou impossíveis, ressaltando os aspectos das pressões externas em relação ao mal-estar na atualidade. A pesquisa de Aranda (2007) trata o que leva professores a vivenciarem o mal-estar docente característico da profissão professor na contemporaneidade, evidenciado através da manifestação das dificuldades ou impossibilidades de lidar com as situações problemáticas presentes na escola.

A pesquisa de Barroso (2008) investigou o mal estar psíquico com histórico de licenças médicas. Maioli (2004) buscou compreender como se constituem as representações sociais do desprestígio social e a interpretação deste movimento dialético no interior da docência.

Assim como a presente pesquisa, as pesquisas encontradas abordam temas relacionados aos novos desafios do século XXI, ao mal-estar e crise da profissão docente e as representações sociais de professores, porém com outro enfoque e diferentes objetivos e este fato contribui para relevância da realização da pesquisa ora relatada.

Como relevância para realização de uma pesquisa “destacam-se aquelas de caráter pessoal, acadêmico, profissional e social” (PESCUMA E CASTILHO, 2008, p. 25). A relevância pessoal dessa pesquisa diz respeito ao “mal-estar docente” que pude observar por meio do contato com vários professores em diferentes situações conforme já foi dito anteriormente, mal-estar este, entendido como resumo dos sentimentos dos professores (ESTEVE, 2005), sentimentos contraditórios negativos e positivos resultantes da crise de identidade profissional em uma sociedade em que o trabalho docente depara-se com as incertezas da mudança.

Neste contexto em que o trabalho do professor acontece em meio à incerteza provocada pelas mudanças constantes e profundas a constatação de que, realizar o trabalho docente tem sido cada vez mais complexo devido à desvalorização do profissional da educação e às mudanças ocorridas no último século que afetam as instituições, principalmente a família e a escola, por estarem inseridas num contexto cada vez mais distinto, levou a esse envolvimento com o tema que motivou esta pesquisa.

No tocante à relevância acadêmica, acredito que esta pesquisa poderá contribuir, juntamente com as reflexões e estudos já realizados sobre o tema, para o melhor entendimento do que é ser professor neste contexto revolucionário no qual nos encontramos e a partir disso levantar as necessidades de implementação ou mudança nos cursos de formação inicial e continuada, de forma a minimizar este sentimento de falta de preparo gerador de mal-estar.

Assim, as transformações sociais, políticas e econômicas ocorridas no mundo tendem a exigir mudanças no modelo escolar, na forma pela qual está instituído, para adequar-se às novas demandas sociais e essas mudanças devam partir também das instituições formadoras de docentes.

Segundo Tedesco (2004) no século XX a família se modificou de tal maneira, de modo que chegou a provocar o que ele chama de “erosão no apoio familiar” afetando a relação escola-família produzindo uma nova dissociação entre estas duas instituições, sentida e comentada pelos professores.

O modelo escolar precisa adequar-se às demandas sociais provenientes da sociedade atual de forma a incluir e a atender, na escola, a toda diversidade com que lidamos no dia a dia. São alunos com dificuldades de aprendizagem, alunos com famílias desestruturadas (o que é uma característica marcante deste século), ou ainda, aqueles que mal têm contato com a sua família, pois os pais chegam à noite do trabalho e saem de madrugada, como por exemplo, os cortadores de cana, entre outros.

A relevância profissional dessa pesquisa se dá pelo fato de que ao entendermos o processo de transformação pelo qual vem passando a sociedade e ao identificar as respectivas dificuldades enfrentadas pelos professores pode-se chegar a reflexões que nos mostrem caminhos para adequação ao novo contexto revolucionário em que nos encontramos.

A relevância social encontra-se na possibilidade de se levantar problemas e dificuldades enfrentados pelos atuais docentes, alertando assim, para as suas necessidades enquanto profissionais e enquanto pessoas que lidam com outras pessoas. Apontar as necessidades do público atendido pela escola e contribuir para resgatar o papel dos professores enquanto intelectuais transformadores, envolvidos na construção de uma sociedade melhor, como seres da práxis. Alves (1999, p.15) comenta que:

Marx apropriando-se da expressão grega práxis, concebe o trabalho como atividade especificamente humana, através da qual o homem se cria, criando e transformando o mundo.

Como tal, o trabalho comporta aspectos negativos (como a exploração e a alienação). E positivos (como as ações conscientes e livres), transcendendo os limites marcados pela reprodução da existência física para alargar-se em dimensões expressas na manifestação e elaboração da vida humana.

Quando se visa evitar esses aspectos negativos do trabalho e também evitar a formação de profissionais alienados, ao formar professores é preciso investir na formação de intelectuais transformadores que, segundo Giroux apud Alves (1999, p.48) são aqueles “capazes de trabalhar com grupos que se propõem a resistir às intenções de opressão e dominação presentes na escola e na sociedade e a participar de uma luta coletiva por emancipação, oferecendo liderança e apoio a esses grupos”.

A origem da palavra trabalho remete à ideia de tortura:

A etimologia da palavra *trabalho* deriva do vocábulo latino *tripaliare* e do substantivo *tripalium* e representa um instrumento de tortura formado por três paus, ao qual eram atados os condenados e que também servia para manter presos os animais difíceis de ferrar (ARANHA; MARTINS, 1994). As referências a este instrumento (tridente) são também encontradas nas representações das figuras do demônio, ou seja, a concepção de trabalho vem de há muito vinculada a uma visão negativa de tortura, castigo, punição e sofrimento. (OLIVEIRA, 2003, p.1)

Figura 1 - Tripalium.



Fonte: <http://marciomorena.wordpress.com/2012/01/23/visoes-ideologicas-do-trabalho-ao-longo-da-historia/>

Os aspectos negativos como a alienação e exploração comportados pelo trabalho e apontados por Marx na citação supramencionada contribuem para que o trabalho assuma a característica de instrumento de tortura, o mesmo ocorre devido à crise de identidade profissional frente às novas demandas.

As novas demandas educativas provenientes da nova realidade social situam os professores em um lugar diferente na cena educativa questionando a sua identidade, diante disso podemos concluir que se trata de um contexto de crise de identidade profissional no campo docente e assim levanta-se a questão principal: “O que é ser professor dentro deste contexto”? Buscando caracterizar e conhecer o professor do século XXI, torna-se necessário para tanto, situá-lo dentro do contexto histórico estudado e assim definir: Quais as características desse contexto? Quais as maiores dificuldades enfrentadas pelos professores deste século? O que mais os incomoda, deixa-os enfurecidos ou desanimados? O que os estimula a continuar na profissão? O que deve ser mantido? Como se sentem diante dos desafios da nova realidade social? O que é ser professor, hoje?

O presente trabalho foi organizado em partes e apresenta-se da seguinte forma:

A primeira parte é constituída pela introdução e o embasamento teórico. A introdução descreve os motivos que levaram à pesquisa, apresenta o problema que a desencadeou e a justificativa para este estudo. A base teórica que fundamenta a pesquisa se subdivide em cinco subtítulos:

- Representações sociais, no qual buscamos compreender o que é e como se formam as representações sociais apresentando o conceito de representação social segundo os autores estudados.

- O mal estar docente, no qual será abordado o referido fenômeno e suas causas mais comuns com o objetivo de levar a uma melhor compreensão do mesmo enquanto um fenômeno atual considerado por Esteve como uma doença social e percebê-lo na relação com as representações formadas pelos professores.

- Caracterizando o século XXI, em que são descritos os elementos caracterizadores deste século os quais compõem o contexto para elaboração das representações sociais dos sujeitos estudados.

- Ação docente, processo formativo e concepção de professor é o item do capítulo em que são apresentadas, com base nos autores estudados uma reflexão sobre a formação de professores, sobre ação docente e a concepção de professor.

- Processo de profissionalização é o item no qual se apresenta um breve histórico sobre períodos de profissionalização e desprofissionalização repleto de lutas e conflitos.

Na segunda parte relata-se os procedimentos metodológicos da pesquisa, ou seja, a forma pela qual o trabalho de investigação foi conduzido desde a coleta de dados ao encaminhamento da pesquisa, refere-se às opções metodológicas relacionadas à coleta de dados e procedimentos de análise.

Engloba ainda a análise de conteúdo, apresentação e discussão dos dados coletados através de questionários, uma breve análise individual das entrevistas, a análise dos resultados “Cross-Case”, ou seja, “cruzamento de casos” e ainda os relatos escritos pelos professores os quais consideram significativos para ilustrar o que é “ser professor no atual contexto”. São apresentadas ainda algumas considerações finais, e por fim as referências bibliográficas, anexos e apêndices.

2 EMBASAMENTO TEÓRICO

2.1 Representações Sociais

Os professores elaboram pensamentos sobre seu trabalho e sobre sua identidade. Como o faz é o objetivo deste item no qual buscamos compreender o que é e como se formam, as representações sociais. A identidade:

Segundo a perspectiva de Erick Erikson (1972), um dos autores cujos estudos sobre o tema são bastante difundidos, a identidade tem como modelo o indivíduo em situação de competência e eficácia sociais; “crise de identidade”, “crise de identidade” são terminologias empregadas que sugerem uma forma abstrata, a-temporal, e a-histórica de concebê-la.

Quando se referem ao conceito de identidade, os autores empregam expressões distintas como imagem, representação e conceito de si; em geral, referem-se a conteúdos como conjunto de traços de imagens, de sentimentos que o indivíduo reconhece como fazendo parte dele próprio. Na literatura norte-americana o termo consagrado é “self” ou “self concept”, correspondendo a conceito de si; a tradição européia privilegia a noção de representação de si. A identidade pode ser representada pelo nome, pelo pronome eu ou por outras predicções como àquelas referentes ao papel social. No entanto, a representação de si através da qual é possível apreender a identidade é sempre a representação de um objeto ausente (o si mesmo). Sob este ponto de vista a identidade se refere a um conjunto de representações que responde a pergunta ‘quem és’. (Jackes, 1998, p.160-161)

Na perspectiva da Psicologia Social, o homem é concebido como um ser social, que se constitui mediante um processo de interação. Conforme Moscovici (2009, p.40) “Todas interações humanas, surjam elas entre duas pessoas ou entre grupos, pressupõe representações. Na realidade é isso que as caracteriza.” Por meio de um processo de comunicação socializada os significados são repassados.

Considerando que a representação social é uma representação para ação que orienta o comportamento do sujeito e o situa no universo das relações sociais, então, as representações sociais são:

(...) as elaborações mentais construídas socialmente, considerando a dinâmica que se estabelece entre a atividade psíquica do sujeito e o objeto do conhecimento. Relação que se dá na prática social e histórica da humanidade e que se generaliza pela linguagem. O objeto pensado e falado é, portanto fruto da atividade humana, ou seja, uma réplica interiorizada da ação. (FRANCO; NOVAES, 2001, p.5)

Conforme Costa e Almeida (2011) embora outros teóricos como Durkheim e Piaget houvessem trabalhado o tema, foi Serge Moscovici em 1961, quem fez ressurgir o conceito de representações sociais renovando a teoria das representações sociais, inclusive tendo como proposta passar a “considerar como um fenômeno o que antes era visto como um conceito” (Moscovici, 2009, p.45). Com Durkheim o conceito era visto estritamente no âmbito da sociologia, em Piaget, no âmbito essencialmente cognitivista, Moscovici vem dar a mediação entre o individual e o social.

O conceito de representação para chegar ao que é hoje, passou por duas fases segundo Costa e Almeida (2011), sendo que na primeira se destacaram: Simel, Weber e Durkheim.

Durkheim foi o primeiro a fazer uso desse conceito partindo do pressuposto de que:

(...) a ciência para estudar as representações tinha que reconhecer a oposição entre o individual e o coletivo. Isso porque, para ele, o substrato da representação individual era a consciência própria de cada um, sendo, portanto, subjetiva, flutuante e perigosa. A ordem social, por outro lado, o substrato da representação coletiva era a sociedade em sua totalidade e, por isso, seria impessoal e ao mesmo tempo, permanente, garantindo, assim, a ligação necessária entre os indivíduos e, conseqüentemente, a harmonia da sociedade. (COSTA; ALMEIDA, 2011, p. 1)

Fazem parte da primeira fase, segundo Costa e Almeida (2011, p.1) os estudiosos Simel e Weber, sendo que, para o primeiro a representação “era o operador que permitia ações recíprocas entre os indivíduos” enquanto que, para Weber “ela era o vetor da ação dos indivíduos, ou seja, a representação seria um saber comum com o poder de antecipar e prescrever o comportamento dos indivíduos”.

Na segunda fase passa-se a valorizar mais a dinâmica das representações do que seu caráter coletivo, sendo esta fase marcada por Lewy Bruhl, Piaget e Freud:

Na opinião de Lewy Brul, os indivíduos sofrem influência da sociedade, na qual estão inseridos e, por isso exprimem sentimentos comuns, o que ele chama de representação. Para esse autor, o que difere uma sociedade da outra não é o grau de inteligência de seus membros, mas o tipo de lógica que cada uma se utiliza para pensar sua realidade concreta. (COSTA; ALMEIDA, 2011, p.1)

Segundo ainda Costa e Almeida, Piaget preocupado com aspectos lógicos e biológicos, defendia que, o fator que diferencia criança e adulto são as formas de pensar diferente e não a competência.

Quanto a Freud, este estava:

(...) preocupado em mostrar que as representações passam do coletivo para o individual e como o social intervém na representação individual. Para Moscovici (1989) é Freud quem põe às claras o trabalho de interiorização que transforma o resultado coletivo em dado individual e marca o caráter da pessoa. O caráter seria a expressão de teorias concebidas pelas crianças, inicialmente junto à família e que, progressivamente vão sendo substituídas por outras, à medida que as crianças vão ampliando o universo de suas relações sociais.

Assim, foram, sobretudo, os estudos de Durkheim, Piaget e Freud, que levaram Moscovici (1989) a retomar os estudos das representações, praticamente abandonado há quase meio século, após ter sido o fenômeno mais marcante da ciência na França. (Costa e Almeida, 2011, p.2)

Assim, a teoria das representações sociais, ressurgiu com Moscovici após um tempo esquecida, influenciada principalmente pelos estudos de Durkheim, Piaget e Freud.

A representação social é uma representação para ação, orienta o comportamento do sujeito e o situa no universo das relações sociais.

Para Moscovici (1978 apud MAZZOTTI, 2010, p.22-23):

(...) não existe separação entre o universo externo e o universo interno do sujeito: em sua atividade representativa, ele não reproduz passivamente um objeto dado, mas, de certa forma o reconstrói e, ao fazê-lo se constitui como sujeito, pois ao apreendê-lo de uma dada maneira, ele próprio se situa no universo social e material.

Explica o autor que ao fazermos uso dos pronomes “nós e eles” a distancia entre a primeira e a terceira pessoa do plural separa o lugar social no qual nos sentimos incluídos ou não, sendo expresso por “nós”, o lugar familiar e, expresso pelo pronome “eles” o lugar social impessoal. Segundo Moscovici (2009, p.50) “essa falta de identidade que está na raiz da angústia psíquica do homem

moderno, é um sintoma dessa necessidade de nos vermos em termos de “nós” e “eles” e, por conseguinte, da nossa impotência de ligar um ao outro” e que, ao identificar-se com o “nós” o sujeito pode se fechar em um mundo a parte, ou sendo o contrário, identificando-se com o “eles” podem se tornar como “robôs da burocracia e da administração”.

Moscovici (2009) interessado no lugar que as representações ocupam no universo pensante, antes determinado pela distinção entre ciências sagradas e profanas, diz que são substituídas pela distinção entre “universos consensuais e reificados”. No universo consensual a sociedade é vista como um grupo de pessoas iguais e livres em que cada um pode falar em nome do grupo obedecendo às convenções lingüísticas do grupo.

Neste universo consensual o pensar é feito em voz alta, considerando que:

“Se nós pensamos antes de falar e falamos para nos ajudar a pensar, nós também falamos para oferecer uma realidade sonora a pressão interior dessas conversações, através das quais e nas quais nós nos ligamos aos outros”. (MOSCOVICI, 2009, p. 51)

No universo reificado o do “eles” a sociedade é vista como um grupo formado por pessoas desiguais, com diferentes papéis e classes cuja competência determina o grau de participação. Esse universo é compreendido pelas ciências enquanto as representações tratam o universo consensual.

As representações “restauram a consciência coletiva e lhe dão forma, explicando os objetos e acontecimentos de tal modo que eles se tornem acessíveis a qualquer um e coincidam com nossos interesses imediatos” (Moscovici, 2009, p.52). Enquanto as ciências buscam tornar “não familiar o familiar em suas equações matemáticas e laboratórios” (p.59), as representações visam o contrário, tornar familiar o não familiar.

Dois processos geram representações sociais, são eles: a ancoragem e a objetivação. Na ancoragem como o próprio nome sugere, o sujeito tenta ancorar as idéias estranhas, colocando-as em um contexto familiar, conforme Moscovici, (2009, p.61):

A ancoragem – Esse é um processo que transforma algo perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada. É quase que ancorar um bote perdido em um dos boxes (pontos sinalizadores) de

nosso espaço social. Assim para os aldeões de Denise Jodelet, os doentes mentais colocados em seu meio pela associação médica foram imediatamente julgados e comparados a idiotas, vagabundos, epiléticos, ou aos que, no dialeto local eram chamados de “rogues” (maloqueiro). No momento que determinado objeto ou idéia é comparado ao paradigma de uma categoria e é re-ajustado para que se enquadre nela. Se a classificação, assim obtida é geralmente aceita, então qualquer opinião que se relacione com a categoria irá se relacionar também com o objeto e com a idéia. Por exemplo, a idéia dos aldeões mencionados acima sobre os idiotas, aos doentes mentais. Mesmo quando estamos conscientes de alguma discrepância, da relatividade de nossa avaliação, nós nos fixamos nesta transferência, mesmo que seja apenas para podermos garantir um mínimo de coerência entre o desconhecido e o conhecido. Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras.

Ao rotular o não conhecido, classifica-se o que estava inclassificável e ao classificar tal coisa passa a pertencer a uma classe tornando possível imaginá-la e representá-la, tornando-a familiar.

Ao se classificar algo fazemos comparação com o protótipo, por este motivo que Moscovici (2009, p.66) afirma que (se suas observações estão corretas) os nossos preconceitos “somente podem ser superados pelas mudanças de nossas representações sociais de cultura, da “natureza humana” e assim por diante”, caso contrário, é preciso convencer os grupos contrários de suas semelhanças.

Classificar e dar nomes são aspectos da ancoragem das representações, com objetivo de “facilitar a interpretação das características, a compreensão das intenções e os motivos subjacentes às ações das pessoas, na realidade, formar opiniões” Moscovici (2009, p.70).

A objetivação, outro processo gerador das representações sociais, transforma algo abstrato em quase concreto, no qual teorias incomuns passam a ser normais após algum tempo, de uma geração para outra, conforme aponta Maxwell, citado por Moscovici, que acrescenta: “o que é incomum e imperceptível para uma geração, torna-se familiar e obvio para a seguinte” (2009, p.71):

A materialização de uma abstração é uma das características mais misteriosas do pensamento e da fala. Autoridades políticas e intelectuais, de toda espécie, a exploram com a finalidade de subjugar as massas. Em outras palavras, tal autoridade está fundamentada na arte de transformar uma representação na realidade da representação; transformar a palavra que substitui a coisa, na coisa que substitui a palavra.

O autor afirma que comparar é representar, e como exemplo cita a comparação de Deus (invisível) com o pai, e basta para que Deus se torne visível

em nossas mentes. As representações dependem da memória, assim, ancoragem e objetivação, segundo Moscovici (2009, p.78), são formas de lidar com a memória:

A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que nela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para junta-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido.

As primeiras pesquisas realizadas em representações sociais tinham quatro princípios metodológicos em comum, sendo eles:

- Obter os materiais de conversações normalmente usadas na sociedade;
- Considerar as representações sociais como meios de recriar a realidade, podendo se referir a fatos, transportando o objeto de um nível abstrato para um nível concreto, ou podem se referir as idéias, compondo e decompondo o objeto através de uma mudança de perspectiva;
- A revelação do caráter social especialmente em tempos de crise, revolução e mudanças, fatos esses que excitam as memórias coletivas e motivam os indivíduos a buscar entender o mundo não familiar. Porém:

(...) a crise pior acontece quando as tensões entre universos reificados e consensuais criam uma ruptura entre a linguagem dos conceitos e das representações, entre conhecimento científico e popular. É como se a própria sociedade se rompesse e não houvesse mais maneira de preencher o vazio entre os dois universos. Essas tensões podem ser o resultado de novas descobertas, novas concepções, sua popularização na linguagem do dia-a-dia e na consciência coletiva – por exemplo, a aceitação, pela medicina tradicional, de teorias modernas, tais como a psicanálise e a seleção natural. Essas tensões podem ser seguidas de revolução concretas no senso comum, que não são menos importantes que a revoluções científicas. A maneira como ocorrem e re-ligam um universo a outro joga alguma luz sobre o processo de representações sociais e dá significado excepcional as nossas investigações. (MOSCOVICI, 2009,p.91)

- Nas reuniões informais os modos de pensamento e expressão refletem as curiosidades e laços que são estabelecidos nessas reuniões, e as elaborações das representações sociais são feitas por esse grupo de “amadores” que conforme Moscovici (2009, p. 92), são “equivalentes modernos daquelas sociedades de professores amadores que existiam a mais ou menos um século”, devendo considerar também que muitas representações provem de trabalhos profissionais

dirigidos a esse público amador, popularizando a ciência e possibilitando que leigos “se achem profissionais” em uma determinada área da ciência. Conforme exemplifica Moscovici, com a popularização da psicanálise, pacientes chegam aos consultórios com o diagnóstico pronto, ou seja, nomeando o seu problema.

O autor cita ainda algumas das primeiras pesquisas em representações sociais, sendo elas, sobre as representações sociais da psicanálise, de saúde e doença, do corpo, de doentes mentais, psicoterapia de grupo e sobre as imagens sociais de Paris.

Afirma, também, que a psicologia social tem como campo os objetos sociais que são os grupos sociais formados por indivíduos e grupo de indivíduos e suas relações, onde “Ideologias são seus produtos, a comunicação é seu meio de intercâmbio e consumo e a linguagem é sua moeda” (MOSCOVICI, 2009, p. 160). Difere da psicologia geral no que diz respeito ao seu campo de interesse, sendo que, a primeira tem o foco no comportamento e a psicologia social tem o foco no comportamento simbólico, este, portanto tem como aspectos fundamentais as manifestações verbais e não verbais compreendidas e viabilizadas devido às regras sociais e significados comuns adquiridos nas trocas sociais. É o senso comum que oferece acesso direto às representações sociais e à compreensão de como elas são geradas, comunicadas e colocadas em ação, no contexto que acontecem, e assim, “as representações sociais perdem, então, o caráter derivado e abstrato associado com as representações coletivas, para se tornarem de certo modo, um fenômeno concreto e observável” (MOSCOVICI, 2009, p. 201).

Esclarece o autor que:

Nós mesmos vemos as representações sociais se construindo por assim dizer diante de nossos olhos, na mídia, nos lugares públicos, através desse processo de comunicação que nunca acontece sem alguma transformação. Mesmo quando a mudança afeta o sentido, os conceitos, as imagens, ou a intensidade e associação das crenças, no seio de uma comunidade, ela é sempre expressa em representações (De Rosa,1987). (...) Dan Sperber (1990) formulou uma interessante teoria da comunicação de representações. Ele as vê como sendo geradas através de um processo de difusão epidemiológica de representações individuais. (MOSCOVICI, 2009, p.205)

As representações sociais de diferentes origens, sejam científicas ou religiosas, são condensadas em conhecimento comum e são substituídas conforme as necessidades. As descobertas científicas, principalmente as revolucionárias,

influenciam a ciência popular por se incorporarem as estruturas de linguagem e raciocínio, mudando as representações sociais.

Para Moscovici (2009, p. 210) “as representações sociais se apresentam como uma rede de idéias, metáforas e imagens, mais ou menos interligadas livremente, por isso, mais móveis e fluidas que teorias”. As representações são determinadas pela estrutura social em que se desenvolve podendo haver diferentes representações sociais de um mesmo objeto, sendo que, a especificidade das representações contribui para a diferenciação dos grupos sociais uma vez que, a peculiaridade de cada grupo social contribui para a especificidade de suas representações.

Os atores sociais têm um papel ativo na produção e transformação das representações, porém é preciso considerar “a relação entre as representações sociais e as configurações culturais dominantes, de um lado, e por outro, a dinâmica social no seu conjunto” (Cabecinhas, 2010, p.7). Para compreendermos as pressões à hegemonia e a conseqüente homogeneização de certas representações, sendo os meios de comunicação social, principalmente a televisão, um dos fatores responsáveis por este fato uma vez que, “(...) as imagens veiculadas através do ecrã tem já em si a idéia de consenso, de partilha por uma larga comunidade, o que facilita o conformismo”.

Por outro lado, as representações vivem de metáforas e a televisão:

“permite fazer corresponder a cada palavra um rosto, a cada conceito e idéia, uma imagem. A expansão do audiovisual mergulhou-nos num mundo de rostos, imagens e símbolos, nos quais se inscrevem as idéias mais abstratas, conferindo-lhes a materialidade que necessitam para viver, reproduzir-se e tornar-se realidade. (VALA apud CABECINHAS, 2010, p.7),

As formas de abordar as representações podem ser relacionadas ou não ao imaginário social, elas “são associadas ao imaginário social quando a ênfase recai sobre o caráter simbólico da atividade representativa de sujeitos que partilham uma mesma condição ou experiência social” (MAZZOTTI, 2010, p.1). Esta é a perspectiva adotada nesta pesquisa.

Segundo Jovchelovitch (1995) o espaço potencial para Winnicott é um lugar paradoxal que contém ao mesmo tempo o mundo da fantasia e da realidade, é, portanto, um espaço de símbolos. Os “Símbolos pressupõem a capacidade de

evocar presença apesar da ausência, já que sua característica fundamental é que eles significam uma outra coisa”. Segundo Jovchelovitch (1995, p.74):

Através dos símbolos, coisas diferentes podem significar umas as outras e podem mergulhar umas nas outras; eles permitem uma variabilidade infinita, e, ainda assim, são referenciais. Assim é a essência da atividade simbólica – da atividade do espaço potencial – o reconhecimento de uma realidade compartilhada – a realidade de Outros. Mas é um reconhecimento criativo que leva a um envolvimento com outros e com o objeto que é o mundo. É a referencia do mundo que garante a natureza criativa da atividade simbólica, de tal forma que a experiência de um ao se mesclar com a experiência de outros, cria continuamente a experiência que constitui a realidade de todos.

A autora afirma que no que diz respeito aos símbolos as idéias de Piaget e Winnicotti se aproximam, sendo que o primeiro enfocou o desenvolvimento cognitivo e o segundo o desenvolvimento emocional. Reconhece ainda a importância da obra piagetiana para a psicologia social e seu papel na teoria das representações sociais, uma vez que, as representações das coisas dependem das transformações mentais e do desenvolvimento do pensamento simbólico e da linguagem estudados por Piaget.

Jovchelovitch (1995, p.76) cita ainda as contribuições de Jodelet, Freud, Piaget e Kaes. Para Jodelet, “o sujeito é autor da construção mental, e ele a pode transformar na medida em que se desenvolve”. Esta considera que as representações são referenciais, ou seja, são sempre referencia de alguém para alguma coisa, são de caráter imaginativo e construtivo, autônoma e criativa e de natureza social por estruturar-se em elementos da linguagem provenientes de uma cultura comum.

Para Kaes, segundo Jovchelovitch (1995, p.76) sob a perspectiva psicanalítica a representação é “um trabalho de lembrança daquilo que está ausente e um trabalho de ligação”, afirma que os processos de condensação e deslocamento presentes na atividade onírica estão presentes também na representação.

Para Freud “o material primário da psique não tem como expressar-se de forma direta e o modo de expressão é exatamente o da representação, em que as pulsões encontram formas substitutivas em diferentes objetos”, através da atividade psíquica o objeto-mundo é recriado pelo sujeito que também se recria pela sua própria relação com o mundo, o objeto-mundo reaparece sob a forma de

representações, considerando que o conteúdo e as substâncias das representações são símbolos.

Para Piaget os processos subjacentes aos jogos simbólicos e aos sonhos da criança são o deslocamento e a condensação porque ambos se caracterizam pelo uso da representação simbólica.

Mesmo os mais básicos símbolos são o resultado de uma mistura de imagens, de contrastes, de identificações, que condensam por assim dizer a variedade de objetos, afetos e outros significativos ao redor da criança. Daí que deve haver um deslocamento de significados, entre esses vários objetos, (objetos aqui refere-se as coisas e as pessoas), dando a um a referência do outro, evocando em um a presença do outro. Torna-se claro então que condensação e deslocamento são parte inseparável da atividade simbólica. (JOVCHELOVITCH, p.1995, p.77)

Usando a linguagem psicanalítica a autora afirma que a atividade representacional é um trabalho da psique, que ocorre através de processos inconscientes denominados por Freud como condensação e deslocamento.

As representações são um fenômeno mediador entre o indivíduo e a sociedade porque na sua relação com os outros e o com mundo, as representações são criadas e permitem a existência de símbolos que segundo Jovchelovitch são “pedaços de realidade social mobilizados pela atividade criadora de sujeitos sociais para dar sentido e forma às circunstâncias nas quais eles se encontram” (1995, p.78). A representação simbólica é dada sobre e dentro da rede de significados já constituídos pelo sujeito na sua relação com o mundo que ele descobre e constrói através da comunicação e das práticas sociais como “diálogo, discurso, rituais, padrões de trabalho e produção, arte, em suma, cultura” (1995, p.79).

A autora enfatiza que as representações sociais vão além do trabalho individual do psiquismo e que ao analisar fenômenos psicossociais e representações sociais é “necessário analisar o social enquanto totalidade. Isso quer dizer que o social envolve uma dinâmica que é diferente de um agregado de indivíduos” (JOVCHELOVITCH, 1995, p.79). Assim: “as representações sociais são uma estratégia desenvolvida por atores sociais para enfrentar a diversidade e a mobilidade de um mundo que, embora pertença a todos, transcende a cada um individualmente” (p.81).

As mediações sociais geram as representações sociais, que por sua vez, tornam-se elas próprias mediações sociais que expressam o espaço do sujeito na sua relação para entender e construir o mundo.

2.2 O Mal-Estar Docente

Abordaremos o mal-estar docente e suas causas mais comuns com o objetivo de levar a uma melhor compreensão deste fenômeno atual considerado por Esteve como uma doença social e percebê-lo na relação com as representações formadas pelos professores.

Segundo Esteve (1999, p.11) “os primeiros indícios de mal-estar docente começaram a se tornar evidentes no início da década de 80 nos países mais desenvolvidos”. Na França a publicação do livro “Enquanto houver professores” apontava para o fato de que essa profissão já não atraía número suficiente de novos candidatos para substituir os que se aposentavam. Inicialmente acolhida com ceticismo essa idéia foi reconhecida pela imprensa quatro anos mais tarde reconhecendo que faltava professores na França.

Em 1989-1990 o mesmo problema foi detectado em Londres “o professor Alan Smither da Universidade de Manchester chamava a atenção para o fato de que só 12 mil professores de matemática estavam se preparando” (1990, p.12), enquanto isso, se calculava que em 1995 seriam necessários 22 mil novos professores para cobrir as vagas existentes. O mesmo ocorreu na Alemanha que “precisaria recrutar 36 mil novos professores do ensino primário enquanto só 19.800 estudantes se preparavam para isso”, sem contar que muitas pessoas que se preparam acabam não atuando no magistério. A causa do desinteresse pela profissão seria o mal estar docente:

A expressão “mal-estar docente” é intencionalmente ambígua. O termo “mal-estar” refere-se, segundo o Dicionário da Academia Real da Língua, a um “deslocamento ou incomodo indefinível”. A dor é algo determinado e que podemos localizar. A doença tem sintomas manifestos. Quando usamos o termo “mal-estar” sabemos que algo não vai bem, mas não somos capazes de definir o que não funciona e por quê. (ESTEVE,1999,p.12)

As mudanças ocorridas na sociedade e a massificação do sistema escolar gerada pela democratização do ensino nas últimas décadas causaram uma inadequação do sistema escolar às novas exigências, sendo que, as reações frente

às demandas sociais não têm acompanhado a rapidez das mudanças e “os professores se encontram ante o desconcerto e as dificuldades de demandas mutantes e a contínua crítica social por não chegar atender essas novas exigências” (ESTEVE, 1999, p.13)

O autor afirma que devido às mudanças ocorridas, a realidade do sistema educacional hoje é qualitativamente diferente o que torna necessário que o professor repense seu papel. Para Esteve (1999, p.14) “o primeiro passo para acabar com o mal estar é defini-lo. Saber em que consiste e evitar a imprecisão desse sentimento indeterminado” é somente o primeiro passo de um processo que requer esforço e adoção de medidas urgentes como adequar a formação dos professores às novas exigências do ensino e revalorizar a imagem social da profissão docente.

É preciso redefinir junto com a sociedade o papel que estamos representando. Não faz sentido que o sistema de ensino continue o absurdo de manter em um ensino massificado os objetivos de um sistema projetado para um ensino de elite. Não faz sentido que continuemos ensinando a maldade da mentira em uma sociedade que a utiliza publicamente como forma habitual de relação internacional. Nossa sociedade é hipócrita e ambivalente quando aplica a nós, professores, o velho discurso da abnegação e do valor espiritual e formativo do nosso trabalho, quando na verdade deprecia tudo o que não tem valor material. É injusto que a sociedade nos considere os únicos responsáveis pelos fracassos de um sistema educacional massificado, apressadamente maquiado para fazer frente à avalanche da crise social, econômica e intelectual de nossa sociedade. Sobretudo quando ninguém se atreve a redefinir funções porque pode se tornar impopular. (ESTEVE, 1999, p.19)

A escola não cumpre e não pode ser vista como instrumento de equalização social, o diploma não é mais garantia de trabalho, as reformas não tem dado conta de adequar as estruturas de ensino às novas demandas sociais, os professores são criticados por serem considerados obstáculos a renovação enquanto isso, estes se defendem dizendo que as reformas não vêm acompanhadas de condições materiais e de trabalho para que se efetivamente possa melhorar o ensino.

Esteve comenta a crise da profissão docente relatando várias notícias que apontam para uma ameaça de progressiva deserção dos professores devido a fatores estressantes como a desvalorização profissional, baixa retribuição salarial, condições de trabalho desfavorável, demissões, confrontos ideológicos, discrepância de valores, casos de agressão verbal e violência física, entre outros. O autor aponta

ainda a constatação, por estudo realizado, da grande procura à psicoterapia por parte dos professores e salienta que os docentes são submetidos a um esforço psíquico como consequência do clima dominante nas escolas.

É verdade que a crise do sistema escolar se arrasta há tempos e nada tem sido feito, até agora, para impedir que se chegasse ao que já estava previsto:

Com essa frase se expressava o professor Garcia Hós, em 6 de dezembro de 1975, no jornal ABC. “Nas situações assinaladas reflete-se a transformação da profissão docente; que, antes de ser uma atividade tranquila, de calma dedicação ao cultivo da ciência e às relações cordiais com aqueles que querem adquiri-la, passou a ser uma profissão marginalizada, pouco compreendida, muito menos reconhecida, em que a dureza penetrou até a entranha mesma da tarefa docente, e das relações pessoais do professor, (...). Com todas essas circunstâncias, não se estará criando uma nova classe esmagada pela inutilidade de seus esforços, sem ilusão em sua tarefa docente, frustrada em sua vocação? O risco de que seja assim é grande”. (ESTEVE, 1999, p. 41)

Nota-se, portanto, que 36 anos atrás já havia pessoas alertando para o rumo que a educação tomava, porém a crise da profissão docente é real e conforme Esteve (1999: 41), totalmente contraditória com a imagem idílica mostrada nos filmes e séries televisivas, onde “mais do que como educador, o professor aparece amigo e conselheiro” em ambiente tranquilo, fora da sala de aula, fora da sala de aula e individual, o que está muito distante da realidade que é conflitiva.

Procura-se passar nos filmes uma imagem atraente da profissão, com a qual os professores tendem a se identificar, mas que foge do real em que se percebe uma idealização da profissão docente, “quando de fato na prática educativa o exercício da docência aparece frequentemente relacionado a situações grupais conflitivas, muito distantes dessa visão ideal”. Para ilustrar isso Esteve cita o filme “O despertar de Rita” entre outros.

Ao recorrer ao enfoque normativo, ou seja, o que o professor “deve fazer ou ser”, a formação inicial estimula o estereótipo ideal, “sem que ao mesmo tempo ele seja preparado para a prática do ensino. O professor iniciante ficará desarmado e desconcertado ao perceber que a prática real do ensino não responde aos esquemas ideais com os quais ele foi formado”. (ESTEVE, 1999, p.42)

Um conjunto de experiências ruins vem afetando a personalidade dos professores causando o “mal-estar docente” ou o “**Teacher Burnout**” que segundo Carlotto (2002, p.21):

(...) no exercício profissional da atividade docente encontram-se presentes diversos estressores psicossociais, alguns relacionados à natureza de suas funções, outros relacionados ao contexto institucional e social onde estas são exercidas. Estes estressores se persistentes, podem levar a síndrome de Burnout, considerada por Harrison (1999) como um tipo de estresse de caráter persistente vinculado a situações de trabalho, resultante da constante e repetitiva pressão emocional associada com intenso envolvimento com pessoas por longos períodos de tempo.

Com surgimento paulatino e cumulativo, segundo Carlotto o processo do burnout é individual e pode demorar a ser detectado pelo indivíduo.

Atualmente, a definição mais aceita do **burnout** é a fundamentada na perspectiva social-psicológica de Maslach e colaboradores, sendo esta constituída de três dimensões: exaustão emocional, despersonalização e baixa realização pessoal no trabalho. Maslach, Schaufeli e Leiter (2001) assim definem as três dimensões da síndrome: Exaustão emocional, caracterizada por uma falta ou carência de energia, entusiasmo e um sentimento de esgotamento de recursos; despersonalização, que se caracteriza por tratar os clientes, colegas e a organização como objetos; e diminuição da realização pessoal no trabalho, tendência do trabalhador a se auto-avaliar de forma negativa. As pessoas sentem-se infelizes consigo próprias e insatisfeitas com seu desenvolvimento profissional. (CARLOTTO, 2002, p.23)

Entre as principais causas são apontadas por Carlotto como uma combinação de fatores, dentre eles:

O professor assume muitas funções, possui papéis muitas vezes contraditórios, isto é, a instrução acadêmica e a disciplina da classe. Também têm que lidar com aspectos sociais e emocionais de alunos, e ainda conflitos ocasionados pelas expectativas dos pais, estudantes, administradores e da comunidade. O excesso de tarefas burocráticas tem feito com que professores se sinta desrespeitados, principalmente quando devem executar tarefas desnecessárias e não relacionadas à essência de sua profissão. Ao desempenhar trabalhos de secretaria, diminui sua carga horária para o atendimento ao aluno e para desenvolver-se na profissão. A falta de autonomia e participação nas definições das políticas de ensino tem mostrado ser um significativo antecedente do **burnout**. Estas questões, somadas à inadequação salarial e à falta de oportunidades de promoções, têm preocupado pesquisadores.

Outra questão relevante abordada pelos autores é o isolamento social e a falta de senso de comunidade que, geralmente, estão presentes no trabalho docente, tornando os professores mais vulneráveis ao **burnout**. Segundo os autores, o ensino é uma profissão solitária, uma vez que há uma tendência do professor a vincular suas atividades ao atendimento de alunos, ficando à parte de atividades de afiliação, grupos e engajamento social. Esse fato foi comprovado por Burke e Greenglass (1989), ao identificarem ser a falta de suporte social uma das causas significativas do **burnout** em professores. A inadequação da formação recebida para lidar com as atividades de ensino, escola e cultura institucional também tem sido apontada pelos professores como uma importante causa do síndrome (Farber, 1991; Wisniewski & Gargiulo, 1997). A formação do professor, explicam os autores, enfatiza conteúdos e tecnologia, sendo deficiente a abordagem nas questões de

relacionamento interpessoal, relacionamento com alunos, administradores, pais e outras situações. A falta de condições físicas e materiais para implementar suas ações junto aos alunos também foi identificada como importante fonte de desgaste profissional. (CARLOTTO, 2002, p.25).

Observa-se então a necessidade de se repensar os conteúdos presentes nos cursos de formação dos professores visando suprir as deficiências apontadas na abordagem das questões de relacionamento interpessoal. Do mesmo modo torna-se necessário investir nas condições físicas e materiais de trabalho.

O contexto social é fator determinante para a auto-realização do professor, uma vez que, “o apoio social que se oferece aos professores é fator determinante na aparição de conseqüências psicológicas desagradáveis (tensão, frustração, esgotamento emocional)” (ESTEVE, 1999, p.144).

Assim, nesta pesquisa alertamos para o fato que a constatação de uma situação de mal-estar entre os professores não deve ficar apenas nas constatações do fato e sim, se deve buscar as causas que dão origem a esse mal-estar e se elaborar planos de combate envolvendo toda a sociedade na busca do apoio social aos professores, porque os professores são os mais afetados, porém o mal-estar vai refletir não só nos alunos, mas na sociedade.

Em suma, este não é um problema só dos professores, mas da sociedade em geral, é preciso haver mobilização no combate ao mal-estar docente.

Segundo Oliveira (2006) o mal-estar docente é um fenômeno da modernidade, que conforme o exposto no seu artigo, afeta os trabalhadores em geral. Utilizando a metáfora do conto de Lewis Carrol “Alice no país das maravilhas” a autora compara a situação dos professores com os personagens do conto.

Alice, no conto se depara com o “coelho-relógio” que está sempre atrasado, correndo e dizendo: é tarde, é tarde. Para a autora essa é a metáfora dos professores que para manter as condições mínimas de sobrevivência diante dos seus salários trabalham em múltiplos turnos e várias escolas, ficando distantes das atividades de lazer e culturais, inclusive das atividades de continuidade da formação, que muitas vezes tem preços não acessíveis, discrepantes com a realidade da maioria dos trabalhadores.

Outro personagem que Alice se depara é o “chapeleiro maluco”, este traz a mensagem de que o “tempo é um senhor”, outros elementos relacionados ao tempo no conto é o “interminável chá do chapeleiro maluco e da lebre de março

acompanhado pelo arganaz” este último é o rato que habita o próprio bule em que é servido o chá (OLIVEIRA, 2006, p.28), para a autora esse ritual de desmotivação e falta de sentido do chá pode ser:

(...) comparado, em certos aspectos, a representação que os professores fazem do seu trabalho, envolto em rotina e cansaço, expondo claramente o fenômeno da alienação.

(...) Esta alienação pode apresentar-se como tédio, sentimento de eterna repetição de tarefas que Oliveira (2003) chamou de síndrome de Sísifo. Estudando as representações sociais de professores do próprio trabalho a autora encontrou uma rede representacional, inconscientemente compartilhada pelos membros desse grupo, determinantes de atitudes como considerar a escolha do magistério como um dom, ou uma missão, ou ainda envolver com uma tonalidade “gloriosa” as tarefas cotidianas.

Sísifo é o personagem da mitologia grega condenado a rolar diariamente uma pedra para o cume da montanha, sendo que, no outro dia a mesma voltava para a base da montanha tornando a tarefa interminável e eterna.

Figura 2: Sísifo



Fonte: http://amadeudeprado.files.wordpress.com/2011/10/titian_sisyphus-1549.jpg

A autora estabelece ainda uma relação de outro personagem, “o gato de Cheshire” (dotado de poder de aparecer e desaparecer, sarcástico e irônico), com a realidade educacional, dotada de características tradicionais e perpetuadora, mas mutável a cada modismo educacional que tem invadido as escolas “quase

sempre pelas mãos dos documentos legais. Ela pode tornar-se tão incongruente, para a compreensão e percepção dos docentes quanto o gato nos momentos que se transforma (...) numa boca, escancaradamente sorridente e loquaz”. Essa realidade traz aos professores a desorientação e acentua a alienação.

Quanto à rainha de Copas a autora faz uma analogia entre o professor e a autoridade:

Embora ressentidos de uma arbitrariedade genérica, à qual não sabem dar nome, eles falam em um “sistema”, em um “governo”, em “autoridades” que sempre prejudicam o ensino e a categoria docente – lembrando os gritos de “cortem-lhe a cabeça”, da rainha – não conseguem definir claramente os opositores e os riscos.

Diante deles, alguns professores fazem o mesmo que Alice diante da rainha de Copas: temem e fogem desesperadamente, através de mecanismos de defesa que abordaremos mais adiante. Outros buscam um pouco dessa autoridade tirânica, incorporando-a a prática docente, tornando-se rígidos e severos no cotidiano da sala de aula. (OLIVEIRA, 2006, p.29)

A citação acima aponta mais um fator causador de mal-estar aos docentes que é a sua relação com as autoridades e como os professores reagem através de mecanismos de defesa, refletindo em sua prática docente.

Outra analogia é feita com o dom de “crescer e encolher” obtido por Alice através da oralidade de acordo com os alimentos que ela ingere. Para a Oliveira (2006, p. 29), simbolicamente:

(...) o professor “cresce” quando acredita que seu ofício é um chamado divino, uma doação, uma missão, ou quando espera uma glorificação futura através da gratidão dos alunos, ou das marcas deixadas na vida de cada um.

Ao contrário, “apequena-se” ao aceitar a proletarização do seu trabalho ou quando, imerso nas rotinas do cotidiano, abre mão da crítica, da reflexão, da sua condição de produtor de conhecimento e de pesquisador na própria ação.

Conforme a autora, a alegria fica na entrada do “reino do magistério”, assim como Alice viu que tudo não passava de um sonho, os professores também. Oliveira (2006) aponta a necessidade no Brasil, por meio da psicologia da educação, de se iniciar a discussão das possibilidades de intervenção, principalmente de cunho preventivo na redução do mal-estar docente e suas manifestações.

Oliveira (2006, p. 30) afirma ainda, baseada na teoria freudiana, que “a demonstração de excessivo zelo pelo trabalho, assim como a necessidade de

referências de gratidão e elogios, por parte dos alunos, podem significar tentativas de minimizar as duras condições de trabalho do magistério”.

A autora cita ainda o fenômeno da transferência que acontece com os professores em relação à escola, ao falarem da escola como um “lar”, ou “segunda casa”, transferem para ela relações “quase parentais” permeadas por todos sentimentos presentes no relacionamento familiar, sentimentos esses ambivalentes como costumam ser. Neste caso surge então o que ela chama de “faca de dois gumes”, uma vez que, tal situação pode amenizar os sentimentos geradores de mal estar, ou, agravá-los ainda mais, aumentando os sentimentos de dor e culpa, por exemplo.

Marx com os conceitos de alienação e fetichismo é o outro autor enfocado por Oliveira ao abordar a proletarização da profissão docente e sua relação com o mal-estar docente:

O professor, neste quadro, aproxima-se do trabalhador, do proletário. Alienado do produto de seu trabalho, impedido ter acesso à formação continuada, passa a vender força de trabalho dando aulas “em série”, em intermináveis jornadas de esforço. Acaba aderindo, sem perceber, ao fetichismo que permeia as relações capitalistas de produção; acaba desenvolvendo uma subjetividade – mediadas pelas condições sociais – que inclui o sofrimento laboral intenso (o mal-estar docente) (OLIVEIRA, 2006, p. 33).

A proletarização do professorado é um dos fenômenos sócio-políticos indicadores do mal-estar docente, é a aproximação desta categoria profissional à classe proletária, ou seja, o oposto da profissionalização.

A proletarização, segundo Oliveira (2006, p.34) implica também na perda de controle dos meios de produção, sobre a finalidade e sobre o processo do trabalho, inclui “processos de desqualificação, empobrecimento por baixos salários e venda indiscriminada da força de trabalho”. A divisão de trabalho entre os que planejam (especialistas) e os que executam (professores) diminuíram o controle dos docentes sobre seu trabalho, inclusive sobre as escolhas relacionadas ao processo pedagógico como a seleção de conteúdos e metodologias. A valorização dos trabalhadores que planejam e dos que executam é diferente.

Oliveira (2006, p.34) diferencia proletarização técnica e proletarização ideológica. “A proletarização técnica diz respeito aos meios de execução do trabalho; a proletarização ideológica diz respeito ao controle sobre as finalidades, as metas do trabalho”. Para a autora a proletarização é “um processo de mobilização

social descendente” que implica o não reconhecimento pelo professor da escola como um verdadeiro local de trabalho, ou seja, a não constituição de uma identidade de trabalhador, a longa jornada e as condições de trabalho que envolve alienação, desqualificação e baixos salários.

Outro fenômeno sócio-político indicador de mal-estar é a feminilização do magistério, os baixos salários afastam os homens e, além disso, no imaginário popular o magistério é representado como um trabalho de mulher.

Christophe Dejours é outro autor focado por Oliveira (2006) nesta reflexão sobre o mal-estar docente, usando o conceito de “banalidade do mal” de Hannah Arendt, tornou-se conhecido por sua obra “Banalização da injustiça social” na qual “busca compreender a sua instituição através do estudo da psicodinâmica do trabalho”, segundo Oliveira (2006, p. 33) este autor:

Aborda o sofrimento no trabalho e destaca as suas possíveis causas, como o medo da incompetência, a pressão externa para redução da excelência do trabalho (“pressão para trabalhar mal”, como diz o autor) e a desesperança quanto ao reconhecimento do trabalho realizado.

Dejours fala de mecanismos de defesa gerados por estas circunstâncias, além das classicamente estudadas pela psicanálise, e que ele chama de “estratégias coletivas de defesa” (Dejours, 1999:35). São exemplos desses mecanismos, bastante utilizados pelos professores: a excessiva submissão; a resistência a todos tipos de mudança; o baixo índice de envolvimento com o trabalho, com as aspirações e as lutas da categoria profissional; as psicossomatizações; a dessensibilização perceptual, que impede a consciência de sérios problemas vivenciados na escola.

Conforme Oliveira (2006, p. 33), para Dejours a intensificação das estratégias de defesa podem levar a criação de uma espécie de “imunidade defensiva”, que não só protege o trabalhador contra o sofrimento psíquico, mas pode criar uma insensibilidade e indiferença “em relação ao sofrimento ético, um dos mais intoleráveis para o ser humano”. Porém, a excessiva utilização dessas defesas pode torná-las ineficazes frente ao sofrimento psíquico que emerge transformado em sintomas.

As relações de poder, autoritárias e controladoras devido ao caráter conservador e autoritário da escola geram tensões e ansiedades, segundo Dejours apud Oliveira (2006, p. 34):

Esta atmosfera tem como efeito principal envenenar as relações entre empregados, criar suspeitas, rivalidades e perversidade de uns para com os outros. Fica, assim, deslocado o conflito de poder. De um conflito no sentido vertical, as contradições passam a se dar então no plano horizontal. (...)

Então, a permanência do controle deve ser lembrada por outros meios: assim, a rivalidade e a discriminação asseguram um grande poder à supervisão. (...) Uma trama assim elaborada é bastante densa e coerente, tornando difícil a fuga ou até a não participação ao sistema.

Todos esses fatores somados aos outros descritos nesse capítulo contribuem para gerar a sensação de mal-estar presente entre os docentes, somados ainda aos novos desafios que se fazem presentes devido às mudanças culturais, sócio-políticas e econômico-sociais, o mal-estar docente é considerado por Esteve como uma doença social da atualidade e este mal-estar se torna evidente nas representações sociais elaboradas por eles.

2.3 Caracterizando o Século XXI

“Nunca nos banhamos duas vezes no mesmo rio, pois na segunda vez não somos os mesmos, e também o rio mudou.” Heráclito de Éfeso

A caracterização do século XXI realizada aqui é de suma importância para o tema pesquisado uma vez que seus elementos caracterizadores descritos aqui compõem o contexto para elaboração das representações dos sujeitos estudados.

Drucker (1997) revela que a cada dois ou três séculos ocorre uma grande transformação na história ocidental em que em poucas décadas a sociedade se reorganiza “sua visão de mundo, seus valores básicos, sua estrutura social e política, suas artes, suas instituições mais importantes. Depois de cinquenta anos existe um novo mundo”. Atualmente estamos atravessando uma transformação que está criando a sociedade pós- capitalista que:

(...) irá usar o livre mercado como mecanismo comprovado de integração econômica. Ela não será uma “sociedade anticapitalista”, nem uma sociedade “não capitalista”; as instituições do capitalismo sobreviverão, embora algumas como os bancos, possam vir a desempenhar papéis bastante diferentes. Mas o centro da gravidade da sociedade pós capitalista – sua estrutura sua dinâmica social e econômica, suas classes sociais e seus problemas sociais – é diferente daquele que dominou os últimos duzentos e cinquenta anos e definiu as questões ao redor das quais se cristalizaram partidos políticos, grupos e sistemas de valores sociais e compromissos pessoais e políticos. (DRUCKER, 1997, p. xvi).

Vivemos um contexto de mudança social no qual não se trata apenas de mais uma crise conjuntural do modelo capitalista e sim do surgimento de novas

formas de organização social, econômica e política. Conforme aponta Tedesco (2000, p.11) a crise atual “es una crisis estructural”.

Outra característica da sociedade atual é o fato do conhecimento e a informação estarem substituindo os recursos naturais, a força e o dinheiro enquanto fator de geração e distribuição de poder na sociedade, embora o conhecimento sempre tenha sido fonte de poder, nas palavras de Tedesco (2000, p.12) “ahora sería su fuente principal”.

O mesmo autor afirma que um dos fenômenos mais importantes nas transformações sociais atuais é o aumento significativo da desigualdade social. Nas sociedades que fazem maior uso da informação e do conhecimento em suas atividades produtivas a desigualdade social está aumentando, “crecimiento y aumento de la desigualdad han comenzado a ser concomitantes”(2000, p.16).

O aumento da desigualdade está associado à transformação na organização do trabalho e o uso de novas tecnologias no processo produtivo e a respectiva eliminação de vários cargos gerando uma dinâmica em que o emprego diminui nos setores que podem pagar bons salários e aumenta naqueles com menores salários.

Além do aumento da desigualdade as transformações na organização do trabalho tem provocado a aparição de um novo fenômeno social “la exclusión de la participación en el ciclo reproductivo” daqueles que não atendem os requisitos de identificação total com a empresa e evolução permanente, sobrando-lhes apenas condições precárias de trabalho ou até o desemprego. Neste contexto a exclusão tende a substituir a relação de exploração.

As transformações culturais atuais mais evidentes aparecem na família e na forma como esta cumpre sua função socializadora. As mudanças na estrutura familiar têm afetado a função socializadora da família, um aspecto marcante da sociedade atual é a dissociação entre casamento e filhos, na família tradicional os vínculos eram indissolúveis, hoje é comum os filhos viverem com apenas um dos genitores, na maioria dos casos com a mãe. Também se observa uma diminuição do número de filhos e ausência da figura paterna. Diante destas constatações a família já não é vista como uma instituição e sim como uma “red de relaciones” que, em lugar de ser responsable de transmitir el patrimonio económico y moral de una generación a otra, tiende ahora a privilegiar la construcción de la identidad personal. (THERY apud TEDESCO, 2000, p. 44).

Tedesco indica ainda a crise do Estado-Nação em que, devido ao processo de globalização econômica, se tem produzido uma tendência a construir entidades políticas supranacionais e levado o conceito de cidadania associado à Nação a perder significado levando a uma ruptura da ação política tal como era concebida até agora.

La globalización económica, en síntesis, reduce la capacidad del Estado para definir su política monetaria, su presupuesto, su recaudación de impuestos y la satisfacción de las necesidades sociales de su población.

Al estar basada fundamentalmente en la lógica económica y en la expansión del mercado, la globalización rompe los compromisos locales y las formas habituales de solidaridad y de cohesión con nuestros semejantes.

(...) numerosos diagnósticos de la sociedad actual muestran que La ruptura de los vínculos tradicionales de solidaridad provocada por el proceso de globalización ha generado nuevas formas de exclusión, de soledad y de marginalidad. (TEDESCO, 2000, p.32-33).

A sociedade atual é marcada também pela evolução do individualismo e da crença que cada pessoa é única e livre para escolher seu estilo de vida, porém segundo Tedesco (2000, p.45) observam-se tendências contraditórias em que a autonomia cultural se dá cada vez mais cedo enquanto “a autonomía material se adquire cada vez más tarde”.

As novas tecnologias da informação têm impacto significativo nas transformações culturais da atualidade, o acúmulo de informação, a velocidade na transmissão, a superação das limitações espaciais, a utilização de multimídia, leva a modificação de conceitos básicos de tempo e espaço, onde até a noção de realidade começa a ser repensada diante da possibilidade da realidade virtual, influenciando os padrões de conduta.

Tedesco (2000, p.51) descreve a ordem social atual como sendo de natureza reflexiva em que pensamento e ação são refratados um sobre o outro. O aumento da “reflexividade” social implica em maiores níveis de incertezas e o maior conhecimento da vida social “no implica mayor control sobre ella sino, al contrario, mayores niveles de incertidumbres que, a diferencia del pasado, son incertidumbres producidas por causas naturales” ocasionadas pelos problemas ecológicos.

No esquema Fordista, a educação era vista como instrumento de mobilidade social em que a escolarização de alguns deixaria livres cargos menos qualificados a outros. No esquema pós-fordista quem não se qualifica, além das dificuldades de conseguir emprego ainda pode ser excluído do qual já está, ser

relegado a cargos inferiores, ou perder o emprego. Assim há uma constante necessidade de formação continuada, mais pela necessidade de não ficar para trás do que pelo interesse em se qualificar para o trabalho, o que torna esse mercado de trabalho mais competitivo que antes.

Considerando este contexto Tedesco aponta para necessidade da democratização do acesso ao conhecimento e do desenvolvimento das capacidades de produzi-lo que é fundamental para a coesão social, e para tanto, a necessidade de transformação da educação, dos modelos de gestão e de seus conteúdos.

Segundo Drucker (2002, p.151) a revolução tecnológica “transformará a maneira pela qual iremos aprender e ensinar dentro de poucas décadas e mudará a economia da educação” e afirma que mais drásticas ainda, serão “as mudanças na posição social e no papel da escola”, na sociedade do conhecimento a escola passa a “ser responsável pelo desempenho e pelos resultados”, deixa de ser uma instituição que lida apenas com crianças e jovens que ainda não estão na força de trabalho passando a ser instituição dos adultos, sejam os mais instruídos ou aqueles que não tiveram acesso na idade própria, especialmente os mais instruídos, pois quanto maior a escolaridade, mais precisará estudar buscar por atualização, por isso o autor chama o estudo de “atividade vitalícia” e aponta a necessidade das escolas se reorganizarem transformando-se em “sistemas abertos” (2002, p.159).

A respeito das novas tecnologias Drucker traz o exemplo da China quando por volta de 1.500 a 1650 o ocidente assumiu a liderança mundial ao reorganizar as escolas em torno da nova tecnologia da época que era o livro impresso enquanto Chineses e muçulmanos recusaram esta idéia. Os muçulmanos por verem ameaçada sua autoridade ao possibilitar o aluno a ler por conta própria e os chineses devido ao dogma “o domínio da caligrafia qualifica para postos de governo”, enquanto no ocidente a escola passou a ser vista como uma instituição progressiva no Islã e na China se deu o contrário.

Essa primeira revolução no aprendizado trouxe uma lição:

(...) a tecnologia em si é menos importante que as mudanças que ela provoca na substância, no conteúdo, no foco do ensino e da escola. São essas mudanças que realmente importam e elas são eficazes mesmo que as mudanças na tecnologia do aprendizado e do ensino sejam mínimas. (DRUCKER, 2002, p.152)

(...) o mais importante será repensar o papel e a função da educação escolar – seu foco, sua finalidade, seus valores. A tecnologia será importante, mas principalmente porque irá nos forçar a fazer coisas novas, e

não porque irá permitir que façamos melhor as coisas velhas. (DRUCKER, 2002, p.153)

Assim o desafio atual não está na tecnologia, mas sim no uso que faremos dela. Na busca de responder às realidades da sociedade do conhecimento, Drucker, (2002, p.154) elaborou algumas especificações para as escolas e o ensino, que em síntese é promover a educação universal de ordem superior, motivação para aprender e disciplina do aprendizado permanente, sistema aberto e acessível a todos, conhecimento como substância e como processo e por fim o ensino deixa de ser monopólio das escolas e estas devem trabalhar em parceria com os empregadores e suas organizações. Surgem também novas exigências de desempenho e o primeiro dever de qualquer sistema educacional é “equipar os estudantes com os meios para que eles realizem, contribuam e sejam empregáveis”.

No Japão, os livros impressos não foram colocados no centro, mas, também não foram deixados de lado. Continuaram enfatizando a disciplina comunicada pela caligrafia e a percepção estética que ela desenvolve, procuram transmitir uma disciplina para o aprendizado, o que é essencial em uma sociedade que exige o “aprendizado vitalício” como é a sociedade pós-capitalista, é preciso aprender a aprender.

A pessoa instruída é o cerne desta sociedade, entendendo-se como pessoa instruída aquela capaz de apreciar outras culturas e tradições. A escola será desafiada em sua posição social e no seu monopólio de produtora e distribuidora do conhecimento.

O autor enfatiza que o uso da tecnologia pode contribuir para que o professor aproveite melhor o tempo em sala de aula, deixando de ser assistente de ensino.

O primeiro impacto da nova tecnologia de aprendizado será sobre a educação universal. Através dos tempos as escolas, em sua maioria, gastaram horas intermináveis tentando ensinar coisas que eram melhor aprendidas que ensinadas, isto é, coisas que são aprendidas de forma comportamental e através de exercícios, repetição e feedback. Pertencem a esta categoria todas as matérias ensinadas no primeiro grau, mas também muitas daquelas ensinadas em estágios posteriores do processo educacional. Essas matérias – seja ler e escrever, aritmética, ortografia, história, biologia ou mesmo matéria avançadas como neurocirurgia, diagnóstico médico e a maior parte da engenharia- são melhor aprendidas através dos programas de computador. O professor motiva, dirige, incentiva. Na verdade, ele passa a ser um líder e um recurso. (DRUCKER, 2002, p.155).

O aprender a aprender, segundo Demo (2000, p.261) coloca no centro desse processo o saber pensar, “fundamento do sujeito social consciente e competente. Enquanto não se perceber que didática deve ser estratégia emancipatória, pedagogia representará o passado”.

O sistema produtivo moderno valoriza a formação básica de qualidade porque esta garante condições básicas de lucratividade considerando também a competitividade atual.

Conforme Gadoti (2000) a nossa era é definida como era do conhecimento, mais pela importância dada ao conhecimento do que pelo acesso de todos a ele.

Costuma-se definir nossa era como a era do conhecimento. Se for pela importância dada hoje ao conhecimento, em todos os setores, pode-se dizer que se vive mesmo na era do conhecimento, na sociedade do conhecimento, sobretudo em consequência da informatização e do processo de *globalização das telecomunicações* a ela associado. Pode ser que, de fato, já se tenha ingressado na era do conhecimento, mesmo admitindo que grandes massas da população estejam excluídas dele. Todavia, o que se constata é a predominância da difusão de dados e informações e não de conhecimentos. Isso está sendo possível graças às *novas tecnologias* que estocam o conhecimento, de forma prática e acessível, em gigantescos volumes de informações, que são armazenadas inteligentemente, permitindo a pesquisa e o acesso de maneira muito simples, amigável e flexível. É o que já acontece com a Internet: para ser “usuário”, basta dispor de uma linha telefônica e um computador. “Usuário” não significa aqui apenas receptor de informações, mas também emissor de informações. Pela Internet, a partir de qualquer sala de aula do planeta, pode-se acessar inúmeras bibliotecas em muitas partes do mundo.(GADOTI, 2000).

Não acompanhar as novas tecnologias causa estagnação do conhecimento na escola. A escola e os professores precisam se modernizar, adaptarem-se as necessidades atuais, dialogando com a realidade e agindo como sujeitos da práxis.

Conforme Demo (2000, p.21-22) ser moderno é:

Ser capaz de dialogar com a realidade, inserindo-se nela como sujeito criativo. Faz parte da realidade hoje, dose crescente de presença da tecnologia, que precisa ser compreendida e comandada. Ignorar isto é antimoderno, não porque seja antitecnológico, mas porque é irreal. (...) é ser capaz de definir e comandar a modernidade. Tal capacidade é gestada no sistema educativo, desde que tenhamos educação moderna para ser modernizante.

O autor salienta ainda a necessidade do cuidado que se deve ter, na tentativa de ser moderna para que a escola não venha se tornar modernista, que é a

adoção de uma “postura de submissão a tudo que se diz moderno, de carácter acríptico e apressado” postura fanática (DEMO, 2000, p.20), ou modernosa, com comportamento que aparente modernidade, porém “farsante”, porque só imita a modernidade.

O que pensam sobre o seu trabalho considerando as características desse século foi o que se buscou com a pesquisa, ou seja, quais as representações sociais elaboradas por eles frente às situações atuais em que se dá a função.

2.4 Ação Docente, Processo Formativo e Concepção de Professor

“Conhecer os conteúdos ensinados é a menor das coisas, quando se pretende instruir alguém.”
PERRENOUD

Conforme pudemos ver nos capítulos anteriores, diante de tantas vicissitudes na sociedade, a ação docente que é marcada, resultante, e, geradora de representações, também sofre a necessidade de alterações para se adequar ao contexto no qual está inserida.

Segundo Roldão (2007), o que caracteriza e distingue o professor de outros atores sociais e agentes profissionais, é a ação de ensinar, ou seja, “o que se entende por ensinar,” conceito esse que não é consensual, nem estático. A emergência de um grupo profissional estruturado em torno dessa função é característica da modernidade. No tocante ao conceito de ensinar há controvérsias entre “professar um saber” e “fazer os outros se apropriarem de um saber”.

Do nosso ponto de vista, a dialéctica do ensino transmissivo *versus* o ensino activo faz parte de uma história relevante, mas passada, e remete, na sua origem, para momentos e situações contextuais e sóciohistóricas específicas. À luz do conhecimento mais actual, importa avançar a análise para um plano mais integrador da efectiva complexidade da acção em causa e da sua relação profunda com o estatuto profissional daqueles que ensinam: a função específica de *ensinar* já não é hoje definível pela simples passagem do saber, não por razões ideológicas ou apenas por opções pedagógicas, mas por razões sócio-históricas. (ROLDÃO, 2007, p.95).

No contexto atual de acesso à informação e de estruturação da sociedade em torno do conhecimento enquanto capital global a concepção de ensinar enquanto transmissão pertence ao passado mais distante, quando esse significado era socialmente pertinente num contexto em que o saber disponível era

menor, pouco acessível e seu domínio limitado a um número restrito de grupos e indivíduos, caracterizado até meados do século XX. Ensinar enquanto transmissão era aceitável nesse contexto como forma de tornar público o conhecimento aos que não o possuíam. Na atualidade, segundo Roldão (2007, P.95), a função de ensinar é caracterizada pela “figura da dupla transitividade e pelo lugar de mediação”. Assim, ensinar é a especialidade de fazer aprender alguma coisa (currículo), a alguém (destinatário da ação). Conforme Roldão (2007, p.102):

Saber produzir essa mediação não é um dom, embora alguns o tenham; não é uma técnica, embora requeira uma excelente operacionalização técnico-estratégica; não é uma vocação, embora alguns a possam sentir. É ser um *profissional de ensino*, legitimado por um conhecimento específico exigente e complexo.

O ato de ensinar era praticado muito antes de sobre ele se produzir conhecimento sistematizado, porém a progressiva teorização do ato de ensinar foi gerando novos conhecimentos que passam a influenciar a forma de agir dos profissionais.

Na natureza do conhecimento profissional docente se configuram duas tendências interpretativas predominantes: uma centrada na análise de seus componentes, valorizando o conhecimento prévio necessário; outra na valorização da prática profissional refletida como fonte primeira, valorizando o conhecimento emergente da prática e da reflexão sobre ela. Para Roldão (2007, p.102), a ênfase praticista predominante na cultura profissional dos professores não contribui para o crescimento da profissão, “num mundo em que conhecer é poder”, um salto na profissionalização dos professores depende da “afirmação e reforço de um saber mais analítico, consistente e em permanente atualização, claro em sua especificidade e sólido em seus fundamentos”.

A ação docente está vinculada ao processo formativo do professor. Tornar-se professor, segundo Pacheco (1995, p.45), “é um processo dinâmico e evolutivo que compreende um conjunto variado de aprendizagens e de experiências ao longo das diferentes etapas formativas”, em um processo de transformação e reconstrução, de aprendizagem contínua de caráter formal ou não formal, que vai além da aquisição de conhecimentos e destrezas, constituindo uma questão de individualidade.

Conforme Pacheco (1995), o processo de aprender a ensinar resulta da articulação teoria e prática, destacando-se quatro componentes processuais, sendo eles: metacognição, descontinuidade, individualização e socialização.

A **metacognição** envolve mudanças de natureza cognitiva, afetiva, condutivas, resultantes da articulação teoria e prática. O professor reconceitualiza aquilo que aprende numa instituição, orientado pela necessidade de um conhecimento prático e útil.

A **descontinuidade** marca a passagem do aluno a professor. Choque de transição, no confronto ideal x realidade. Nesse processo descontínuo o professor passa por diferentes etapas evolutivas de preocupações que marcam o seu percurso profissional; fase de impacto nos alunos, preocupação com a aprendizagem dos alunos e sua relação interpessoal com eles.

A **individualização** embasada na teoria cognitivo-desenvolvimentalista, considera o professor um adulto aprendente. Aprender a ensinar é um processo que envolve mudanças cognitivas sendo que altos níveis de desenvolvimento psicológico se associam a maior capacidade do professor de resolver problemas conferindo-lhe mais segurança e auto-imagem positiva com práticas mais reflexivas, inovadoras, flexíveis, etc.

A **socialização** ocorre em vários níveis, frutos de influências que contribuem para a construção de identidades profissionais, formando olhares, saberes e significados.

Os quatro componentes processuais descritos acima tanto resultam, como influenciam no processo de formação do professor durante as diferentes etapas, sendo o professor um sujeito em constante formação.

Quero chamar a atenção para o fato de que o processo formativo tem um caráter também individual, pois depende de como o professor, visto como sujeito aprendente, vai se sair nesse processo, assim, esse processo depende de vários fatores como:

- A relação que o professor estabelece com os conhecimentos e destrezas.
- Da articulação teoria e prática, da capacidade de reconceitualização daquilo que aprendeu face ao que experimenta na prática desenvolvendo a metacognição.

- Da maneira como lida com a descontinuidade, ou seja, como lida com o choque de transição de aluno a professor no confronto ideal X realidade.
- Do processo individual de desenvolvimento cognitivo de cada professor, considerando que, quanto maior o nível de desenvolvimento psicológico, maior a capacidade de resolver problemas com segurança, flexibilidade, inovação e reflexão sobre a prática.
- Das influências do grupo social a que pertence e das demais experiências sociais na construção da identidade profissional e na sua maneira ver e agir no mundo.

Em relação à concepção de professor, Pacheco (1995) afirma que o comportamento é guiado por seus pensamentos juízos e decisões. Muitos autores citados por Pacheco (1995) descrevem o trabalho do professor como prático, decisório, altamente racional e consciente porque constrói progressivamente o conhecimento no decorrer da interação com o contexto sociocultural que intervém e por outro lado, constrói continuamente esse contexto colocando em prática sua teoria de mundo.

Para Therrien (1997) reconhecer o docente como ser da práxis é reconhecer que seu agir é apoiado em reflexões e saberes. Pressupõe-se que sua prática produz saberes genuínos, ou seja, o saber da experiência permite-lhe compreender e orientar sua profissão no cotidiano da escola. A experiência social é construída e crítica, uma vez que, o ator social não é totalmente socializado ou reduzido ao sistema, assim destaca-se o caráter subjetivo e único da experiência do educador.

A pluralidade de saberes que informam a prática docente constitui-se em elementos fundantes do saber de experiência. O cenário de referência da ação docente é composto por racionalidades heterogêneas e lógicas diferenciadas sendo preciso abordá-lo dialeticamente. Therrien (1997, p.11) observou que os professores afirmam aprender fazendo, “este aprender no fazer em situação de interação significa a experiência construindo o saber da experiência”. Construído no contexto de uma prática social este saber tem referencia nos traços culturais das comunidades onde se expressa.

Indissociáveis da identidade destes atores sociais, os saberes da experiência constituem os fundamentos da prática docente e da competência profissional refletindo tanto a dimensão individual quanto a

coletiva de seus autores. Legitimados na práxis, a verdade que eles carregam refere à situação e ao grupo social que lhe dá significado. (TERRIEN, 1997, p.18)

Saberes esses que refletem as contradições e conflitos do sistema social, sendo dinâmico e às vezes, contraditórios.

No intento de identificar e definir os diferentes saberes presentes na prática docente, Tardif (2002) descreve o saber docente como um saber plural, estratégico e desvalorizado. Plural porque o saber docente é composto de vários saberes provenientes de diferentes fontes: “formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais” (p.36). O autor afirma que é desvalorizado porque o “corpo docente é desvalorizado em relação aos saberes que possui e transmite” (p.33). Este autor também alerta para o fato de que os professores conferem um *status* particular aos saberes experienciais “já que, estes últimos constituem, para eles, os fundamentos da prática e da competência profissional”.

A prática docente mobiliza diversos saberes, que segundo Tardif (2002) podem ser chamados de saberes pedagógicos, disciplinares, curriculares e experienciais.

Os saberes pedagógicos apresentam-se como doutrinas ou concepções provenientes de reflexões sobre a prática educativa no sentido amplo do termo, reflexões racionais e normativas que conduzem a sistemas mais ou menos coerentes de representação e de orientação da atividade educativa. (TARDIF, 2002, p.37)

Os saberes pedagógicos são como podemos ver uma espécie de doutrinas ou concepções são centradas em uma determinada ideologia e quando estas são dominantes é incorporada à formação profissional dos professores, como aconteceu com o ideário da escola nova. Os saberes pedagógicos articulam-se com as ciências da educação buscando com isso a legitimação científica.

Os saberes disciplinares são saberes sociais incorporados pela prática docente através da formação inicial e contínua oferecida pela universidade. “Os saberes da disciplina emergem da tradição cultural e dos grupos sociais produtores de saberes” (TARDIF, 2002, p. 38).

Os saberes curriculares são incorporados ao longo da carreira profissional dos professores e “correspondem aos discursos, objetivos, conteúdos e métodos a partir dos quais a instituição escolar categoriza e apresenta os saberes

sociais por ela definidos e selecionados como modelo da cultura erudita e de formação para a cultura erudita” (TARDIF, 2002, p.38).

Os professores desenvolvem saberes específicos baseado no seu trabalho cotidiano que são chamados de saberes experienciais ou práticos, surgem e são validados pela experiência “individual ou coletiva sob a forma de habitus e de habilidades, de saber-fazer e saber-ser” (TARDIF, 2002, p.39).

Para Tardif o professor ideal seria:

(...) alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos.

Essas múltiplas articulações entre a prática docente e os saber fazem dos professores um grupo social e profissional cuja existência depende, em grande parte, de sua capacidade de dominar, integrar e mobilizar tais saberes enquanto condições para a sua prática. (TARDIF, 2002, p.39).

Para o autor, seria coerente que os professores procurassem se impor enquanto categoria profissional, como instância controladora e definidora desses saberes e que houvesse um reconhecimento social positivo do papel desempenhado pelos professores no processo de formação –produção dos saberes sociais e questiona se não deveriam gozar de um prestígio análogo ao da comunidade científica no campo dos saberes sociais. Os professores ocupam posição socialmente desvalorizada em relação aos grupos que atuam no campo dos saberes, isso por que:

A relação que os professores mantêm com os saberes é a de “transmissores”, de “portadores” ou de “objetos” de saber, mas não de produtores de um saber ou de saberes que poderiam impor como instância de legitimação social de sua função e como espaço de verdade de sua prática. Noutras palavras, a função docente se define em relação aos saberes, mas parece incapaz de definir um saber produzido ou controlado pelos que a exercem. (TARDIF, 2002, p.40)

Essa situação coloca os professores como meros transmissores de um saber que eles nem controlam, nem definem, situados numa posição de exterioridade em relação à prática docente. A prática docente esta submetida a saberes que ela não produz nem controla. Assim o saber específico do professor seria um saber pedagógico, ou seja, aquele relacionado aos procedimentos metodológicos de transmissão. Nesta perspectiva, a relação entre os docentes e os saberes é uma relação de alienação, e também uma relação ambígua:

Saber socialmente estratégico e ao mesmo tempo desvalorizado, prática erudita e ao mesmo tempo aparentemente desprovida de um saber específico baseado na atividade dos professores, e por ela produzido, a relação dos professores com os saberes parece, no mínimo, ambígua. (TARDIF, 2002, p.42)

Desde as sociedades ocidentais pré modernas, seguindo o modelo erudito de cultura, a comunidade intelectual assumia as tarefas de formação nas instituições elitistas, enquanto aos saberes técnicos e a capacitação para as diferentes funções de trabalho eram assumidos por vários grupos sociais, como por exemplo, os artesões e operários.

Na modernidade “esse modelo de cultura que integrava produção de saberes e formação baseada nesses mesmos saberes foi sendo progressivamente eliminado” (TARDIF, 2002, p.42) dando lugar a uma divisão social e intelectual das funções de pesquisa assumida pelos especialistas e cientistas e as funções de formação por docentes distanciados da produção de saberes, a formação deixou de ser competência da comunidade científica tornando-se incumbência “de corpos de profissionais improdutivos do ponto de vista cognitivo” (p.43).

Nesse contexto os saberes- mestres deixam de existir, pois saber o conteúdo a ser ensinado já não basta, mas torna-se preciso saber ensinar.

No decorrer do século XX a psicologia se torna o paradigma de referência para a pedagogia, passando a legitimar o saber. Emergem e se desenvolvem as ciências da educação pautadas na ideologia da escola-nova, pedagogia reformista, entre outras.

A produção e legitimação dos saberes científicos e pedagógicos tornam-se monopólio das universidades e escolas normais e o corpo docente as tarefas de execução e de aplicação dos saberes.

Ainda nesta época os sistemas escolares são concebidos como instituições de massa, democratizando-se o acesso e tendo como referencia o modelo fabril da produção industrial. As instituições existentes são substituídas pelas instituições públicas, amplia-se a demanda social por educação e manifesta-se como exigência a formação de “um corpo docente laico, formado com base nas ciências profanas e na nova pedagogia” (TARDIF, 2002, p.45).

Segundo Tardif (2002, p.47), desde a crise econômica da década de 80, os saberes transmitidos pela escola:

(...) parecem não corresponder, senão de forma muito inadequada, aos saberes socialmente úteis no mercado de trabalho. Essa inadequação levaria, talvez, a uma desvalorização dos saberes transmitidos pelos professores.

A serventia dos saberes transmitidos pela escola é questionada, da mesma forma o seu valor passa a ser questionado por não corresponder as atuais necessidades do mercado de trabalho e assim, a escola deixa de ser vista como meio de ascensão social.

Para o autor, neste contexto os saberes socialmente pertinentes dentre os saberes escolares seguiriam uma lógica de consumo em que a instituição se torna um mercado, cujos saberes seriam selecionados dependendo da pressão dos consumidores e da evolução do mercado de saberes sociais.

Nesse contexto ao invés de formar indivíduos, a função dos professores seria equipá-los para a concorrência no mercado de trabalho, passando de formadores para transmissores de informações úteis.

As representações sociais dos professores sofrem a influência da pressão da sociedade sobre o seu papel.

2.5 O Processo de Profissionalização

(...) embora os seus saberes ocupem uma posição estratégica entre os saberes sociais, o corpo docente é desvalorizado em relação aos saberes que possuem e transmite. Tardif

O processo de profissionalização, conforme podemos observar no decorrer da história da profissão docente não é linear nem unidirecional, mas, composto por períodos de profissionalização e desprofissionalização repleto de lutas e conflitos:

Como sublinha Nóvoa (1995, p. 21), alternam na história dos professores desde o século XIX períodos de profissionalização e desprofissionalização, pautados por conflitos de interesses e actores: "A afirmação profissional dos professores é um percurso repleto de lutas e de conflitos, de hesitações e de recuos. [...] A compreensão do processo de profissionalização exige, portanto, um olhar atento às tensões que o atravessam". Vive-se de novo, actualmente, um momento particularmente crítico desse processo de desenvolvimento do grupo profissional, em que se joga, quanto a nós, a afirmação ou esbatimento da profissionalidade docente, por força de factores como a massificação escolar, com a conseqüente expansão e

diversificação dos públicos escolares, a imobilidade persistente dos dispositivos organizacionais e curriculares da escola geradora do seu anacronismo ante as realidades actuais, a pressão das administrações e dos poderes económicos para uma funcionarização acrescida dos docentes, todavia também largamente alimentada pelos próprios professores, prisioneiros de uma cultura que se instalou ao longo deste processo e que contradiz a alegada reivindicação – no discurso político e no discurso dos próprios docentes – de uma maior autonomia e decisão, desejavelmente associadas a um reforço de profissionalidade. (ROLDÃO, 2007, p. 96)

O momento atual é crítico marcado pela tensão entre salto para um nível mais consistente de profissionalidade, ou o risco de um recuo para situações de “proletarização e funcionarização reforçadas”, apontando para a urgência da delimitação de um saber específico.

Todas as profissões que construíram ao longo do tempo o reconhecimento de um estatuto de profissionalidade plena (médicos, engenheiros, arquitectos, entre outros) se reconhecem, se afirmam e são distinguidas, na representação social, pela posse de um saber próprio, distinto e exclusivo do grupo que o partilha, produz e faz circular, conhecimento esse que lhe legitima o exercício da função profissional em causa (Rodrigues, 1997). Por isso insistimos anteriormente na clarificação da função de *ensinar* é que existe uma estreitíssima ligação entre a natureza da função e o *tipo de conhecimento específico* que se reconhece como necessário para a exercer. (ROLDÃO, 2007, p.96)

Tardif (2002) discute as relações estabelecidas entre os saberes docentes e conclui que a “função docente parece incapaz de definir um saber produzido ou controlado pelos que a exercem”, não estabelecem uma relação de produtores do saber profissional, seu saber específico é um saber pedagógico. Não controlam “nem a definição nem a seleção dos saberes curriculares e disciplinares” e pedagógicos aos quais cabem se apropriar.

Observa-se então uma relação de alienação entre os docentes e os saberes:

De fato, se as relações dos professores com os saberes parecem problemáticas, como dizíamos anteriormente, não será porque essas mesmas relações sempre implicam, no fundo, uma certa distância – social, institucional, epistemológica - que os separa e os desapropria desses saberes produzidos, controlados e legitimados por outros? (TARDIF, 2002, p.42)

A desvalorização do saber docente é reflexo do que ocorre na própria sociedade, a separação entre os produtores de saber e os executores dos saberes apropriados produzido por outros. As universidades são as instâncias produtoras e formadoras do saber fazer cientificamente elaborado. Os saberes

docentes construídos na prática diária sem a elaboração e reflexão cientificamente elaborada é um saber não reconhecido e não valorizado.

O retrato do professor profissional se fixa no século XX, resultante de reivindicações por movimentos associativos e luta pelos interesses do grupo profissional.

A tabela abaixo resume o processo de profissionalização docente segundo Nóvoa (1991). O autor destaca que o movimento associativo docente foi marcado por muitas divisões (norte/sul, progressista/conservadores, católicos/laico, etc.).

É evidente a expansão escolar e o aumento do pessoal docente, bem como a incerteza face às finalidades e a missão da escola e ao seu papel de reprodução cultural e na formação de elites.

A época de glória do modelo escolar e da profissão docente e o prestígio alcançado pelos professores no início do século passado resultou das ações dos movimentos associativos que reivindicavam melhorias, da lenta evolução cultural que impôs socialmente a ideia de escola e a crença generalizada nas potencialidades da escola e da visão predominante dos professores enquanto agentes de transformação social.

O processo histórico de profissionalização do professorado segundo Nóvoa (1991):

Quadro 1: Profissionalização da profissão docente

Século XVIII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
<p>Contexto histórico da Reforma e Contra Reforma.</p> <p>A gênese da profissão; professor tem lugar no seio de algumas congregações religiosas.</p> <p>Jesuitas e oratorianos configuram um conjunto de saberes e técnicas, normas e valores específicos da profissão;</p>	<p>Contexto histórico dos Estados Modernos.</p> <p>Busca do perfil do professor ideal: Leigo ou religioso? Escolhido ou nomeado? Pago por quem? Etc...</p> <p>Momento de estatização (substituição de professores religiosos por laicos) e secularização do ensino; Modelos escolares elaborados pela tutela da igreja e dinamizados por professores recrutados pelas autoridades estatais.</p> <p>Final do século: Proibido lecionar sem licença ou autorização; pré-requisitos como idade, comportamento moral, e outros, passam a ser exigidos.</p> <p>Escola: instrumento de estratificação social.</p> <p>Professores: agentes culturais e políticos, protagonistas com a tarefa de promover o valor da educação.</p>	<p>Expansão escolar: procura cada vez maior. Escola é vista como mecanismo de ascensão social.</p> <p>Criação de instituições de formação (normal). Emergência de uma identidade profissional.</p> <p>Tomada de consciência dos interesses enquanto grupo profissional,</p> <p>Novo movimento associativo com práticas pautadas por quase sempre por 3 eixos reivindicativos: Melhoria do estatuto, controle da profissão e definição de uma carreira.</p>	<p>Crença generalizada nas potencialidades da escola e sua expansão ao conjunto da sociedade. Profissão docente exerce-se a partir da adesão coletiva de um conjunto de normas e valores.</p> <p>Início do século: prestígio dos professores relacionados às ações dos movimentos associativos.</p> <p>Época de glória do modelo escolar e período de ouro da profissão docente. Os professores são vistos como agentes do progresso.</p> <p>Anos 20: Movimento da Educação Nova resultante de uma lenta evolução cultural que impôs socialmente a ideia de escola e da afirmação das novas ciências da educação.</p> <p>Professores dos anos 20 em quatro etapas: 1º - Atividade docente a tempo inteiro ou como ocupação principal, encarada como trabalho e não atividade passageira. 2º - Profissionais detentores de uma licença oficial que funciona como instrumento de controle e defesa do corpo docente. 3º - Formados em instituições específicas. 4º - Participam de associações.</p> <p>Dois dimensões; 1 - Possuem conjunto de conhecimentos e técnicas necessárias. 2- Aderem a valores éticos e as normas deontológicas, que regem as relações no interior e no exterior do corpo docente. Gozam de prestígio social; Situação econômica digna; Se sentem pela primeira vez, confortáveis em seu estado socioeconômico, apesar de manterem dinâmica reivindicativa forte.</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora de acordo com Nóvoa (1991)

Observa-se neste quadro que na década de 20 do século passado foi a primeira vez que professores sentem-se confortáveis em seu estado sócio-

econômico, comparando com a realidade atual de crise profissional, desvalorização e mal estar docente, é possível notar que esta conquista não durou muito.

A história da profissionalização docente continua sendo um processo contraditório, segundo Nóvoa (1991), vários autores, assinalam a desprofissionalização (ou proletarização), que tem sujeitado os professores na última década. A tendência à desprofissionalização pode ser observada na diminuição da autonomia do professor nos procedimentos decisórios, como por exemplo, receber currículos prontos, reduzindo-os a meros executores das decisões de uma “elite pensante”. As correntes pedagógicas de desprofissionalização e especialistas que tendem a ocupar margens de competência do professor necessitam ser confrontados com os processos de afirmação autônoma e científica da profissão docente.

Em seu artigo Lyra (2010) aborda as representações sociais de professor e o modo como é percebido o processo de profissionalização no Brasil, em uma tentativa de compreender o contexto educacional brasileiro.

Historicamente foi atribuída aos docentes a transmissão do conhecimento e a responsabilidade pelo saber, porém as discussões atuais abordam se os docentes se percebem profissionais.

A estruturação da profissão docente segundo Lyra teve sua gênese na Europa em um processo que envolveu séculos onde foi se definindo a quem competia a função de educar, no princípio a cargo da igreja, transformando-se gradativamente a cargo do Estado que assumiu o controle da educação.

A docência encontra-se num processo de transformação em que convivem o modelo tradicional e as novas concepções e propostas, elementos indicadores de profissionalização associados a uma imagem afetiva, percebendo-se assim uma ambigüidade.

A concepção de docência que advirá dessa ambigüidade está relacionada com linhas mais gerais de projetos político-sociais que consigam adesão na sociedade brasileira, valendo aprofundar as discussões sobre as concepções de professor presentes na nossa sociedade e que são internalizadas pelos docentes como seres sociais porque constituem momento necessário à compreensão de sua própria prática profissional. (LYRA, 2010, p. 6).

Preocupados com a perspectiva de futuro, com a emancipação do aluno e também se relacionando afetivamente com ele, ao mesmo tempo em que se sentem desamparados, pois as condições não favorecem seu trabalho, uma vez que

alunos com problemas sociais e familiares não tem o respaldo da assistência social, a família muitas vezes não contribui com a aprendizagem do aluno, a falha de outros setores afetam o trabalho do professor na sala de aula.

Silva (1997) aponta que a educação é um dos fatores de formação da consciência moral, portanto a docência tem uma dimensão ética. Tem uma dimensão socializadora, pois contribui para a formação dos alunos e através deles da configuração da sociedade. Inclui uma dimensão política, uma vez que visa formar cidadãos plenos, sendo a docência portadora de uma função social, o educador deve imprimir uma dimensão ética a sua atividade. Espera-se que o professor corresponda às expectativas da sociedade sendo eticamente responsáveis. Ser professor exige um modo particular de ser e estar e obriga a uma autoridade moral. A docência deve-se ajustar ao perfil de vocação, autonomia e ética.

Silva (1997) enfatiza a necessidade de um código de ética para que a docência seja reconhecida como profissão. O código de ética é o que define a identidade profissional de um grupo, servem para garantir a qualidade dos serviços prestados e assegurar que os profissionais são dignos de confiança por parte de seus concidadãos. Desde 1966 a UNESCO recomendou a elaboração pelo pessoal docente de códigos de ética e conduta já que eles contribuem para assegurar o prestígio da profissão e o cumprimento dos deveres profissionais segundo os princípios aceitos. O primeiro código deontológico surgiu em 1896 formulado pela Associação de professores do Estado da Geórgia. Os códigos éticos existentes variam em seu conteúdo.

Tendo como metodologia o estudo de caso, Silva (1997) buscou caracterizar as representações de um grupo de docentes sobre a docência enquanto ocupação ética. Os resultados professores entrevistados por Silva (1997) enfatizam a relação altruísta do professor com seus alunos, o prazer de dar e colher os frutos, porém a autora aponta que talvez esse altruísmo seja falso, uma vez que se percebe a busca de reconhecimento social. Foi observado que esses professores portugueses entrevistados na pesquisa de Silva têm dúvidas em relação a ser desejável o estabelecimento de um código, o que não quer dizer que os mesmos se considerem profissionais sem deveres uma vez que, por meio da análise de conteúdo dos discursos observou-se um código deontológico implícito, embora não demonstrem desejo de ter um código deontológico, atribuíram à docência

principalmente a função de educar, transformar os alunos para melhor, portanto eticamente regulada.

A autora aponta para o fato de que os professores não têm do “dever” a noção de um imperativo categórico, portanto não o assumem como uma obrigação independente das circunstâncias e do contexto, assim entende-se que o código implícito não tem o mesmo peso de um código deontológico regulamentado como os dos médicos, por exemplo.

O estabelecimento de um código deontológico regulamentado viria colaborar para com o reconhecimento da profissão e com o processo de profissionalização docente, uma vez que o código implícito não tem o mesmo efeito.

No Brasil, os Planos de Carreira trazem uma espécie de código deontológico, pois neles se especificam os deveres e os direitos dos docentes, assim como, as atribuições dos professores e os meios de evolução na carreira em termos salariais, quando bem elaborados podem contribuir para a valorização do profissional docente. No momento desta pesquisa, o plano de carreira do magistério público municipal da cidade onde a mesma foi realizada estava sendo discutido e passando por um processo de reformulação, porém, poucos professores se envolveram no processo de reformulação e muitos dos envolvidos desistiram pelo caminho por não acreditarem que seriam beneficiados, por não perceber a importância do documento ou ainda, por não querer envolver-se e lutar por seus interesses, ou, quem sabe, talvez tenham perdido a esperança de um futuro melhor.

Esta questão não foi abordada na pesquisa, pois o processo de reelaboração do plano iniciou-se após o término da coleta de dados e infelizmente esse processo já se encontrava em fase de conclusão, quando foi interrompido há seis meses, sem que ninguém venha informar aos professores o andamento e os motivos da estagnação de um passo tão importante na valorização dos profissionais que atuam na educação deste município.

O processo de aprender a ensinar, conforme Pacheco (1995) passa por quatro componentes processuais (já descritos anteriormente) que resultam e também influenciam no processo de formação do professor durante diferentes etapas, sendo assim, o professor um sujeito em constante formação.

Desse modo o processo formativo tem um caráter também individual, pois depende de como o professor, enquanto como sujeito aprendente, vai se sair nesse processo, o que vai depender de vários fatores como a relação estabelecida

com os conhecimentos e destrezas, a articulação teoria e prática, a capacidade de reconceitualização daquilo que aprendeu face ao que experimenta na prática possibilitando o desenvolvimento da metacognição, o seu processo individual de desenvolvimento cognitivo, como lida com o confronto ideal X realidade, e ainda as influências do grupo social a que pertence e das demais experiências sociais na construção da identidade profissional e na sua maneira ver e agir no mundo.

As representações sociais do ser professor estão ancoradas nas suas experiências durante esse processo, a metacognição desenvolvida durante este período e a socialização vivida por cada um individualmente influenciam na construção da identidade profissional e no modo de agir dos docentes, assim o processo de profissionalização está intimamente relacionado às representações sociais dos professores a respeito do seu papel na sociedade, da sua função, enfim, da sua profissão influenciando assim seu modo ver e agir no mundo.

3. ENCAMINHAMENTO DA PESQUISA

3.1 Objetivos da Pesquisa

- **Objetivo Geral**

Esta pesquisa teve como objetivo identificar as representações sociais de professores sobre “o que é ser professor no contexto do século XXI” e identificar as principais dificuldades, desafios e inquietações desses profissionais.

- **Objetivos Específicos**

Caracterizar e conhecer o professor do século XXI, sendo necessário para tanto, situá-lo dentro do contexto histórico estudado e assim definir:

Quais as características desse contexto?

Quais as maiores dificuldades enfrentadas pelos professores deste século?

O que mais os incomoda, deixa-os enfurecidos ou desanimados?

O que os estimula a continuar na profissão?

O que deve ser mantido?

Como se sentem diante dos desafios da nova realidade social?

O que é ser professor, hoje?

3.2 Opção Metodológica

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. (...) Na verdade metodologia é muito mais que técnicas. Ela inclui as concepções teóricas da abordagem, articulando-se com a teoria, com a realidade empírica e com os pensamentos sobre a realidade. (MINAYO, 2007, p.14)

A presente pesquisa tem características da abordagem qualitativa. Considero essa a mais adequada a este caso, uma vez que, de acordo com Minayo:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, emotivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Esse

conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue, não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números, e indicadores quantitativos. (MINAYO, 2001, p. 21)

Esta pesquisa tem característica analítico-interpretativa, portanto foi escolhida a abordagem qualitativa do tipo hermenêutica:

O vocábulo “Hermenêutica” advém do grego *hermeneutikós*, que por sua vez deriva do verbo *hermeneuein*, que significa “interpretar”. Originalmente é um termo derivado da teologia, designando uma metodologia de interpretação dos textos bíblicos, passando posteriormente a designar um esforço de interpretação de um texto difícil. (HOLANDA, 2006, p. 367)

Para Moustakas (1994), **hermenêutica** é entendida como a exploração ou modelo de pesquisa cujo foco está na consciência e na experiência. Deriva das idéias de Wilhelm Dilthey, para quem, toda ciência e todo saber é empírico, mas toda experiência está originalmente conectada e validada pela nossa consciência. Segundo a hermenêutica, é através do horizonte da experiência (que primeiramente parece nos dizer sobre nossos próprios estados interiores) e de seu “alargamento”, que se passa, a saber, sobre o mundo externo e sobre as demais pessoas, ou seja, parte-se de si - próprio para expandir o conhecimento. (HOLANDA, 2006, p. 367)

A interpretação dos dados coletados e analisados através da análise de conteúdo proposta por Bardin visando identificar as representações sociais dos professores sobre o “ser professor no contexto do século XXI” representações essas que foram interpretadas sob a luz da teoria das representações sociais de Serge Moscovici considerando a bibliografia consultada e as características do atual contexto.

A opção pelo estudo de casos deve-se ao fato de que, conforme Yin (2010, p.39):

1. O estudo de caso é uma investigação empírica que
 - Investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando
 - Os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes.

Em outras palavras, você usaria o método de estudo de casos quando desejasse entender um fenômeno da vida real em profundidade, mas esse entendimento englobasse importantes condições contextuais - porque eram altamente pertinentes ao seu fenômeno de estudo por exemplo (YIN; DAVIS, 2007).

Assim justifica-se o uso do estudo de caso nesta pesquisa considerando que a crise de identidade e o mal-estar docente é um fenômeno contemporâneo ocasionado principalmente pelas características do século atual, o qual se busca neste estudo investigar em profundidade e no contexto da vida real vivido pelos sujeitos da pesquisa e o limite entre este fenômeno e o contexto não são claramente evidentes.

Conforme Yin (2010) o fenômeno e o contexto não são claramente distinguíveis nas situações da vida real, assim as técnicas utilizadas consideram que:

2. A investigação do estudo de caso

- Enfrenta a situação tecnicamente diferenciada em que existiram muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado.
- Conta com múltiplas formas de evidência, com os dados precisando convergir de maneira triangular, e como outro resultado
- Beneficia-se do desenvolvimento anterior das proposições teóricas para orientar a coleta e a análise de dados. (YIN, 2010, p.40)

Trata-se nesta pesquisa de um estudo de casos múltiplos, ou seja, estudo de casos contendo “casos” múltiplos que conforme Yin (2010, p.42) “os estudos de caso podem cobrir casos múltiplos e, então, tirar um conjunto único de conclusões de “cross-case” (...)”.

Assim sendo, após a análise individual de cada um dos 12 casos estudados foi realizado o “cross-case”, ou seja, o “cruzamento de casos” no qual se identifica as representações sociais dos professores e demais “conclusões generalizáveis” (2010, p.42) a profissão docente.

3.3 Procedimentos para Coleta de Dados

Foram aplicados quatro instrumentos na coleta de dados a um grupo de 12 professores efetivos que atuam na Educação Infantil e Ensino Fundamental da rede municipal composta por duas escolas que somam 34 professores efetivos no total. Estas pertencem a uma pequena cidade do interior paulista, situada na região de Presidente Prudente, cujo nome, não foi citado por respeito à privacidade deles e considerando que alguns desses professores trabalham também em municípios vizinhos de onde, igualmente, trazem contribuições influenciando às suas

representações sociais, não vemos necessidade de destacar o nome da cidade considerando-se ainda que o objetivo da pesquisa seja identificar as representações sociais do ser professor no século XXI, enfatizamos assim, que o objetivo não é identificar as representações sociais de ser professor nesta ou naquela cidade, mas no século XXI com suas características peculiares.

Os docentes que atuam como eventuais ou contratados não foram computados neste número, pois nesta pesquisa focalizaram-se somente os efetivos.

Dos professores participantes, 05 atuam na educação infantil e os demais (7) no Ensino Fundamental do 1º ao 5ºano, entre eles, um é professor de Educação Física e outro de Artes.

O grupo pesquisado foi definido por voluntariado, ou seja, os professores foram convidados e aqueles que aceitaram tomaram ciência do tema através de explicação oral da pesquisadora e através dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, os quais foram lidos e assinados pelas pessoas que compõem o grupo pesquisado.

Neste grupo observou-se a quantidade mínima de:

- Três (03) professores de educação infantil da “EMEIF” uma escola que conta com oito salas de aula em funcionamento, portanto, oito (8) professores lecionam nesta escola.
- Nove (09) professores da escola de Ensino Fundamental (representando o total de 26).
- Portanto, o grupo é composto por doze (12) professores do total de trinta e quatro (34) efetivos.

O projeto desta pesquisa encontra-se cadastrado na CCPq (Coordenadoria Central de Pesquisa da Unoeste) e CEP (Comitê de Ética na Pesquisa) sob o nº 595/10 (on line) e devidamente aprovado nas duas instâncias em reunião do dia 05/05/2011. (ver anexo1)

Inicialmente foram aplicados os questionários com questões fechadas para levantar o perfil dos sujeitos, com perguntas referentes à idade, estado civil, nível de formação, carga horária semanal, quantidade de filhos, o que costuma fazer nas horas vagas, se participa de cursos de formação continuada, etc. (Apêndice A).

Este questionário foi entregue aos professores para preencherem em casa, são questões pessoais que não tem como haver troca de opiniões entre eles, mesmo assim o questionário foi entregue em datas diferentes para cada um deles. A

seguir, os professores responderam, individualmente, outro questionário composto com questões abertas relativas à profissão docente. (Apêndice B)

Este questionário relacionado à docência no princípio foi pensado para ser respondido na presença da pesquisadora, conforme consta no projeto, porém, durante a aplicação do primeiro questionário desta forma foi possível perceber a inviabilidade deste modo de proceder, pois a professora começou a fazer muitas perguntas a respeito do que estava escrevendo e ao mesmo tempo em que dizia sua opinião antes de escrever sua resposta buscando um olhar de aprovação ou reprovação, concordância ou discordância frente ao que estava sendo dito, notando então que, por mais que não me manifestasse, ainda assim, poderia influenciar as respostas, sendo assim, foi feita a opção por ler as questões e explicar as possíveis dúvidas que surgissem e entregar o questionário para que os mesmos fossem preenchidos em casa.

O questionário foi entregue a um professor por vez, depois que aquele devolvesse era entregue o questionário a outro professor assim sucessivamente, até que todos respondessem. Foi a forma encontrada para se minimizar possíveis trocas de opiniões.

Posteriormente, quando todos tinham respondido o questionário que era o segundo instrumento de coleta seguiu-se a entrevista individual, em horário previamente agendado, fora do horário de expediente, com questões abertas.

No projeto de pesquisa consta a opção pela realização da entrevista aberta ou em profundidade “em que o informante é convidado a falar livremente sobre um tema e as perguntas do investigador quando são feitas, buscam dar mais profundidade às questões” (Minayo, 2001).

Cada um foi convidado a falar livremente sobre o que é ser professor no atual contexto do século XXI e as perguntas feitas como mediação, buscaram dar mais profundidade às questões, porém, além da pergunta inicial descrita acima foi necessário que algumas questões em comum fossem feitas para todos os participantes, inclusive a questão que fechava a entrevista: resuma em uma palavra o que é ser professor hoje, para você. Foi feito desta forma por considerar que haveria uma contribuição maior para o momento da análise de conteúdo. As entrevistas (Apêndice C) foram gravadas e depois transcritas.

E como último procedimento da coleta de dados foi solicitado que escrevessem um relato escrito de uma situação positiva e uma negativa que julgassem ilustrar o que é ser professor no contexto do século XXI. (Apêndice D).

Os instrumentos supramencionados são:

(...) uma maneira reconhecida e comprovada, própria das ciências humanas, de obter informações, consiste em colher os depoimentos das pessoas que detêm essa informação. O recurso a esses depoimentos permite a exploração dos conhecimentos das pessoas, mas também de suas representações, crenças, valores, opiniões, sentimentos, esperanças, desejos, projetos, etc. As maneiras de chegar a esses objetos de estudo e a muitos outros, são variadas: os termos – questionários e entrevistas - que anunciam as duas partes dessa seção estão justamente no plural, pois recobrem um amplo espectro de técnicas e de instrumentos que servem, para interrogar as pessoas. (LAVILE; DIONNE, 1999, p.183).

A opção em usar mais de um instrumento visa aproveitar as vantagens de cada um considerando que, segundo Lavile e Dionne, “nenhum instrumento é perfeito” (1999).

(...) um pesquisador poderá, por exemplo, aprofundar as informações colhidas com o auxílio de entrevistas estruturadas, prolongando sua entrevista com alguns assuntos através de uma entrevista semi ou não estruturada. Isso lhe permitirá verificar a competência desses participantes, verificar também se as respostas dadas a parte estruturada correspondem exatamente ao fundo do pensamento dessas pessoas, ou se são apenas grosseiras aproximações dele. E poderá ademais explorar os diversos fatores que puderam conduzir seus interrogados as opiniões emitidas: fatores emitidos, representações sociais, valores sociais, valores pessoais. O quadro assim extraído poderá ser ao mesmo tempo geral, caso se pense do que emergirá da parte mais estruturada, e aprofundado, pois fornecerá uma visão de certos elementos sobre os quais se baseiam as conclusões gerais. (LAVILE; DIONNE, 1999, p, 191)

Esses instrumentos foram utilizados para identificar as representações sociais dos professores sobre o exercício de sua profissão no contexto da sociedade atual, considerando que:

Valorizar o estudo das representações sociais, como categoria analítica na área da educação, representa um avanço, uma vez que significa efetuar um corte epistemológico que contribui para o aprofundamento dos velhos e já desgastados paradigmas das Ciências Psicossociais. Sabe-se que as representações sociais são elementos simbólicos que as pessoas expressam mediante o uso de palavras e gestos. No caso do uso das palavras, utilizando-se da linguagem oral ou escrita, as pessoas explicitam o que pensam, como percebem esta ou aquela situação, que opinião

formulam acerca de determinado fato ou objeto, que expectativas desenvolvem acerca disto ou daquilo e assim por diante. Evidentemente, o maior ou menor nível de sofisticação da linguagem está circunscrito a condições de subsistência que, historicamente, determinam diferenças entre os grupos sociais. (FRANCO; NOVAES, 2001, p.6)

3.4 Procedimentos de Análise dos Dados

A análise e interpretação dos dados foram realizadas considerando-se a análise de conteúdo proposta por Bardin, e as concepções de representação social definidas pelos autores estudados, entre eles, Moscovici, Jovchelovitch e Mazzotti. Sobre as representações sociais:

Em resumo, o que Moscovici procura enfatizar é que as representações sociais não são apenas “opiniões sobre” ou “imagens de”, mas teorias coletivas sobre o real, sistemas que tem uma lógica e uma linguagem particulares, uma estrutura de implicações baseadas em valores e conceitos, e que “determinam o campo das comunicações possíveis dos valores ou das idéias compartilhadas pelo grupo e regem, subsequentemente as condutas desejáveis ou admitidas”. (ALVES-MAZZOTTI, 2001, p.51).

A análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações.

Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos: ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. (BARDIN, 2009, p.33)

As diferentes fases da análise de conteúdo seguiram a organização proposta por Bardin (2009) em torno dos três pólos cronológicos:

1. Pré- análise.
2. A exploração do material.
3. O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A pré-análise tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as idéias iniciais, é a organização propriamente dita, geralmente possui três missões:

A escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final.

Esses três fatores não se sucedem obrigatoriamente, segundo a ordem cronológica, embora se mantenham estreitamente interligados uns aos outros. (BARDIN, 2009, p. 121)

Segundo Bardin (2009, p.122) depois de demarcado o gênero de documentos sobre os quais se podem efetuar a análise pode ser necessário proceder-se a constituição de um corpus “conjunto de elementos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos,” implicando muitas vezes, escolhas, seleções e regras.

A exploração do material é a aplicação sistemática das decisões tomadas na fase de pré-análise, que para Bardin (2009, p.127) “consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas”.

Na terceira fase: tratamento dos resultados obtidos e interpretação de modo a tornar os dados brutos, em dados significativos, podendo levar a outras orientações para uma nova análise e a utilização de resultados de análise com fins teóricos ou pragmáticos. Bardin (2009, p.142) conclui que, o que caracteriza a análise qualitativa é o fato de a “inferência - sempre que é realizada - ser fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem, etc!), e não sobre a frequência da sua aparição em cada comunicação individual.” Porém devemos esclarecer que a análise qualitativa não rejeita toda e qualquer forma de quantificação:

Somente os índices é que são retidos de maneira não frequencial, podendo o analista recorrer a testes quantitativos: por exemplo, a aparição de índices similares em discursos semelhantes. (BARDIN, 2009, p.142)

Além da análise de conteúdo dos dados levantados buscou-se estabelecer um diálogo possível destes dados com as principais produções já existentes sobre o tema, entre eles os autores: Esteve, Oliveira, Tardif, Therrien, Drucker, Moscovici e Mazzoti entre outros, procedendo-se a redação da dissertação.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise de conteúdo do primeiro instrumento de pesquisa utilizado na coleta de dados se refere ao questionário sobre o perfil dos sujeitos participantes elaborado com o objetivo de levantar dados sobre o perfil destes.

Os entrevistados encontram-se na faixa etária entre 29 a 46 anos conforme se pode observar no quadro abaixo:

Quadro 2: Idade

Idade	29	32	33	34	35	37	39	40	41	44	46
Nº de sujeitos	1	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1

Fonte: Pesquisa de campo

Nota-se que 75% com idade entre 29 e 40 anos, sendo que 5 sujeitos situam –se na faixa etária entre 29 e 34 anos, 4 sujeitos na faixa de 29 a 40 e 3 sujeitos,25% entre 41 e 46 anos.

Quadro 3: Dados pessoais

Estado civil	Casado	Solteiro	Outros
	11	1	0
Número de filhos	Zero	Um	Dois
	1	4	7
Residência	Cidade local da pesquisa		Cidades vizinhas
	8		4

Fonte: Pesquisa de campo

Dos sujeitos estudados, oito, ou seja, a maioria residem no município onde a pesquisa foi realizada, os 4 restantes moram em cidades vizinhas. Em relação ao gênero 75% são mulheres, o que reflete a realidade do magistério na qual a maioria é do sexo feminino. Em relação ao estado civil apenas 1 é solteiro, os demais são casados. A maioria tem 2 filhos (7 do total de 12), 4 deles têm somente 1 filho e apenas 1 (o solteiro) ainda não tem filhos.

Apesar do fato de que os sujeitos da pesquisa são na maioria do sexo feminino, ao fazer referência aos sujeitos da pesquisa todos são tratados pelo substantivo masculino, ou seja, por professor e pelo pronome pessoal masculino,

desta forma a identidade da pessoa é mais preservada, um cuidado necessário considerando que a cidade é bem pequena e todos se conhecem.

Quadro 4: Dados sobre formação e serviço

Nível de formação	Graduação em pedagogia	Graduação em outra licenciatura		Pós -graduação lato sensu	
	4	8		6	
Tempo de magistério	6 anos	De 10 a 16 anos		De 20 a 24 anos	
	2	8		2	
Carga horária semanal	32 a 35 horas	40 a 54 horas		64 horas	
	7	2		3	
Número de empregos	um	dois			
	7	5			
Faz "bicos"?	Sim	Não			
	5	8			
Períodos de trabalho	Um (na escola)	Dois em (escolas)	Um na escola mais "bico"	Dois turnos mais "bico"	
	3	4	3	2	
Série em que atua	Educ. infantil	1º ao 5º ano	Maternal	EJA	
	4	8	1	1	
Por que escolheu esta profissão?	Vocação	Falta de outra oportunidade		Sonho de criança	Outras
	4	0		6	2
Horas utilizadas para lazer	Abaixo de duas	2 a 6 horas	7 a 10	11 a 25	Mais de 25
	1	7	3	1	0

Fonte: Pesquisa de campo

Quanto à formação acadêmica, quatro são graduados em pedagogia, oito deles tem graduação em outra licenciatura, ou seja, a maioria não tem pedagogia e do total, seis deles tem pós-graduação lato-sensu, ou seja, 50%.

No tocante ao tempo de serviço encontram-se entre 6 e 24 anos de exercício no magistério, sendo que, oito deles, ou seja, a maioria estão entre 10 a 16 anos de exercício, 2 professores exercem há 6 anos e dos outros dois restantes, um tem 20 e o outro 24 anos de exercício na profissão docente.

A carga horária da maioria (7) é de 32 a 35 horas/aulas por semana, 25% (3 deles) tem carga horária de 64 horas/ aulas por semana, são os que tem 2 cargos efetivos de professor e dois trabalham entre 40 a 54 horas semanais. Sete dos entrevistados tem apenas um emprego e cinco tem dois empregos. Quase a

metade do total de sujeitos estudados, (cinco) afirmam realizar “bico” realizam serviços para complementar a renda. O “bico” é definido no dicionário Aurélio como emprego subsidiário pouco rendoso.

Em relação à quantidade de períodos trabalhados por dia, apenas 25% deles trabalham apenas um período, quatro trabalham em dois períodos como professores, três trabalham um período na escola e ainda realizam “bico” e dois professores trabalham em dois períodos e ainda realizam “bico”.

Considerando que alguns dos entrevistados trabalham com mais de uma turma o levantamento sobre as séries em que atuam tem como resultado: 4 atuam na educação infantil, 8 nas séries de 1º a 5ºano do ensino fundamental e 1 no maternal e 1 no Programa de Educação de Jovens e Adultos- EJA.

Sobre a escolha da profissão 4 (quatro) afirmam ter sido por vocação, 6 (seis) afirmam ter sido por ser um sonho desde criança, 2 (dois) por outros motivos e nenhum confirma ser por falta de outra oportunidade.

Foram questionados sobre as horas de lazer semanal e os resultados configuram-se no seguinte: 1 (um) professor afirma ter menos que 2 horas de lazer semanal, 7 (sete) afirmam ter entre 2 e 6 horas, 3 (três) afirmam ter entre 7 a 10 horas e apenas 1 (um) afirma ter de 11 a 25 horas.

Observa-se por meio destes dados que o lazer é bem pouco, o estar “sempre correndo” lembra a metáfora utilizada por Oliveira (2006) na comparação dos professores com o “coelho-relógio” do conto de “Alice no país das maravilhas”.

O ritual de desmotivação e falta de sentido do chá é comparado ao fenômeno da alienação que se desencadeia na rotina da correria e do cansaço a qual envolve o professor e é notado através do tédio e do sentimento de repetição de tarefas que a autora chama de “síndrome” de Sísifo, o personagem da mitologia grega cuja tarefa era interminável e repetitiva e por isso, imagino que provavelmente era realizada de forma automática e alienada, pois estava condenado a este destino e nada poderia fazer para mudar. No caso dos professores a falta de tempo devido à sobrecarga para compensar os baixos salários pode com o tempo, devido ao cansaço, gerar uma acomodação e alienação.

Quadro 5: Ranking de atividades realizadas fora do horário de trabalho

O que costumam fazer no horário em que não estão trabalhando	Respostas
	Serviços domésticos/ Cuidar dos filhos /Estarem com a família
	Descansar e / filme, ler e outras atividades culturais/Corrigir provas/ Preparar aulas/ pesquisar
	Outras tarefas (outras funções, trabalho)
	Atividades religiosas
	Assistir TV
	Esporte e estar com amigos

Fonte: Pesquisa de campo

No horário em que não estão trabalhando, em primeiro lugar no ranking aparece que, a maioria se dedica às tarefas domésticas, cuidar dos filhos e estar com a família, depois vem a leitura e outras atividades culturais, mencionadas por 50% deles. Atividades como assistir filmes e atividades afins, corrigir provas, preparar aulas e outras tarefas encontram-se no segundo lugar. Atividades religiosas são mencionadas por 25% dos entrevistados, da mesma forma, a televisão também foi mencionada por 25% dos entrevistados.

4.1 Desafios atuais, dificuldades e as mudanças necessárias.

O que ainda faz com que o professor continue nessa profissão?

O segundo instrumento da coleta de dados foi um questionário composto por questões abertas relativas à profissão docente, as quais eram:

1. Qual o maior desafio e/ou dificuldade enfrentados por você como professor?
2. O que mais o desanima e/ ou enfurece nesta profissão?
3. O que precisa ser mudado urgentemente?
4. O que ainda estimula continuar sendo professor?

As respostas deste questionário foram analisadas e organizadas no quadro 6 de acordo com a frequência de aparição de resposta sendo dispostas em ordem decrescente.

Quadro 6: Ranking dos desafios, dificuldades e mudanças necessárias

O maior desafio e/ ou dificuldade	O que mais desanima e/ ou enfurece	O que ainda estimula a continuar	O que precisa ser mudado urgentemente	O que deve ser mantido
Falta de apoio pedagógico-administrativo e especializado frente às dificuldades de aprendizagem	Descaso dos governantes, sociedade falta de investimento, arbitrariedades do poder	O esforço do aluno e seu crescimento/ atingir os objetivos	Valorização: profissional, social e salarial; Apoio ao professor por parte das instancias superiores; Compromisso de alguns colegas de trabalho; Profissionais não são ouvidos, falta de autonomia.	As crianças Difícil falar, reestruturação geral necessária
Alunos com dificuldade de aprendizagem e desmotivação, desinteresse e/ou indisciplina dos alunos	Salário	O amor pela profissão Sentir-se necessário, útil; Vocação	Formação: Pedagogia à distância; Má qualidade; Modismos; Preparo para atender os alunos especiais; Formação adequada à realidade e problemas atuais;	Pouca coisa, talvez a divisão por idade série, aprovação/e reprovação, organização escolar, HTPC, mas precisa ser repensado; Cursos de capacitação
Pais; Inclusão; Reconhecimento social e profissional/ salarial	A escola tem assumido funções que não é dela, substituir o papel da família Pais;	Gratidão dos alunos; Professores envolvidos e que buscam a formação do cidadão;	Investimento em material pedagógico atualizado Capacitação promovida pelo município	Currículo, projetos de pesquisa, uso do livro didático e atividades diferenciadas. Força de vontade e o interesse do corpo docente
Inovação tecnológica	Falta de interesse e dificuldades dos alunos Numero de alunos por sala	Reconhecimento dos pais; Municipalização	Redução da jornada; Concepção do aluno sobre suas responsabilidades Progressão continuada no Estado	

Fonte: Pesquisa de campo

Com base na frequência de determinadas respostas, observa-se que os professores concordam em vários pontos, assim a tabela foi organizada de acordo com o ranking das respostas, começando por aquelas que tiveram maior frequência. Falta de apoio pedagógico-administrativo e especializado frente às dificuldades de aprendizagem, descaso dos governantes e da sociedade, falta de investimento e arbitrariedades do poder são respostas que se destacam pela frequência de aparição em relação aos desafios, dificuldades e como causa de desânimo, sendo consenso entre os professores.

O esforço do aluno e seu crescimento, atingir os objetivos, o amor pela profissão, a vocação e o sentir-se necessário e útil são fatos que ainda estimulam os professores a continuarem nessa profissão.

Sobre o que precisa ser mudado urgentemente se destacaram aspectos relativos à valorização e formação do profissional docente. A Valorização profissional, social e salarial, o apoio ao professor por parte das instâncias superiores, o compromisso de alguns colegas de trabalho, o fato dos professores não serem ouvidos e a falta de autonomia.

A respeito da Formação foram mencionados aspectos relacionados à qualidade dos cursos que consideram de má qualidade, pedagogia à distância, falta preparo para atender os alunos especiais e formação adequada à realidade e aos problemas atuais. Os modismos na educação é um aspecto, principalmente, mas não exclusivamente, da formação continuada em serviço e que precisa ser mudado urgentemente, pois tem contribuído negativamente.

4.2 Ser Professor Hoje Definido em uma Palavra

Ao término da entrevista foi solicitado aos professores que escolhessem uma palavra que julgassem definir, em resumo, o que é ser professor hoje. Ao observar as palavras por eles escolhidas verificou-se que tinham grande capacidade de sintetizar suas imagens sobre o tema solicitado. As palavras indicadas foram usadas como categoria de análise.

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos. (FRANCO, 2005, p.57)

Para definição das categorias de análise nesta pesquisa foi utilizado o critério de categorização semântico, ou seja, “categorias temáticas: por exemplo, todos os temas que signifiquem ansiedade, ficam agrupados na categoria «ansiedade» enquanto que os que significam descontração ficam agrupados sob o título conceptual «descontração»” (BARDIN, 2009, p.145).

Segundo Bardin (2009) a categorização faz parte do nosso cotidiano através de jogos e brincadeiras, e, desde a pré-escola por meio de atividades simples de recorte, classificação e ordenação.

Classificar elementos em categorias impõe a organização do que cada um deles tem em comum com outros. O que vai permitir seu agrupamento é a parte comum existente entre eles. É possível, contudo, que outros critérios insistam noutros aspectos de analogia, talvez modificando consideravelmente a repartição anterior.

A categorização é um processo de tipo estruturalista e comporta duas etapas:

- O inventário: isolar os elementos;
- A classificação: repartir os elementos, e portanto procurar ou impor uma certa organização às mensagens.(BARDIN, 2009, p.146)

Considerando que, classificar e dar nomes é um aspecto da ancoragem das representações, cujo objetivo é, segundo Moscovici (2009, p.70), “facilitar a interpretação das características, a compreensão das intenções e os motivos subjacentes às ações das pessoas, na realidade, formar opiniões”, essas palavras nos mostram as ancoragens realizadas pelos docentes e auxiliam na compreensão das intenções e motivos subjacentes à ação docente destes profissionais.

As palavras indicadas foram usadas como categoria de análise:

1. É DIFÍCIL
2. SABER
3. ACREDITAR
4. AMOR
5. ÉTICA
6. DESAFIO
7. FUNDAMENTAL
8. DESAFIO
9. AMOR
10. REALIZAÇÃO
11. DESAFIO
12. AMOR

O número que aparece junto com a palavra corresponde à identificação do professor entrevistado. As palavras estão relacionadas a um tema, entendendo como tema “a unidade de significação que se liberta naturalmente do texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura” (BARDIN, 2009, p.131).

Faz-se necessário, portanto realizar uma análise temática do conteúdo:

Fazer a análise temática consiste em descobrir os «núcleos de sentido» que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição pode significar alguma coisa para o objectivo analítico escolhido. (BARDIN, 2009, p.131).

As palavras amor e desafio aparecem três vezes cada uma, ou seja, para 25% dos professores a palavra que melhor define “o que é ser professor hoje” é “amor” e para outros 25% é “desafio”, assim para 50 % dos professores é amor ou desafio.

Os outros 50% dividem-se em: “difícil, saber, acreditar, ética, fundamental e realização”.

As representações sociais aparecem bastante ancoradas na concepção de amor, que condiz com a questão do sacerdócio a qual remonta ao início da história da educação, mas que também traz a conotação de que é o amor que faz valer o estar na profissão. A metáfora utilizada por Oliveira (2006) do “dom de crescer e encolher” através da oralidade aparece nestas representações e entendo que demonstra a utilização por parte do professor de o uso de mecanismos de defesa para lidar com as difíceis e frustrantes condições de trabalho e os fenômenos de transferência de sentimentos presentes nas relações familiares aos alunos, podendo com isso amenizar ou agravar os sentimentos geradores de mal-estar.

As representações que se ancoram na questão do “desafio” a ser enfrentado pelo professor refletem o sentimento de desequilíbrio frente às mudanças sócio - econômicas e político - culturais ocorridas na sociedade, ou seja, os desafios do século XXI.

Por tudo que eu penso, por estar difícil de acompanhar essa tecnologia cada dia mais avançada eu acho que é DESAFIO. Todo dia tem que desafiar alguma coisa da gente mesmo, ir contra alguma coisa que a gente pensa, deixar de fazer alguma coisa que a gente gosta, assim, não no serviço, mas deixar de fazer alguma coisa para preparar aula. (PROFESSOR 6)

Esta fala mostra o desafio enfrentado pelo professor não só no trabalho diante das mudanças sociais e das novas tecnologias, mas devido à exigência da profissão de afazeres fora do horário de trabalho, como preparar aulas, corrigir provas, preencher fichas. O professor não trabalha somente no período em que está na escola, mas leva trabalho para casa e com isso falta tempo para o lazer e a vida social. A fala deste professor tem mais peso ainda, quando levamos em consideração que o mesmo é um daqueles que não trabalha em mais que um período e não realiza os chamados “bicos”, podemos então imaginar como é essa situação para aqueles que têm mais de um emprego e conseqüentemente, mais

trabalho para levar para casa, ou ainda aqueles que além de 2 empregos ainda realizam “bicos”.

A categoria “realização” foi dividida em 2 aspectos: negativo e positivo. O positivo reflete o sentimento do professor frente ao processo de aprendizagem dos alunos, as marcas deixadas na vida deles, a gratidão e o sentir-se útil. Pode estar ainda vinculada a um sonho de criança, ao desejo de estar na profissão. *“De um sonho que eu já tinha: estar nessa profissão, fazer o que eu faço com amor e dedicação”.* (PROFESSOR 10).

O aspecto negativo refere-se ao sentimento de não realização profissional, de descontentamento, principalmente em relação à desvalorização da profissão, devido ao salário: “Cada vez menos, o professor é reconhecido, o professor não é reconhecido, primeiro pelo salário indigno que tem, a gente se vê obrigado a ter dois trabalhos, onde já se viu um professor ganhar menos que 2 salários mínimos!” (PROFESSOR 4)

Devido à proletarização ideológica: “Não tem autonomia total para trabalhar” (PROFESSOR 8)

Devido à crise de identidade: “Qual é o meu papel, o que eu tenho que fazer?” (PROFESSOR 10)

As representações ancoradas na idéia de que a figura do professor é “fundamental” ressalta a importância do professor na sociedade contemporânea considerando o papel múltiplo deste ator social na atualidade. “Parte fundamental na vida de uma criança, já que os pais não os preparam para vida”. (PROFESSOR 7)

A palavra “ética” sugere uma determinada postura diante dos relacionamentos profissionais e revela o descontentamento com as “politicagens” que ocorrem no ambiente escolar. “Por meu envolvimento político, as pessoas achavam que isso era minha base enquanto professor e não é isso. Sempre separei as coisas, tenho minha posição política, mas sempre discerni as coisas, o que era certo e errado nessas condições.” (PROFESSOR 5)

A palavra “Acreditar”, como o próprio professor definiu, é acreditar no próprio discurso:

É fácil falar, o duro é você sentir mesmo, acreditar naquilo, o discurso é lindo, tem muita gente que tem um belo discurso, mas não acredita no que

está falando, o professor tem que acreditar naquilo que está fazendo, senão fica jogado. (PROFESSOR 3)

A palavra “saber” na definição do ser professor hoje se relaciona à necessidade de busca do conhecimento para acompanhar a velocidade com que se circula a informação, os modismos metodológicos, a competitividade do mercado atual e a diversidade da clientela atendida.

“Se você não tiver jogo de cintura... hoje nós temos um mercado muito competitivo. Cidadão obediente de antigamente, era a questão da autoridade, do autoritarismo, era fácil dar aulas para aquelas pessoas acomodadas, hoje se o professor não se modernizar a aula é péssima porque hoje eles não deixam o professor dar aula, tem que ser cativante”.
(PROFESSOR 4)

A escolha da expressão “é difícil”, me parece resumir todas as dificuldades, desafios e frustrações apresentadas pelos professores nesta pesquisa e vividas por eles durante a trajetória profissional, em suma, um resumo de tudo aquilo que as outras palavras trazem no seu significado. Revela as dificuldades atuais e a crise do professor rumo ao mal-estar.

E infelizmente não somos reconhecidos, é desgastante, sem apoio da família, da equipe gestora, é difícil trabalhar, muita gente tem saído do cargo e ficado doente até.
Quando fala inclusão é o professor tem que se incluir também, quando um professor pega um aluno de inclusão não consegue porque não tivemos fatos reais de inclusão na nossa formação, quando você tem na sala de aula, você cai de para - quedas. (PROFESSOR 4)

A fala deste professor denuncia a falta de apoio social aos professores, a falta de preparo para a realidade atual e o fenômeno mal-estar docente.

Essas categorias da análise de conteúdo não foram definidas a priori, mas por meio do levantamento de palavras que definem o ser professor hoje, e foram escolhidas como categorias principais das representações sociais dos professores sobre o que é ser professor no contexto do século XXI.

5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A análise das entrevistas foi realizada tendo como metodologia a análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin, mais especificamente a análise categorial e temática. As categorias de análise não foram definidas a priori, mas criadas à posteriori, durante a pré-análise.

A unidade de registro “é a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial” (Bardin, 2009, p.130), podendo ser de natureza e de dimensões muito variáveis.

Nesta pesquisa o critério de recorte na análise utilizado é de ordem semântica com correspondência a palavra-tema. Conforme Bardin, 2009, p.130:

De facto, o critério de recorte na análise de conteúdo é sempre de ordem semântica, se bem que, por vezes, exista uma correspondência com unidades formais (exemplos: palavra e palavra tema; frase e unidade significante).

Bardin (2009, p.131) esclarece que a análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido. “O tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc”. A autora acrescenta ainda que a análise tendo o tema por base é frequentemente usada para analisar respostas a questões abertas, as entrevistas, individuais ou em grupo, de inquérito ou psicoterapia, etc.

Por meio do conteúdo das entrevistas foram identificadas as representações sociais do “ser professor no contexto do século XXI” e também foi possível aprofundar questões relacionadas ao tema sob a ótica do professor.

A seguir apresentaremos os quadros das entrevistas e a respectiva análise de conteúdo categorial e temática, depois seguem as análises das entrevistas em geral.

5.1 Entrevista com o Professor 1

Quadro 7: professor 1

CATEGORIAS	TEMA RELACIONADO	RESPOSTAS
Amor	Dedicação, atenção, carinho e gostar do que faz.	Ser professor é maravilhoso eu não me arrependo em nenhum momento de ter escolhido essa profissão, não me arrependo.
Desafio	Novas tecnologias	As novas tecnologias o tempo inteiro na frente dos alunos, e, você tem que concorrer às vezes com a TV, com a internet, que eles têm acesso mais fácil aos conteúdos do que na sala de aula;
	Diferenças, dificuldades e novos desafios	O professor se vê meio que concorrendo com a sociedade porque nem sempre o conhecimento que eles acumulam com a TV, com a internet, nem sempre é o que eles precisam para vida. Eu não escolheria outra profissão, por pior que seja, por mais difícil que seja, por que a gente não só concorre com as novas tecnologias que tem aí, mas são condições diferentes, que tem na sala de aula hoje em dia, de indisciplina, de família. Lecionar para crianças do ensino infantil, adolescentes e jovens, cabeças diferentes que pensam diferente, que tem necessidades diferentes;
Acreditar	No próprio trabalho, em melhorias.	
É difícil	Descaso das instâncias superiores e gestores	
	Lidar com a facilidade do acesso às informações	Se você consegue direcionar o trabalho do aluno, focar, trabalhar com ele, o fato dele ter acesso às informações é muito bom, mas nem sempre é possível, porque a gente não tem uma sala de informática, que você possa levar os alunos e trabalhar com eles, então, você meio que passa a pesquisa, por mais que direcione, de os endereços, eles vão procurar no mais fácil. Hoje eles recortam e colam e te entregam sem pensar, sem nada.
	Indisciplina	Como o povo diz, mata um leão por dia, é difícil você se preparar para algo desconhecido, você não pode dizer que conhece seus alunos por mais que você fique com eles 1 ou 2 anos. A sala de aula é uma realidade totalmente assim, difícil de prever, porque você está lidando com pessoas que às vezes não estão bem, saem de casa e transfere para você algo que viram em casa, brigou com a mãe e o pai e transfere para o professor;
	Falta de apoio da família	A família que já não dá mais apoio para o professor como antigamente.
Ética	Postura	
Fundamental	Importância do professor na vida do aluno	
Realização	Lado positivo: Reconhecimento pelo aluno	Também tem o lado positivo, outro dia minha aluna trouxe um papelzinho cheio de bolinha e disse “prô” é o seu nome, escrevi o seu nome, isso deixa o coração da gente feliz, isso porque

		ela já tinha me trazido uma flor noutra dia, para aquela criança você está fazendo a diferença, isso é apaixonante! (lágrimas nos olhos).
	Aprendizagem	Mas, por mais percalços que você encontre, quando a gente vê uma criança aprendendo a ler, descobrindo uma letrinha ou dominando o conteúdo que você trabalhou (...) isso faz com que você se encante por ensinar, eu acho muito bacana (emoção na fala).
	Lado negativo: Desvalorização do trabalho do professor;	Antigamente o professor era um ídolo, hoje já não é mais, a família já não... (pausa) deixa a criança na escola como se fosse só pra cuidar e não para educar.
	Apoio dos pais	E a família não participa do processo educativo, isso faz falta para gente, o apoio dos pais. No outro dia quando perguntei se eles haviam colado, a menininha disse para mim: - Não! Minha mãe não deixa colar lixo no banheiro. (Obs.: sobre um trabalho realizado na educação infantil que deveria ser colado no banheiro). Então, isso quer dizer que não conseguiu valorizar o trabalho da criança. Que apoio os professores recebem da família? Nenhum, muito pouco.
Saber	Aperfeiçoamento	

Fonte: Pesquisa de Campo

Na entrevista com professor 1 identifica-se as seguintes representações sociais do “ser professor no atual contexto do século XXI”:

- O Amor: quando diz que ser professor é maravilhoso e que não se arrepende de ter escolhido essa profissão percebe-se uma ênfase no amor pela profissão.
- O Desafio: diz respeito às diferenças ocasionadas pelas mudanças ocorridas na sociedade, aos novos desafios e as dificuldades. Quando se refere às novas tecnologias e o fato de se sentir concorrendo com a televisão e a internet que disponibilizam o conteúdo com uma facilidade maior do que aquela da sala de aula, considerando ainda que esses conhecimentos acessados nem sempre é o que eles precisam, observa-se assim um novo desafio aos professores na escola da sociedade atual. Ainda aparece como desafio a indisciplina e as mudanças ocorridas na família. Uma dificuldade citada por este professor deve-se ao fato de ter mais de um emprego e lecionar tanto para crianças do ensino infantil quanto para adolescentes e jovens.

- É difícil, a dificuldade apresentada aqui está em lidar com a facilidade do acesso dos alunos às informações porque nem sempre é possível direcionar o trabalho de pesquisa do aluno na internet, não tem sala de informática para se trabalhar dessa forma e por mais que o professor, segundo ele, faça sugestão de sites, os alunos vão ao mais fácil “recortam e colam” e aí a contribuição da tecnologia acaba não sendo muito útil para o crescimento do aluno. Outro fator que justifica a representação relacionada à dificuldade é o problema da indisciplina, os alunos trazem para sala de aula os problemas de casa e descontam no professor e assim o professor acaba tendo que estar preparado para enfrentar “um leão por dia”, pois nunca sabe o que o aguarda. Menciona ainda a falta de apoio da família o qual não é mais o mesmo de antigamente.
- A Realização tem o lado positivo do afeto manifestado pelo aluno ao professor e sua aprendizagem, gera sentimento de realização profissional por sentir que “faz a diferença” na vida do aluno e isso é algo apaixonante para este professor que, segundo ele faz com que se encante por ensinar. Mas esta realização não é plena devido à desvalorização da profissão pela família e da falta de apoio e participação dos pais no processo educativo que chegam ao cúmulo de chamar o trabalho da criança (e conseqüentemente do professor) de lixo, quando disse que “não deixa colar lixo no banheiro” ao se referir à atividade realizada pela criança para a conscientização do uso da água, os professores trabalham esses valores na escola e em casa esses pais trabalham que valores? E aí a pergunta do professor: Que apoio a família tem dado? E a resposta ele mesmo diz: nenhum, muito pouco. Com crianças de 3 a 4 anos é difícil trabalhar sem o apoio dos pais e infelizmente existem pais como esses que além de não ajudar ainda atrapalham. Felizmente não são todos iguais.

5.2 Entrevista com o Professor 2

Quadro 8: professor 2

CATEGORIA	TEMA RELACIONADO	RESPOSTAS
Amor	<i>Dedicação, atenção, carinho e gostar do que faz.</i>	
Desafio	Novas tecnologias	
	Diferenças, dificuldades e novos desafios	Ser professor no contexto do século XXI, hoje já é uma coisa mais complexa, antigamente professor vinha para ensinar, hoje além de ensinar ele tem que dar carinho, atenção, trabalhar o social, o psicológico, então ser professor no século XXI é bem mais amplo que antigamente, é ser o “tudo” da criança; Antigamente se era um 3º ano trabalhava aquele conteúdo, hoje não, você tem que trabalhar aquilo que a criança está aprendendo, de acordo com seu ritmo de aprendizagem, a gente não pode ir muito além se a criança não acompanhou ainda aquele ritmo da sala, a gente tem que ir aos poucos de acordo com a criança.
Acreditar	No próprio trabalho, melhorias	
É difícil	Descaso das instancias superiores e gestores	Tem que partir da própria escola, reconhecer mais e valorizar o professor frente aos pais, aos alunos. Professor é a base de tudo vamos ajudar por que está ficando a desejar, mesmo dentro da própria escola.
	Lidar com a facilidade do acesso às informações	Chega à escola aérea pensando em chegar a casa e brincar com o computador, vídeo game.
	Indisciplina	
	Falta de apoio da família	A maioria manda pelo fato da bolsa família, bolsa escola, não tem incentivo de casa, chega à escola aérea... Falta e muito a presença dos pais, a criança vem para escola não tem apoio dos pais; O que mais me desanima é a ausência dos pais na vida da criança.
Ética	Postura	
Fundamental	Importância do professor	Professor é a base de tudo
Realização	Lado positivo: Reconhecimento pelo aluno;	
	Lado negativo: Desvalorização da profissão e do trabalho do professor; Apoio dos pais	A desvalorização, não financeiramente, mas, a gente não tem valor nenhum, por parte de ninguém: Nem pelos pais; Nem pela escola; Nem pelos governantes; É uma classe que está ficando a desejar, aos olhos de todo mundo. Falta um reconhecimento, uma valorização. Professor é a base de tudo, mas é visto como se fosse uma babá que está aqui só para cuidar das crianças e não para ensinar.
	Aprendizagem	Vem por vir, (...) vem pensando na Educação física, nadar na piscina, não pelo aprender.
Saber	Aperfeiçoamento	Quando era o tradicional, a criança aprendia através do “repeteco”, a gente repetia sempre a mesma coisa, hoje não, (...) tem que variar sempre.

Fonte: Pesquisa de Campo

Na entrevista com o professor 2 foram identificadas as seguintes categorias de representação social para o que é “ser professor no atual contexto do século XXI”:

- Desafio, porque hoje é diferente por ser mais complexo, uma vez que além de ensinar o professor tem que “ser o tudo da criança” dar carinho, dar atenção, trabalhar o social, o psicológico. É mais difícil ser professor, antes predominava uma visão conteúdistas, trabalhava-se o conteúdo de cada série, hoje se olha a criança na sua totalidade e deve-se adequar o ensino ao seu ritmo de aprendizagem e suas necessidades.
- É difícil lidar com o acesso as novas tecnologias e informações, a criança segundo este professor, está na escola, mas com o pensamento no computador, no vídeo-game, e mais uma vez o professor se vê disputando o interesse da criança com as inovações tecnológicas, e assim a criatividade exigida do professor talvez tenha se tornado maior hoje. Mas a dificuldade aumenta quando além do desinteresse dos alunos, observa-se também o desinteresse dos pais que mandam os filhos para escola somente para não perder os benefícios como bolsa escola, etc. Segundo este professor, falta incentivo, falta apoio e o que mais o desanima é essa ausência dos pais na vida da criança. É difícil ainda devido ao descaso das instâncias superiores e gestores porque a desvalorização acontece dentro da escola, falta reconhecimento e valorização.
- A realização aparece pelo lado negativo, ou seja, o professor se sente desvalorizado por todos os segmentos da sociedade “a gente não tem valor nenhum por parte de ninguém”. A aprendizagem também não aparece como fator de realização por conta do desinteresse dos alunos.
- Fundamental: O professor considerado por ele base de tudo é visto pelos pais como uma babá com a função de cuidar somente.
- O saber necessário para realização do trabalho docente é diferente, o que pressupõe novas capacidades, habilidades e conhecimentos.

As diferenças devido às mudanças que afetaram a profissão de professor têm gerado dificuldades e novos desafios, além da mudança de métodos e da desvalorização profissional, da falta de reconhecimento de sua importância e do apoio da família no processo educativo, a família esta ausente, não tem cumprido

suas funções de educar e orientar os filhos e o papel do professor acabou tendo que ser “o tudo da criança”.

A amplitude e complexidade da função docente na atualidade aliada a desvalorização da profissão somada aos novos desafios para os quais os professores não se sentem preparados são fatores geradores de mal-estar e o professor pede socorro: “vamos ajudar, esta ficando a desejar, mesmo dentro da própria escola”.

5.3 Entrevista com o Professor 3

Quadro 9: professor 3

CATEGORIAS	TEMA RELACIONADO	RESPOSTAS
Amor	Dedicação, atenção, carinho e gostar do que faz.	<p>Minha filha mais velha quer ser professora, brincando eu falei não faz isso, mas se um dia, eu ver ela na sala de aula, eu choro de emoção, (lágrimas nos olhos) é a profissão mais digna que existe. Ser professor não é para qualquer um, se ela chegar a ser é porque ela tem muito amor no coração.</p> <p>O aluno não foi incluído, simplesmente ele está lá, se for assim, sinceramente, é preferível que ele fique em casa, pelo menos ele tem o amor lá, porque nem isso ele está recebendo, nem amor porque deixar o aluno de lado assim...</p> <p>Na outra escola a menina que eu dei aula o ano passado é apaixonada por mim, e eu tenho medo dessa paixão, fico meio preocupado, mas se isso está acontecendo é porque eu soube dar a resposta, ela é apaixonada tudo bem, mas ela cresceu que seja pelo caminho do amor, mas que cresça se não teve o caminho do apoio material, nada disso teve. Nunca vou ficar quieto se eu receber um aluno assim vou atrás, o caminho é esse.</p>
Desafio	Novas tecnologias	
	Diferenças, dificuldades e novos desafios	<p>Do aluno sim, do professor não.</p> <p>A grande questão é a da valorização, entendo a família não valorizar, a sociedade não valorizar, mas os o colegas de trabalho! Isso é ponto principal, eu quero ser feliz e trabalhar em um ambiente em que todos são felizes, é duro você trabalhar em um lugar que tem pessoas levando aquilo como uma profissão, e, você quer acreditar que aquilo vai fazer a diferença, e você olha para quem tá do seu lado e não dá...</p> <p>Eu acho que isso é ponto principal, fora isso, não reclamo da questão salarial, acho que na realidade do Brasil a gente tinha que brigar por outras coisas, condição, inclusão, estrutura,</p>

		acho que isso deixa a desejar. Não tenho muito que reclamar é a questão da valorização. Ser feliz sabendo que todos são felizes também.
Acreditar	No próprio trabalho e em melhorias.	No século XXI fala se tanto em tecnologia e o principio da relação humana entre professor/aluno é aquilo que não tem como acabar, que vai perpetuar, a tecnologia toda fica, mas o ser humano é formado para contato direto, o professor do século XXI e do século XXII e todo o século que vem pela frente. Acredito nisso. É ser antes de tudo bastante esperançoso, tanta coisa que a gente vê que precisa de uma mudança e o início dessa mudança parte do professor, eu acho que agora mais que nunca o professor do século XXI é aquele que começa a transformação, mesmo que as pessoas não percebam, é a gente que começa a transformação, o transformador, aquele que dá o pontapé inicial é o professor.
É difícil	Descaso das instancias superiores e falta de apoio da equipe gestora	O sentido da escola é a criança, se a gente continuar achando que o sentido da escola é o professor, é o diretor, que vai sobrar tudo nas costas dele, a escola não vai mudar nunca, não adianta querer que a família muda, que a criança muda. Não vai mudar, enquanto a gente tiver culpando o aluno, e colocar de castigo, a gente às vezes comete erros pelo excesso de zelo porque não está aprendendo e você quer que aprendam, mas a norma é não receber apoio e os professores ficarem tranqüilos, é muito fácil a gestão não fazer nada e o professor não falar nada, ficar quieto e o outro falar não cheguei a lugar nenhum, porque não me ajudou, um não quer ensinar e o outro não tá ligando. A gente não pode jogar a culpa da falha educacional nem na família, nem na criança, a falha esta vindo de cima. O olhar tem que ser invertido, muita vaidade, muita política e pouca responsabilidade no foco principal que é a criança.
	Lidar com a facilidade do acesso às informações	
	Indisciplina	
	Falta de apoio da família	A participação é só quando tem um problema; Na zona rural, eles convivem mais perto, querem saber, participar mais, é a questão da alavanca social, eles não querem para os filhos a vida que eles têm. Na zona urbana parece que isso diluiu, perdeu o sentido.
Ética	Postura	A inclusão fracassa por vários fatores, formação, salário, mas o principal é a boa vontade. Parte do professor, brigar, reclamar, quando o professor não briga porque esta com esse aluno (<i>inclusão</i>) já está acomodado. Eu estou com esse menino aqui. Ah! Deixa lá, também não estou recebendo apoio...

Fundamental	Importância do professor na vida do aluno	A gente é muito mais que isso. Mais que precisar de você, ele olha com admiração.
Realização	Lado positivo: Reconhecimento pelo aluno	O aluno que mais se apega com você são esses, o aluno que eu dei aula o ano passado quando olha para mim o olhinho dele brilha. <i>(sobre aluno de inclusão)</i>
	Lado negativo: Desvalorização da profissão e do trabalho do professor; Apoio dos pais	20 anos atrás, a violência o desrespeito com o adulto, essa formação moral de não ser reconhecido como pessoa, isso eu já via lá, <i>(na cidade maior, onde começou)</i> mas aqui demorou um pouco, está chegando agora isso para gente. No meu estágio, eu era considerado o cara, e assim as mães me respeitavam. Hoje como professor, eu não tenho o mesmo respeito que eu tinha como estagiário. Senti muita mudança, no sentido de respeito, de valorização pessoal, o professor para muitas pessoas é só mais um funcionário dentro da sala de aula. A gente é muito mais que isso. Você vê que é valorizado quando dá aula para o filho de uma professora, vai ser valorizado, mas quando dá aula, por ex. p filho de um metalúrgico eles não estão nem aí para gente, Pensam: - Eu trabalho no pesado e você tá no ventilador, no leve. Esse pessoal que trabalha na cana, não valoriza a gente de jeito nenhum, mesmo sabendo que a educação é a base que ele precisa.
	Aprendizagem	Eu fiz alguma coisa por ele, consegui, no limite do conhecimento sim, no mínimo um passinho a mais tem que dar esse ano.
Saber	Aperfeiçoamento	Eu sou a favor da inclusão. Não sei trabalhar tenho que admitir, não sei, tenho que buscar, se o aluno não cresceu vou ficar frustrado.

Fonte: Pesquisa de Campo

Para o professor 3 “ser professor no atual contexto do século XXI” é:

- Amor, primeiramente relacionado aqui ao fato de gostar do que faz e de valorizar a sua profissão como a “mais digna que existe”, tanto que se a sua filha chegar a ser professora afirma que chora de emoção e demonstrou realmente a emoção na fala e nos olhos, nesta fala demonstra o amor pela profissão. O amor neste caso também vem relacionado à atenção e carinho que deve ser dada aos alunos quando diz: “é preferível que ele fique em casa, pelo menos ele tem o amor lá, porque nem isso ele está recebendo, nem amor porque deixar o aluno de lado assim...” (sobre aluno de inclusão). Para este professor a representação de que ser professor é amor, contempla ainda o amor enquanto dedicação, conforme podemos observar nas frases “que seja pelo caminho do amor, mas que cresça” e “nunca vou ficar quieto se eu

receber um aluno assim vou atrás, o caminho é esse” a dedicação e a luta pelos alunos motivada pelo amor por eles.

- Desafio em relação às diferenças, dificuldades e novos desafios ocasionados pelas mudanças. Este professor aponta a desvalorização como principal dificuldade e comenta que entende a “família não valorizar, a sociedade não valorizar, mas os colegas de trabalho, isso é ponto principal”. Deixa claro em sua fala um descontentamento em relação há colegas de trabalho que não acreditam que podem fazer a diferença, vêem simplesmente como uma profissão, falta entusiasmo e o ambiente de trabalho acaba não correspondendo ao ideal de ambiente feliz. Diz que não reclama da questão salarial e que atualmente, diante da realidade brasileira é necessário “brigar por outras coisas, condição, inclusão, estrutura, acho que isso deixa a desejar. Não tenho muito que reclamar é a questão da valorização”.
- Acreditar na profissão e que apesar da tecnologia disponível atualmente o contato humano na relação professor aluno é insubstituível. Muitas mudanças são necessárias e “o professor do século XXI é aquele que começa a transformação, mesmo que as pessoas não percebam, é a gente que começa a transformação” e para isso é necessário acreditar, por isso que para ele ser professor atualmente é “ser antes de tudo bastante esperançoso”.
- É difícil, é uma representação que está associada ao descaso das instâncias superiores e falta de apoio da equipe gestora, segundo ele é comum o professor não receber apoio e não reclamar disso por que fica cômodo para ele quando for cobrado em relação às metas que não foram cumpridas terá a desculpa de que não recebeu apoio. Não se pode segundo ele jogar a culpa nas crianças ou na família por que a falha vem “de cima” uma vez que há uma situação que precisa ser invertida, pois ele observa que existe “muita vaidade, muita política e pouca responsabilidade no foco principal que é a criança”, enfim falta de compromisso desse segmento.
- Ética, em relação à postura de compromisso e luta, porém essa postura parece ausente uma vez que, ele aponta como causa do fracasso na inclusão a falta de força de vontade e a acomodação diante dos problemas.

Fundamental porque ser professor é muito mais que uma profissão: *“A gente é muito mais que isso. Mais que precisar de você, ele olha com admiração”*.

- Realização está presente na demonstração de afeto que os alunos deixam transparecer. Aparece também o lado negativo da realização, uma vez que, não há reconhecimento da sua função nem apoio.
- Saber, a nova clientela exige aperfeiçoamento e busca de saber para o aquilo que não se sente preparado e é causa de mal-estar, observa-se isso na seguinte fala “e se o aluno não cresceu vou ficar frustrado”.

Nesta entrevista podemos notar que o contexto de trabalho do professor é um contexto gerador de mal-estar pelo fato de que o mesmo não se sente preparado para os desafios, apesar de ser graduado em letras e pedagogia e ter pós-graduação lato-sensu em deficiência intelectual, isso sem contar os cursos de formação continuada como letra e vida, pró-letramento, pró-gestão e vários outros. Com certeza fazer cursos não tem ajudado muito, não tem dado conta do saber necessário ao professor da atualidade e parece-me que fazer cursos não basta, o saber não basta porque é necessário o “ter”, ter condições favoráveis de trabalho, “apoio social” como pontua muito bem Esteve (1999), e apoio de todas instâncias envolvidas, gestores, pais e governantes, o caminho para educação de qualidade, tão famosa nos palanques eleitorais tem que sair do discurso para a prática e a prática passa pela valorização e apoio ao docente.

O crescimento do aluno e seu desenvolvimento cognitivo não dependem só do trabalho do professor, do seu amor ou dedicação, são vários os fatores envolvidos, mas frequentemente a culpa de um desenvolvimento e aprendizagem abaixo do esperado caem sobre o professor, e, por mais que tenha se esforçado, buscado, se dedicado, o sentimento de frustração é inevitável se os resultados não são positivos.

O professor se vê diante do fato de que não consegue mais realizar seu trabalho com eficácia, novos tempos, novos desafios e surge então a crise de identidade profissional. A realização profissional no caso deste professor só acontece em relação à aprendizagem do aluno, seu afeto e o reconhecimento por parte deles.

No que depende das instancias superiores e dos gestores em geral esta realização não acontece, por meio de sua fala há indícios de falta de comprometimento, falta apoio e falta ética, mas sobra “ vaidade” e “ politicagem”, o foco que deveria estar na criança encontra-se invertido.

5.4 Entrevista com o Professor 4

Quadro 10: professor 4

CATEGORIAS	TEMA RELACIONADO	RESPOSTAS
Amor	Dedicação, atenção, carinho e gostar do que faz.	É se apaixonar pelo que faz e trabalhar com amor. Eu já passei por várias experiências desde o ensino médio e agora no maternal, que é creche, e eu vejo que mesmo as idades diferentes o que eles necessitam do professor é a mesma coisa, é o amor, não é só para o professor pensar vou ensinar, ensinar, ensinar.
Desafio	Novas tecnologias	As crianças de uma forma geral estão mais ativas, com os meios de informação eletrônicos, que elas têm, parece que o aprender acontece mais precoce, o professor não pode andar na contra mão, eu percebi isso no Estado, o professor que não quis mudança ele se deu super mal com os caderninhos, porque requer um novo olhar na educação, é atual, porque o aluno mudou.
	Diferenças, dificuldades e novos desafios	Ser professor é estar vendo o desenvolvimento da criança dia a dia, é ter prazer em acordar cedo e ir para escola, saber que você vai encontrar uma clientela diferenciada a cada dia. Uma criança não é igual à outra, precisa de cuidados, precisa de olhar diferenciado. O professor se dá o respeito quando ele é comprometido com o que faz, não adianta chegar lá e “fazer de conta” que vai dar aula, eles cobram. Hoje esta mais fácil trabalhar, só que o professor tem que ser dinâmico frente às situações encontradas. Têm desafios todos os dias, situações novas, não só com aluno, (...), problemas com pais, gestores. Meu Deus! Como vou trabalhar com essa criança. Até que eu fui conhecendo-a, ela foi criando uma linguagem para se comunicar comigo e eu com ela, foi um processo progressivo, aí sim, eu consegui fazer alguma coisa com ela. Não conseguia comer, se lambuzava, engasgava, tinha que cuidar dela no intervalo, eu fiquei sozinha eu, ela e as crianças, uma dívida minha com ela. Eu chorei duas semanas.
Acreditar		Os mais velhos dizem que não adianta tentar mudar, é “estar dando murro em ponta de faca, vai para o livro negro da diretora, da coordenadora” (riso), então eu percebo que acabam se acomodando, é mais fácil ficar em cima do muro, a pessoa fica na retaguarda. Tem professor que é “mil por hora” e tem aquele que é “um por hora”, não tá nem aí com nada, tanto faz chover, fazer sol, para que reclamar, não vai mudar nada.
É difícil	Descaso das instancias superiores	E infelizmente não somos reconhecidos, é desgastante, sem apoio da família, da equipe gestora, é difícil trabalhar, muita gente tem saído do cargo e ficado doente até. Quando fala inclusão é o professor tem que se incluir também, quando um professor pega um aluno de inclusão não consegue porque não tivemos fatos reais de inclusão na nossa formação, quando você tem na sala de aula, você cai de para-quedas, A menina não falava, fazia xixi na roupa, eu fiquei sozinha, diziam que ela não precisava de tutora porque andava, fiquei sozinha com ela, eu, ela e as outras crianças, eu tinha que ser a tutora dela.

	Lidar com a facilidade do acesso às informações	
	Falta de apoio da família	Pais que abandonaram escola, não vêem a escola como algo importante para o cidadão, para o futuro, levam os filhos para escola por levar, esses pais acabam atrapalhando o trabalho, o professor que é idealizador, entusiasmado com o que faz, faz a diferença na vida do aluno, quando os filhos chegam a sua casa os pais acabam com o aluno, falam coisas severas, palavrões, maus tratos.
Ética	Postura	Tem que ser agente de transformação, estou sempre articulando, tentando trazer pessoas para mudar, tem que pensar nas crianças.
Fundamental	Importância do professor na vida do aluno	As primeiras semanas de aula são terríveis o tempo que a criança vai se adequando aquele espaço, se é um professor calmo tranquilo, vai passar isso para criança, se o professor é igual o pai que ele tem em casa vai reproduzir muito mais.
Realização	Lado positivo: Reconhecimento pelo aluno Lado negativo: Desvalorização da profissão e do trabalho do professor; Apoio dos pais	No século XXI nos temos várias realidades, tive uma experiência no ano anterior de trabalhar em uma escola municipal que parecia escola de elite, tudo que pedia aos pais eles participavam, ajudavam. Cobrança também, um retorno muito grande. Cada vez menos, o professor é reconhecido, o professor não é reconhecido, primeiro pelo salário indigno que tem, a gente se vê obrigado a ter dois trabalhos, onde já se viu um professor ganhar menos que 2 salários mínimos! Tem escola que os pais não vêem educação como algo importante porque não foi para vida deles.
	Aprendizagem	Trabalho de formiguinha, mas ela saiu sabendo escrever a primeira letra do nome dela, o primeiro nome, reconhecia as vogais.
Saber	Aperfeiçoamento	Se você não tiver jogo de cintura, hoje nós temos um mercado muito competitivo. Cidadão obediente de antigamente era a questão da autoridade, do autoritarismo, era fácil dar aulas para aquelas pessoas acomodadas, hoje se o professor não se modernizar a aula é péssima porque hoje eles não deixam o professor dar aula, tem que ser cativante.

Fonte: *Pesquisa de Campo*

Nesta entrevista com o professor 4 foram identificadas as seguintes representações:

- Amor, ser apaixonado pelo que faz e trabalhar com amor, este acredita (com base na sua experiência) que do maternal ao ensino médio o que as crianças precisam é de amor, não adianta ficar só pensando em ensinar.
- Desafio, referente às novas tecnologias que tem deixado os alunos mais ativos e com o aprender mais precoce, o aluno mudou porque a realidade mudou e o professor que não domina ou não faz uso das novas tecnologias anda na contra mão. O desafio também se deve as diferenças na clientela atendida, na diversidade de alunos e necessidades individuais diferenciadas.

- Acreditar e lutar por mudança e pelos direitos, porém se depara com o comodismo dos professores, principalmente os mais velhos que desistiram de lutar e vivem “nem aí com nada, tanto faz chover, fazer sol, para que reclamar, não vai mudar nada”.

- É “difícil” abrange as representações sobre as dificuldades enfrentadas na atualidade nas quais cita a situação desgastante da falta de apoio de modo geral e de reconhecimento, “sem apoio da família e da equipe gestora, é difícil trabalhar, muita gente tem saído do cargo e ficado doente até”, a inclusão acontece, mas os gestores não se comprometem para o seu êxito, deixa tudo a cargo do professor e os cursos de formação não preparam para o trabalho com este aluno e quando recebe o aluno sem as condições ideais para o bom trabalho ainda não se sente preparado e aí o “aprender fazendo” parece ser, neste caso, a única alternativa, sem apoio inclusive para lidar com as necessidades fisiológicas. Qual o respeito que os alunos de inclusão vem recebendo nas escolas? Será que isso é inclusão, e o papel de cada um perante esse aluno, a responsabilidade é só do professor?

Se quiser ser respeitado pelos alunos precisa ter muito dinamismo frente às situações de indisciplina porque os alunos mudaram junto com a realidade atual e testam os limites do professor, o apoio dos pais deixa a desejar e às vezes ainda atrapalham o trabalho: “... *levam os filhos para escola por levar, esses pais acabam atrapalhando o trabalho, o professor que é idealizador, entusiasmado com o que faz, faz a diferença na vida do aluno, quando os filhos chegam a sua casa os pais acabam com o aluno, falam coisas severas, palavrões, maus tratos*”.

- Ética, postura de luta como agente de transformação.
- Fundamental, porque nota-se a diferença do aluno em relação às primeiras semanas de aula, a oportunidade que o aluno tem de ter contato com algo que contribua para seu crescimento é quando o professor transmite calma e tranquilidade, diferente dos pais citados acima.

- Realização, apesar de que existem pais que valorizam, participem, e outros não, a realização profissional não é uma realidade diante do salário e da falta de reconhecimento. A aprendizagem do aluno é fator gerador de realização profissional.

- O “Saber”, primeiro pela competitividade do mercado, depois porque para conseguir dar aulas é preciso se modernizar e ser cativante, do contrário, não conseguirá dar aulas.

A profissão docente é vista como de fundamental importância para os alunos considerando que, as mudanças que ocorreram na família trouxe um novo papel para a escola que é contribuir complementando o que falta na família.

A profissão é hoje mais competitiva, mais desafiadora, sendo necessário, portanto que o professor desenvolva novas competências e habilidades, não basta saber o conteúdo, mas sim, como fazer com que o aluno aprenda.

4.5 Entrevista com o Professor 5

Quadro 11: professor 5

CATEGORIAS	TEMA RELACIONADO	RESPOSTAS
Amor	Dedicação, atenção, carinho e gostar do que faz.	
Desafio	Novas tecnologias	A tecnologia é a palavra do momento, tem que ficar antenado com ela.
	Diferenças, dificuldades e novos desafios	Hoje em dia o professor se tornou mais um mediador mesmo, porque a informação está mais acessível, então o professor se especializa num assunto determinado, se dedica bem aquele assunto, para se tornar um bom mediador.
Acreditar	No próprio trabalho, em melhorias.	Mas acredito que esta mudando, há muita discussão em nível municipal, estadual, federal, não tinha piso salarial agora tem piso para categoria estão já havendo uma melhoria. Só que eu sou otimista em relação ao professor, A tendência no futuro é ser muito valorizado, é uma profissão do futuro.
É difícil	Descaso das instâncias superiores e gestores	Acho que falta professor por conta de não ter tido essa valorização anteriormente. Já encontrei muita resistência no trabalho que eu fazia porque as pessoas não compreendiam, no começo, meu jeito de trabalhar. Tenho conseguido encontrar um ponto de equilíbrio entre aluno, direção e eu mesmo no caso, tento encontrar certo equilíbrio.
	Lidar com a facilidade do acesso às informações	
	Indisciplina; Falta de apoio da família	
Ética	Postura	Por meu envolvimento político, as pessoas achavam que isso era minha base enquanto professor e não é isso. Sempre separei as coisas, tenho minha posição política, mas sempre discerni as coisas, o que era certo e errado nessas condições.

Fundamental	Importância do professor na vida do aluno	
Realização	Lado positivo: Reconhecimento pelo aluno Lado negativo: Desvalorização da profissão e do trabalho do professor; Apoio dos pais	O que me desanima, talvez a falta de valorização atual. Mas daqui uns 6 anos já vai ter uma mudança boa nesse sentido eu acho que o professor vai ser querido, necessário e haver pessoas capacitadas que escolheu essa profissão por vocação e não por falta de opção.
	Aprendizagem	
Saber	Aperfeiçoamento	Os professores precisam usar até aquilo que eles criticam hoje, vídeo game, joguinhos, e usar como base para sua profissão, se não ele vai sumir no meio de tudo isso.

Fonte: Pesquisa de Campo

Para o professor 5 “ser professor no atual contexto do século XXI” é:

- Desafio em relação aos novos desafios provenientes das novas tecnologias que colocam o professor com o papel de mediador. É as novas tecnologias a sensação do momento, tem que se inteirar, acompanhar, ou seja, “*estar antenado*”, não há como fingir que não existem.
- Acreditar em melhorias considerando as mudanças já realizadas como a definição do piso salarial, etc. Otimista em relação ao futuro.
- É difícil pela falta de valorização “*Acho que falta professor por conta de não ter tido essa valorização anteriormente (...) enfrentava muita resistência no trabalho que eu fazia porque as pessoas não compreendiam meu jeito de trabalhar*”. Tem buscado e hoje encontrou certo equilíbrio nessa relação professor e direção e professor e aluno.
- Ética: por ter um envolvimento com movimentos da política, percebemos que foi alvo de algumas críticas, assim o professor aproveita este momento para esclarecer que sempre soube separar as coisas, por usar o verbo no tempo passado e colocar que hoje encontrou um equilíbrio, podemos perceber que este problema não ocorre mais.
- Realização: aparece o ponto negativo desta representação que é a questão de não se sentir valorizado embora insista em acreditar que brevemente haverá melhoras neste sentido, a ponto de que a profissão seja buscada por pessoas capacitadas por escolha e não por falta de outra opção, nesta frase nota-se a idéia subjacente de que profissões não valorizadas acabam sendo compostas em grande parte por pessoas que não escolheram essa profissão, já que não se é valorizado acaba não sendo a primeira opção.
- Saber: considerando o avanço tecnológico há a necessidade de saberes que antes não faziam parte da rotina do professor, quem não se qualifica

nesse sentido acaba “sumindo no meio de tudo isso” a sugestão é que se aproveite a tecnologia disponível.

O desafio ocasionado pelo avanço tecnológico exige algumas novas habilidades, conhecimentos e atitudes do professor frente ao ensino, este professor mostra uma postura interessante em que esse desafio pode ser uma oportunidade de mudança no modo de ensinar desde que se aproveite o que está aí, neste caso os avanços tecnológicos são vistos como desafios possíveis.

Quando são vistos como problemas a serem enfrentados e não como parte da solução, as representações sociais do avanço tecnológico saem da categoria de desafio para a categoria “é difícil” e então há a possibilidade deste item engrossar a lista de fatores que levam ao mal-estar docente. A que categoria deu origem, depende da forma que o professor demonstrou lidar com os novos desafios.

A forma como lida com o desafio, conforme Pacheco depende de seu desenvolvimento psicológico uma vez que, a capacidade para lidar com desafios depende desse desenvolvimento.

4.6 Entrevista com o Professor 6:

Quadro 12: professor 6

CATEGORIAS	TEMA RELACIONADO	RESPOSTAS
Amor	Dedicação, atenção, carinho e gostar do que faz.	
Desafio	Novas tecnologias	Por estar difícil de acompanhar, essa tecnologia cada dia mais avançada eu acho que é DESAFIO. Acho que a tecnologia também tá tomando conta e nós, muitos não estão preparados para tudo isso.
	Diferenças, dificuldades e novos desafios	Ser professor hoje mudou bastante, então é bem difícil falar o que é ser professor porque a responsabilidade, o jeito de trabalhar do professor está mudando bastante, antigamente quando eu comecei o professor dava aula, hoje professor tem mais responsabilidades, tem que desafiar quase, a escola, então é difícil ser professor hoje. Todo dia tem que desafiar alguma coisa da gente mesmo, ir contra alguma coisa que a gente pensa, fazer alguma coisa que a gente gosta, assim... (pausa) não no serviço, deixar de fazer alguma coisa para preparar aula. Hoje é bem mais difícil, não sei se que estou acomodada, ou eu estou sendo, não sei... ..Não sei, mas exige muito mais do professor do que antigamente. As principais diferenças são com relação às crianças, não são mais sem educação ou mais dispersas, não, é a diferença. Não sei se o pai está deixando a responsabilidade para escola, é o jeito como chegam à escola...

Acreditar	No próprio trabalho, em melhorias.	
É difícil	Descaso das instancias superiores e falta de apoio da equipe gestora	(sobre a inclusão) Ilusória, teórica, monte de coisa para fazer, muita idéia, mas a escola mesmo não tem nem rampa para cadeirante, quem dirá uma... (não terminou a frase). No ano passado eu tinha um aluno com retardo mental e outra com deficiência auditiva, eu perdia o gosto na sexta feira quando ia cantar o hino nacional e ela não sabia o que estava fazendo, ela sabia sinal de libras, se é inclusão tinha que ter um telão com o hino nacional em libras para ela.
	Lidar com a facilidade do acesso às informações	Parece que não estamos falando a mesma língua, vem muita coisa, muita mudança e a gente não está conseguindo acompanhar.
	Indisciplina	
	Falta de apoio da família	Fica a desejar na participação dos pais mesmo, antigamente você marcava uma reunião, antes os pais queriam vir na reunião queria saber como o filho está hoje tem que marcar um horário específico para cada pai. Trabalhar fora, pai e mãe, necessidades da família...
Ética	Postura	
Fundamental	Importância do professor na vida do aluno	
Realização	Lado positivo: Reconhecimento pelo aluno	De jeito nenhum, falei hoje na escola isso, não é pessimismo eu adoro estar na sala de aula, amo mesmo, mas, meu filho queria fazer Educação física, eu falei o que você resolver a mãe vai te apoiar, mas eu não queria um filho professor, por tudo, pelo salário, pelo quanto está difícil hoje, para receber um salário não digo nem bom, mas digno, você tem que “camelar” em três escolas para conseguir, trabalhar 8 horas, dar não sei quantas horas de aula por dia, eu acho muito sacrificado, não compensa. Não que eu não deixaria, mas eu não ia ficar contente se ele escolher essa profissão para ele. Para dizer a verdade eu não escolhi essa profissão, “me deram”, hoje eu não sei fazer outra coisa, eu aprendi gostar e querer gostar, não que eu aceite o que eu faço, não, “eu gosto”, mas eu acredito se fosse para escolher que eu não escolheria. Me deram, porque minha irmã queria fazer magistério, para ela fazer eu teria que fazer também, porque aqui na cidade não tinha, só em Presidente Prudente, ela só podia ir se eu fosse então eu fui, ela saiu eu fiquei, mas por isso q me deram a minha mãe me obrigou, só que eu gosto do que eu faço.
	Lado negativo: Desvalorização da profissão e do trabalho do professor	
	Apoio dos pais	
	Aprendizagem	
Saber	Aperfeiçoamento	A gente não esta conseguindo, não pode colocar a culpa na criança, nos não estamos conseguindo acompanhar...

Fonte: Pesquisa de Campo

Na entrevista com professor 6 identifica-se as seguintes representações sociais do “ser professor no atual contexto do século XXI”:

- Desafio em relação às novas tecnologias cada vez mais avançadas, por isso é difícil de acompanhar e cada vez ganhando mais espaço na sociedade conforme afirma “tomando conta de nós” e salienta a falta de preparo em relação a isso.

Na representação de desafio também se encaixam as principais diferenças, dificuldades e novos desafios percebidos pelo professor. Em relação às diferenças afirma que mudou bastante ser professor hoje em comparação ao que era antes, *“antigamente quando eu comecei o professor dava aula, hoje professor tem mais responsabilidades, tem que desafiar quase, a escola, então é difícil ser professor hoje”*. O papel do professor mudou à medida que a sociedade mudou, a família tem uma relação diferente com os filhos e os alunos chegam com outras necessidades além da aprendizagem. Com maiores atribuições a dedicação acaba tendo que ser maior e o professor têm que trabalhar mais em casa *“deixar de fazer alguma coisa para preparar aula”*.

- É difícil: descaso das instancias superiores e falta de apoio da equipe gestora no sentido de do suporte pedagógico quando este professor afirma que inclusão de alunos portadores de necessidades especiais é *“ilusória, teórica, monte de coisa para fazer, muita ideia, mas a escola mesmo não tem nem rampa para cadeirante, quem dirá uma...”* (não terminou a frase, balançando a cabeça negativamente). Continuando, fala de sua experiência *“eu perdia o gosto na sexta feira quando ia cantar o hino nacional e ela não sabia o que estava fazendo, ela sabia sinal de libras, se é inclusão tinha que ter um telão com o hino nacional em libras para ela”*.

É difícil lidar com a facilidade do acesso às informações e motivo de sentimento de incapacidade, pois comenta que não consegue acompanhar.

É difícil a insuficiente atual participação dos pais na vida dos filhos, a presença nas reuniões de pais, hoje tem marcar um horário específico para cada um, pois trabalham.

- Realização profissional para este professor não aconteceu por conta da desvalorização salarial, portador de sentimentos contraditórios em relação a sua profissão, quando pergunto se seu filho quisesse ser professor afirma respondendo categoricamente:

De jeito nenhum, falei hoje na escola isso, não é pessimismo eu adoro estar na sala de aula, amo mesmo, mas, meu filho queria fazer Educação física, eu falei o que você resolver a mãe vai te apoiar, mas eu não queria um filho professor, por tudo, pelo salário, pelo quanto está difícil hoje, para receber um salário não digo nem bom, mas digno, você tem que “camelar” em três escolas para conseguir, trabalhar 8 horas, dar não sei quantas horas de aula por dia, eu acho muito sacrificado, não compensa. Não que eu não deixaria, mas eu não ia ficar contente se ele escolher essa profissão para ele. (professor 6)

Apesar do fato de se identificar com a profissão e gostar do trabalho em si a escolha do filho em ser professor não lhe deixa contente, pelo mesmo fato pelo qual ele não se sente realizado na profissão, pois para se ter “o salário”, para ser “digno” o professor tem que “se matar de trabalhar” indo de escola em escola, isso sem contar que seu trabalho não é só lá, mas também em casa, pois como afirmou tem que deixar de lado o que gosta para preparar aula. A representação sintética do ser professor neste caso é a de que “**não compensa**”.

4.7 Entrevista com o Professor 7

Quadro 13: professor 7

CATEGORIAS	TEMA RELACIONADO	RESPOSTAS
Amor	Dedicação, atenção, carinho e gostar do que faz.	Apesar de todos os problemas e as frustrações eu ainda gosto do que eu faço, se eu não gostasse não estaria mais lá, a partir do momento que você não gosta do que faz, tem que sair.
Desafio	Novas tecnologias	
	Diferenças, dificuldades e novos desafios	É ser mãe, médica, psicóloga, enfermeira, babá, tudo que eles não têm em casa, e depois você ser professora. No período que sobra de tudo isso ensinar a parte que realmente seria a parte do professor. Então não é ser educador só de alfabetização no caso é educar tudo de modo geral e de uns 10 anos para cá a tendência vem aumentando. Antigamente a gente tinha aluno pronto, em educação de limite, de regra, de respeito, hoje não, você tem que preparar a atividade já pensando como eu vou preparar isso aqui para criança para ouvir, o que eu vou fazer para chamar atenção, que didática eu vou usar aqui para passar tal conteúdo, porque eles não prestam atenção, na minha turma eu percebi que esmalte colorido chama a atenção, eu não usava esmalte assim, hoje eu uso até rosa fluorescente, porque eles param para ver o gesto da minha mão, chama atenção. Até quando eu não sei! Parece que eles não se interessam, tão pequenos (...) é triste, a gente que tem mais tempo de serviço ver desse jeito, penso que é por isso que é tanta violência hoje, tanta criança com problema. Acho que os pais deixam tudo à vontade.

Acreditar	No próprio trabalho, em melhorias.	
É difícil	Descaso das instancias superiores e falta de apoio da equipe gestora	Tem os que valorizam e os que não valorizam, acho que é igual em todas as profissões, tem os positivos e os negativos.
	Lidar com a facilidade do acesso às informações	É tentando descobrir maneiras para atrair a atenção deles, porque hoje está tudo muito fácil, tem acesso a muita coisa nada é novidade, você vai contar uma história não quer ouvir, vai passar um DVD...
	Indisciplina;	Agressividade, desamor, falta de respeito ao próximo, criança de 4 anos que não respeitam nem o coleguinha, muita agressividade, palavras assim... muito abrasivas, muito forte, a gente vê que as crianças estão sendo criadas sem nenhum limite, sem instrução, não adianta só a escola tomar essa providencia e chega em casa os pais não ajudam, não auxiliam também.
	Falta de apoio da família	Pais que não ficam em casa, pais que saem para trabalhar e deixam a educação para escola, os princípios básicos de educação vêm tudo para escola, a popular educação de berço, vem tudo agora para o professor, onde dificulta o trabalho da gente é difícil porque os pais muitos não estão preocupados em educar, preparar os filhos para vida, deixam tudo para escola.
Ética	Postura	
Fundamental	Importância do professor na vida do aluno	Parte fundamental na vida de uma criança já que os pais não os preparam para vida.
Realização	Lado positivo: Reconhecimento pelo aluno	Tem pais que valorizam seu trabalho, agradecem, até diz: queria tanto que pegasse meu filho o ano que vem.
	Lado negativo: Desvalorização da profissão e do trabalho do professor;	Muito serviço, muita preocupação porque a gente não se desliga e pouca remuneração e valorização, hoje a gente não fala, eu “ sou ” professora. Qual sua profissão? Professora. (falando rápido e baixo, riso).
	Apoio dos pais	Os pais não auxiliam a gente, não ajuda mostrando a importância de estar na sala de aula, parar para ouvir, os pais não estão nem se lixando para o filho, o negocio é mandar para escola e a escola que se vire.
	Aprendizagem	Mas eu falo com orgulho eu sou professora, vou me aposentar como professora e me orgulho do que eu faço, já há bastante tempo que eu trabalho como professora e tenho bons frutos para colher.
Saber	Aperfeiçoamento	

Fonte: Pesquisa de Campo

Na análise desta entrevista foram levantadas as seguintes representações sobre o tema da pesquisa:

- Amor: nesta categoria o tema relacionado é o amor pela profissão, como podemos ver “*apesar de todos os problemas e as frustrações eu ainda gosto do que eu faço, se eu não gostasse não estaria mais lá*”, nota-se a ideia

subjacente de que se o profissional não gosta do que faz, não faz bem feito, por isso afirma “se não gosta *tem que sair*”.

- Desafio: a idéia de desafio esta pautada no fato do atual papel do professor do século XXI envolvendo novos desafios, sua função não é mais só dar aula, mas sim representar vários papéis ao mesmo tempo (e não ser reconhecido por isso), conforme este professor o seu papel de ensinar é realizado no tempo que sobra daquilo que não seria seu papel se a família tivesse feito o que sempre foi dela, “educar” e quem sabe poderia ser diferente se a sociedade estivesse organizada de forma mais justa, assim ser professor hoje é “*ser mãe, médica, psicóloga, enfermeira, babá, tudo que eles não têm em casa, e depois você ser professora. No período que sobra de tudo isso ensinar a parte que realmente seria a parte do professor*”.

Sabemos que o educar também faz parte do trabalho do professor, mas é um trabalho complementar a base é familiar, mas a família parece ter se demitido desta função. O que preocupa os professores ao terem que dedicar grande parte do tempo nesta tarefa se quiser conseguir dar aulas pelo fato de que vários alunos têm chegado sem o básico, é que na hora de mostrar os resultados do seu trabalho o que pesa é a sua evolução em termo de conteúdos disciplinares, e não do seu desenvolvimento emocional. A provinha Brasil realizada no segundo ano do ensino fundamental tem o objetivo de analisar a leitura e escrita, o trabalho que o professor teve para preparar o aluno para esta aprendizagem não conta e se o resultado for negativo, abaixo da média esperada a culpa é do professor que não ensinou ninguém quer saber do tempo que ele gastou fazendo o papel que a família não fez.

O desafio diz respeito à diferença da família e do aluno, com mais de 20 anos de profissão este professor afirma que antigamente as crianças chegavam diferentes de hoje:

Antigamente a gente tinha aluno pronto, em educação de limite, de regra, de respeito, hoje não, você tem que preparar a atividade já pensando como eu vou preparar isso aqui para criança para ouvir, o que eu vou fazer para chamar atenção, que didática eu vou usar aqui para passar tal conteúdo, porque eles não prestam atenção, na minha turma eu percebi que esmalte colorido chama a atenção, eu não usava esmalte assim, hoje eu uso até rosa fluorescente, porque eles param para ver o gesto da minha mão, chama atenção até quando eu não sei. (Professor 7)

- É difícil: esta categoria está relacionada à falta de apoio da família e a valorização em geral que é igual a toda profissão, tem os que valorizam e os que não valorizam. Relacionada à facilidade atual do acesso as informações considera que dificultam o seu trabalho o fato de que para os alunos nada é novidade. Outro tema relacionado a esta categoria é a dificuldade proveniente da indisciplina:

Agressividade, desamor, falta de respeito ao próximo, criança de 4 anos que não respeitam nem o coleguinha, muita agressividade, palavras assim... ..muito abrasivas, muito fortes, a gente vê que as crianças estão sendo criadas sem nenhum limite, sem instrução, não adianta só a escola tomar essa providencia e chega a sua casa os pais não ajudam, não auxiliam também. (professor 7)

- Fundamental é representação que tem do papel do professor em uma sociedade em que os pais não preparam para vida.

- Realização no caso deste professor aparece no sentido do reconhecimento por parte de alguns pais, a não realização deve-se ao fato de se ter *“muito serviço, muita preocupação, porque a gente não se desliga e pouca remuneração e valorização, hoje a gente não fala, eu “sou” professora. Qual sua profissão? Professora (falando rápido e baixo, riso)”*. Sendo que a não realização também se deve a falta de apoio dos pais que *“os pais não auxiliam a gente, não ajuda mostrando a importância de estar na sala de aula, parar para ouvir, os pais não estão nem se lixando para o filho, o negocio é mandar para escola e a escola que se vire”*.

Transparecem sentimentos contraditórios na sua fala uma vez que, fala baixo e rápido *“sou professora”* quando se refere à maneira como responde quando é questionada sobre sua profissão e logo em seguida corrige dizendo que tem orgulho da profissão, que vai se aposentar com orgulho e fala dos bons frutos que no meu entender diz respeito à aprendizagem dos seus alunos, a dedicação de uma vida aos alunos.

4.8 Entrevista com o Professor 8

Quadro 14: professor 8

CATEGORIAS	TEMA RELACIONADO	RESPOSTAS
Amor	Dedicação...	
Desafio	Novas tecnologias	Ser professor no contexto do século XXI é aceitar as diferenças superar as dificuldades que hoje nós encontramos diante de uma clientela em estágio mais avançado que tem o conhecimento em computador e eletrônicos, então é muito difícil para nós professores lidar com esses alunos que tem outros interesses.
	Diferenças, dificuldades e novos desafios	Eu percebo que com a mudança tem ficado cada vez mais difícil trabalhar com os alunos. Há dez anos, na mesma serie tinha melhor rendimento, havia dificuldade problemas da aprendizagem, mas agora são maiores, apresentam defasagem maior (quando eu comecei não tinha pré I pré II). A família tem mudado muito, e a questão educacional que tem mudado com frequência a forma de trabalhar.
Acreditar	No próprio trabalho, em melhorias.	
É difícil	Descaso das instancias superiores e falta de apoio da equipe gestora	é estar lidando com as crianças de inclusão, porque a aceitação esta aí, recebe, mas a gente não tem preparação para poder estar lidando com essa criança, falta respaldo para o professor, falta respaldo do sistema de educação, para estar auxiliando o professor, essas crianças não necessitam de ajuda só do professor, mas de especialistas de outras áreas, a gente tem toda essa dificuldade de estar envolvendo essas crianças e não prejudicar os demais alunos. Eu acredito se fixar uma forma, um método da gente estar trabalhando sem estar adequando a tantas mudanças, porque as mudanças devem ocorrer sim, mas à medida que não prejudiquem tanto a formação do professor, como questão do aluno, tudo que o professor vai passar para o aluno tem que estar firme, ser uma coisa concreta, então se o professor não tiver essa segurança não tem uma aprendizagem na escola.
	Lidar com a facilidade do acesso às informações	
	Indisciplina;	
	Falta de apoio da família	
Ética	Postura	
Fundamental	Importância do professor...	
Realização	Lado positivo: Reconhecimento pelo aluno	Então às vezes a gente está se adequando a uma forma e já vem outra mudança, acho que isso prejudica a criança, o professor se mostra confuso na forma de trabalhar, não tem autonomia total para trabalhar porque quando começa ter segurança naquilo que esta ensinando já vem outra mudança.
	Lado negativo: Desvalorização da profissão / Apoio dos pais	
	Aprendizagem	
Saber	Aperfeiçoamento	Cursos de especialização, envolver mais especialistas para que os professores tenham noções de como lidar com inclusão, o apoio de todo sistema de educação é muito importante.

Fonte: Pesquisa de Campo

Para o professor 8 “ser professor no atual contexto do século XXI” é:

- Desafio relacionado às novas tecnologias num contexto onde ser professor é “*aceitar as diferenças e superar as dificuldades que hoje nós encontramos diante de uma clientela em estágio mais avançado que tem o conhecimento em computador e eletrônicos*” e isso os leva a terem outros interesses com os quais o professor acaba tendo que competir.

O desafio se dá ainda devido às diferenças, dificuldades e novos desafios da sociedade contemporânea na qual segundo este professor tem ficado cada vez mais difícil trabalhar “*Há dez anos, na mesma serie tinha melhor rendimento, havia dificuldade problemas da aprendizagem, mas agora são maiores, apresentam defasagem maior, mesmo tendo um percurso maior (quando eu comecei não tinha pré I pré II)*”. Outra dificuldade é a questão familiar que tem mudado muito e a questão educacional que tem mudado com frequência a forma de trabalhar, o que sabemos que acaba sendo um constante desafio de adaptação e aprendizagem para o professor.

- É difícil: esta categoria está relacionada ao tema que diz respeito ao descaso das instancias superiores e a falta de apoio da equipe gestora. Ser professor no atual contexto do século XXI para este professor:

É estar lidando com as crianças de inclusão, porque a aceitação esta aí. Recebe, mas a gente não tem preparação para poder estar lidando com essa criança, falta respaldo para o professor, falta respaldo do sistema de educação para estar auxiliando o professor a lidar com essas crianças ela não necessita de ajuda só do professor, mas de especialistas de outras áreas, a gente tem toda essa dificuldade de estar envolvendo essas crianças e não prejudicar os demais alunos. (PROFESSOR 8)

É difícil, este professor enfatiza isso, a questão das constantes mudanças de métodos que em sua opinião acaba atrapalhando o trabalho do professor porque o mesmo não se sente seguro com mudanças tão rápidas sendo que nem se familiarizou com uma e já vem outra e, conseqüentemente acaba prejudicando o aluno porque “*se o professor não tiver essa segurança não tem uma aprendizagem na escola*”.

- Realização: o professor aponta o lado negativo que é a desvalorização profissional no sentido da falta de autonomia do professor para escolher seu método de ensino, decisões de “cima para baixo” sem a participação do professor.

- Saber: categoria relacionada à importância e a necessidade de cursos de aperfeiçoamento para orientar o trabalho principalmente com alunos de inclusão.

A proletarização ideológica apontada por Oliveira (2006) é sinônimo de desvalorização para esse professor o qual se sente desrespeitado e inseguro frente a tantas mudanças para as quais sua opinião não foi consultada.

4.9 Entrevista com o Professor 9

Quadro 15: professor 9

CATEGORIAS	TEMA RELACIONADO	RESPOSTAS
Amor	Dedicação, atenção, carinho e gostar do que faz.	A pessoa que partir de uma meta, ser professor ou ser outro profissional tem que gostar se gostar, você faz com carinho, com dedicação. Então desde aquele dia eu disse, “puxa vida, acho que eu tenho o dom”. Ser professor é amor, carinho, “tudo de bom”, fico até emocionada de falar, é tudo de bom. (emoção na fala, lágrimas nos olhos).
Desafio	Novas tecnologias	Eu acho que tem bastante diferença, na parte pedagógica melhorou muito, pelo uso da internet, como facilitou! Você procura ali e acha tudo que quiser um livro, uma pesquisa, uma experiência, na hora você bate ali e já encontra, como facilitou, ficou mais fácil! Os livros melhoraram bastante, os autores, você tem um leque maravilhoso. Os alunos estão “muito para frente”, mas eu não vejo tanta dificuldade, porque as informações são muita hoje, internet, rádio, TV, eles tem mais que ir também nesse ritmo. Você tem que se interar no assunto e saber também. Não adianta eles falar uma coisa e você: “O que eu vou falar agora?”. Antigamente os alunos tinham receio de falar. Hoje a gente tem que estar mais preparado, eles estão vindo com força total. É tecnologia, noticia de tudo, a parte sexual também, você tem que estar interado do assunto, é difícil é, mas tem que pesquisar.
	Diferenças, dificuldades e novos desafios	Os alunos estão mais interessados, pelo menos os pequenos, não querem muita coisa no papel, eles querem conversa, querem que a gente sente, bata um papo, coisas mais no concreto. Conforme a clientela a gente tem que ir, se eles estão assim tem que seguir como eles estão.
Acreditar	No próprio trabalho, em melhorias.	Se você pensar na realização profissional é muito bom, supera qualquer dificuldade, é uma delicia chegar em casa e ver: - Olha que legal o que me perguntaram, olha como deu certo, olha que gostoso, vou fazer melhor...
		Aí fica aquele negócio: Preenche a ficha dos alunos que tem isso, isso e isso... Ai gente! Preencho! (com irritação na fala) E aí o pai vai? (bem nervosa) Porque se o aluno for sozinho não adianta. O aluno não tem culpa daquilo tem que chamar os pais junto, e eles não têm tempo. De que vai adiantar: A ficha disso, disso e disso. Psicólogo, fonoaudiólogo

É difícil	Descaso das instancias superiores e falta de apoio da equipe gestora	<p>(com deboche na fala). Concordo, mas o pai não tem tempo!</p> <p>Tem que começar trazer esses pais para escola, fazer alguma coisa, ligar para os pais: “tem que fazer isso, isso e isso”, só quando é para chamar atenção, não!</p> <p>Tem que trazer eles com carinho, um bingó, sei lá inventa alguma coisa, é um ambiente participativo, trazer eles para ver o que está acontecendo, eles tem que participar de uma maneira de outra, mas eles têm que vir.</p> <p>Se fala há tanto tempo sobre isso, acho que devia ser melhor, esta um pouco atrasado, o espaço principalmente espaço físico, banheiro, degraus que ainda tem, embora que o professor é um ser incrível nessa parte vejo o carinho pelas crianças, tem que incluir sim (sobre inclusão).</p>
	Lidar com a facilidade do acesso às informações	<p>Você tem que pesquisar, tem que procurar, tem que ler principalmente o que está na mídia agora, até os pequeninos perguntam aquele avião que caiu, aquele homem que atirou na escola o que aconteceu? Coitadas daquelas crianças! Tem que sentar e conversar, não se pode falar “acabou o assunto”. Vamos sentar e vamos falar disso.</p> <p>Aproveita a notícia e fala sobre educação, limite, regras, sobre o que pode e o que não pode, porque, você aproveita tudo, traz jornal, traz revista.</p> <p>É o século XXI, é o que está chegando para gente.</p> <p>Agora fica lá, não sabe o que está acontecendo:</p> <p>Ah não, não vou falar disso não!</p> <p>Erradíssimo, você tem que aproveitar, mesmo do ensino infantil até o colegial e prolongar cada vez mais, não pode parar não.</p> <p>Tem que ler mesmo e saber o que esta falando.</p>
	Indisciplina	<p>Quer conversar e o pai não conversa, acontece problema de indisciplina na escola, aluno revoltado. A gente não dá conta de atender toda demanda é difícil demais, a gente tem vontade de participar, mas é muito aluno.</p>
	Falta de apoio da família	<p>Acredito que eles (<i>pausa</i>) pecam um pouco, pecam e não pecam, porque hoje todo mundo trabalha, não tem esse negócio que o homem trabalha a mulher fica cuidando do filho, o tempo é curto para os filhos? É! Embora pequem porque deixam muito a desejar nessa parte, está em casa final de semana, vamos ver o que está fazendo, como foi na escola, ver o caderno.</p> <p>A mãe tem que participar, tem que achar o tempo pelo menos uma hora por dia, no final de semana, tem que se programar, é difícil, não é fácil, mas é obrigação dos pais conversarem pelo menos um pouquinho sentar com o filho e perguntar:</p> <p>Como foi na escola hoje, se aconteceu alguma coisa, uma briga, porque aconteceu isso...</p> <p>Tem que ir se inteirando do assunto.</p> <p>Tem que se interessar se não pergunta nada, o aluno vai se fechando, se fechando, fica tudo nas costas do professor.</p> <p>A escola hoje em dia está um depósito:</p> <p>- Eles que educam, eles que se viram, eles que dá conta disso e daquilo.</p> <p>Pegaram a responsabilidade deles e jogaram tudo nas</p>

		costas da escola, e não é por aí. Pecam muito nisso aí.
Ética	Postura	Uma pessoa veio falar comigo ontem de uma criança que está apanhando muito, tem que contar mesmo, os alunos tem a gente como um ponto de referência e de apoio, quem vai ajudar ele? Em casa? Como? Se ele está sendo agredido?
Fundamental	Importância do professor na vida do aluno	Afeto, com amor na profissão supera qualquer barreira, vamos fazer, olha nos olhinhos deles e vê que eles não têm noção de nada, se você não responder por eles...
Realização	Lado positivo: Reconhecimento pelo aluno Lado negativo: Desvalorização da profissão e do trabalho do professor; Apoio dos pais	Com muito carinho e amor mesmo, se pensar só em dinheiro, em... Como fala... Só no salário a gente não faz. Você até esquece a outra parte, a financeira, embora que é difícil, mas você acaba esquecendo, olha que bacana o que eu fiz, o que o aluno conseguiu. Vai e faz com amor, porque se for por salário você não vai. Eles deixam muito para escola: - Eu não sei fazer isso. A sua professora que se vira, ela é professora eu não sou A mãe tem que participar, não pode deixar tudo para escola, embora estejam sem tempo, ninguém tem tempo tem que se programar.
	Aprendizagem	É muito bom ser professor é uma realização profissional que a gente sente, ainda mais quando o aluno está aprendendo e se desenvolvendo, alcançando os objetivos. A gente vê aquele aluno que começou lá (<i>gesto com a mão sinalizando para traz</i>), não sabe nada, está na garatuja ainda, e vai desenvolvendo a cada dia até alcançar o objetivo da sua proposta (...) e quando você menos espera, ele vai. Chega ao final do ano você vê aquela realização profissional é muito bom, você diz: tudo que eu fiz valeu à pena, é uma delícia.
Saber	Aperfeiçoamento	Desde 1997 eu nunca mais parei, numa escola e outra, fui evoluindo, melhorando, não aprendi tudo, cada dia aprende-se um pouco, uma experiência nova. É muito bom.

Fonte: Pesquisa de Campo

Para o professor 9 “ser professor no atual contexto do século XXI” é:

- Amor: acredita que é preciso gostar do que faz, pois só assim fará bem feito, seja em qualquer profissão. Observa-se a representação de que para atuar nesta profissão é preciso ter um “dom”. Demonstra gostar do que faz: “Ser professor é amor, carinho, “tudo de bom”, fico até emocionada de falar, é tudo de bom” (emoção na fala, lágrimas nos olhos).
- Desafio: as novas tecnologias que para muitos é um desafio para este professor é um grande auxílio que facilitou sua vida. Com essa facilidade de acesso as informações os alunos de hoje se tornaram nas palavras deste

professor “prá frente” o desafio para o professor hoje é se preparar, estar inteirado dos assuntos e do que acontece no mundo.

- Outro tema relacionado a esta categoria é relativo às diferenças, dificuldades e novos desafios, aponta o fato de que os interesses dos alunos mudaram e isso exige nova postura do professor no processo ensino aprendizagem e na relação professor aluno e *“conforme a clientela a gente tem que ir, se eles estão assim tem que seguir como eles estão”*.

- É difícil: as falhas dos gestores em resolver os problemas relacionados às dificuldades dos alunos, no que diz respeito à relação com os pais e por não adequar a escola para o atendimento de alunos especiais.

Sobre a facilidade de acesso ao conhecimento, tema este que se encaixa nessa categoria “é difícil”, lidar com as curiosidades e as necessidades dos alunos em comentar na escola o que viu na mídia, para este professor é difícil porque exige uma constante pesquisa, leitura, pesquisa para estar sabendo o que falar ao aluno, porém é uma oportunidade de aproveitar aquilo na aula. Segundo ele isso *“é o século XXI, é o que está chegando para gente. “Agora fica lá, não sabe o que está acontecendo”* e aí quando o aluno pergunta: *“Ah não!” Não vou falar disso não! “Erradíssimo”*.

A indisciplina também faz parte desta categoria e segundo este professor se deve a ausência dos pais na vida dos filhos. A falta de apoio da família é outro tema relacionado à categoria “é difícil”, e em sua fala o mesmo reflete sobre a participação dos pais na vida da criança que, embora trabalhem, não justifica a ausência uma vez que é possível se programar para sentar com os filhos, perguntar sobre o que está acontecendo e ver o caderno e o que o filho está aprendendo, orientar nas lições de casa. É obrigação de pais e para ele *“a escola hoje em dia está um depósito (...) pegaram a responsabilidade deles e jogaram tudo nas costas da escola, e não é por aí. Pecam muito nisso aí”*.

- Ética: a postura de zelar pelo bem estar da criança “os alunos tem a gente como um ponto de referência e de apoio, quem vai ajudar ele? Em casa? Como? Se ele está sendo agredido”?
- Fundamental é a importância do professor na vida do aluno porque o professor com *“afeto, com amor na profissão supera qualquer barreira, vamos fazer, olha nos olhinhos deles e vê que eles não têm noção de nada, se você não responder por eles...”*

Realização: tem o lado positivo para ele que é ver o avanço do aluno na aprendizagem. O lado negativo é o salário “*vai e faz com amor, porque se for por salário você não vai*”.

Outro lado negativo na realização é o apoio dos pais:

“eles deixam muito para escola: Eu não sei fazer isso. A sua professora que se vira, ela é professora eu não sou! A mãe tem que participar, não pode deixar tudo para escola, embora estejam sem tempo, ninguém tem tempo tem que se programar.

- Saber: fala do seu processo de formação e busca constante e crescimento gradual, em que “*aprende-se a cada dia um pouco*”.

É possível notar através da entrevista que é um professor apaixonado pelo que faz, embora seja notada a irritação presente na reação à resposta dada às necessidades de seus alunos, assim como o descaso e falta de apoio ao professor.

4.10 Entrevista com o Professor 10

Quadro 16: professor 10

CATEGORIAS	TEMA RELACIONADO	RESPOSTAS
Amor	Dedicação, atenção, carinho e gostar do que faz.	Para mim é uma forma muito prazerosa porque realmente eu acredito que fui professora pela vocação mesmo, não é só uma profissão que escolhi desde criança eu quis ser professora, e hoje eu me realizo me sinto muito feliz em poder estar atuando nessa profissão.
Desafio	Novas tecnologias	
	Diferenças, dificuldades e novos desafios	Muitos desafios que vão aparecendo na nossa sala de aula, não são fáceis porque a gente não se sente preparada nunca para tudo, cada ano, temos crianças diferentes, formas diferentes, cada uma num contexto social diferente então a gente tem que estar se adaptando para conseguir um bom resultado, mas ainda assim, para mim, ser professora hoje é um desafio. Ele vem para aprender, nosso papel é dar essa resposta para o aluno, tentar solucionar o que ele traz, o que ele queira, num assunto que surge na sala, tem que ser flexível, de repente, estar tratando do que ele quer, do que ele está precisando, mas eu gosto, estou contente no que faço. Aquela insegurança mesmo, quando a gente assume uma sala de aula nunca está preparado, fica pensando: por onde começo, que linha vou tomar, para fazer um bom trabalho. Nem sempre o que se está acostumado fazer dá certo toda vez, tem que estar sempre inovando, buscando porque cada ano é uma realidade diferente, até começar se encontrar, ter uma visão do coordenador do pessoal que está

		<p>direcionando, dos pares que a gente trabalha, vai até meados do ano para saber que linha se está seguindo no decorrer daquele ano.</p> <p>Ser professor no século XXI(...) a diversidade de alunos, as dificuldades de aprendizagem hoje muito presentes na sala de aula, não só caso de inclusão, tem sim os casos de inclusão, mas tem alunos que não são casos de inclusão, que tem dificuldades e a gente não está preparada, eu não me sinto preparada para trabalhar com esse aluno, por mais que busque a gente não encontra tudo que quer, tenta buscar mas não acha tudo.</p>
Acreditar	No próprio trabalho, em melhorias.	
É difícil	Descaso das instancias superiores e falta de apoio da equipe gestora	<p>Nessa situação isso é uma coisa que talvez tenha que partir da própria escola, se a escola valorizar mais o professor os alunos vão perceber isso e vai chegar aos pais.</p> <p>A direção mesmo, o corpo de administração da escola, hoje, dia do professor quase ninguém lembra que é dia do professor.</p>
	Lidar com a facilidade do acesso às informações	
	Indisciplina	
	Falta de apoio da família	Tudo bem a gente recebe para trabalhar e fazer o melhor, mas eu sinto que os pais, a própria escola espera da gente sua obrigação. Sua obrigação e acho que não é por ai.
Ética	Postura	Mas um desafio que eu busco e tento fazer o meu melhor para me sentir bem.
Fundamental	Importância do professor na vida do aluno	
Realização	<p>Lado positivo: Reconhecimento pelo aluno</p> <p>Lado negativo: Desvalorização da profissão e do trabalho do professor; Apoio dos pais</p>	<p>Tem a questão da valorização, hoje em dia.</p> <p>Tem que resgatar um pouco mais que o professor é uma pessoa importante também, a gente tem que ser vista como um dia já foi vista, com respeito, a gente sabe que não tem muito. Hoje um pai chega à sala para conversar já chega tacando pedra acha que a gente tem que resolver todos os problemas e você fica pensando:</p> <p>- Qual é o meu papel, o que eu tenho que fazer?</p> <p>Dia das crianças a gente nunca esquece, final do ano. E no nosso dia? No nosso dia, a gente que está ali praticamente o ano inteiro com eles não é lembrada, pela direção não tem aquela conversa da nossa importância, e fica uma data que só quem é professor que lembra. Deveriam estar lembrando com orgulho.</p>
	Aprendizagem	A gente não é besta, o professor que assume seu papel sabe todo dia se sua aula foi boa ou não, se o objetivo foi alcançado ou não, a gente sabe onde foi a falha, e normalmente a falha é nossa. Não é da criança, a gente até fala, "não prestou atenção", mas a gente tem essa consciência quando termina o nosso dia.
		Sinto muito essa falta de formação para trabalhar com aluno com dificuldade, já tive alunos com deficiências, auditiva, com baixa visão e não é fácil, a

Saber	Aperfeiçoamento	gente tem que mudar completamente, por que não adianta, mais que você fala que prepara uma aula na verdade você não prepara uma, tem que preparar uma aula de acordo com o que seu aluno vai ter prazer em fazer, vai ser um desafio, você tem que “se virar nos 30”. O caminho seria nos preparar, chega uma hora que a gente chega ao limite da gente mesmo, não saber, não ter como buscar.
--------------	-----------------	---

Fonte: Pesquisa de Campo

Para o professor 10 “ser professor no atual contexto do século XXI” é:

- Amor. Uma profissão pela qual tem vocação desde criança e na qual se sente realizado por gostar do que faz.
- Desafio em relação às diferenças, dificuldades e os novos desafios que são diários. É um contexto que traz necessidade de adaptação à nova realidade, ser flexível às necessidades dos alunos. O professor fala do sentimento de despreparo e insegurança até para as decisões de que rumo tomar, que linha seguir. O contexto atual é marcado pela diversidade de alunos e de dificuldades, em que, além dos alunos de inclusão existem alunos com outras dificuldades e para as quais o professor também não se sente preparado para lidar e sem rumo, pois não sabe mais onde buscar elementos para lidar com essas dificuldades.
- É difícil, o descaso das instâncias superiores e a falta de apoio da equipe gestora em relação à valorização dos professores. Na concepção deste professor para que os pais e alunos possam valorizar o professor a “escola” deve valorizar primeiro, e isso não acontece. Também é difícil em relação ao apoio da família porque os pais esperam dos professores o que é a sua responsabilidade.
- Ética, buscar fazer o melhor que pode para vencer os desafios.
- Realização, comentário relacionado ao lado negativo da realização, ou, o não sentir-se realizado profissionalmente pelo fato de não se sentir valorizado, afirma que é preciso resgatar o valor e a importância do professor. Este professor fala da falta de respeito dos pais por ele e sua função quando “já chegam tacando pedra” e querem que “resolva todos os problemas”. A crise de identidade fica clara quando pergunta: “Qual meu papel, o que tenho que fazer? O mesmo reclama também de não ser lembrado no dia dos professores e considera que falta incentivo da gestão nesse sentido.

- Aprendizagem, nesta fala ele mostra que a realização não acontece neste sentido, pois o professor comprometido sabe quando realizou um bom trabalho, ou não, como disse: “a gente não é besta”.

- O Saber, relacionado à necessidade de aperfeiçoamento para lidar com as dificuldades de aprendizagem e as deficiências do aluno. Fala da falta de formação e revela o sentimento de não saber tudo que precisa diante da realidade contemporânea quando diz que chega no “limite da gente mesmo, não saber e não ter como buscar”.

Podemos notar que apesar de enfatizar que se sente realizado e que está contente no que faz, este professor aponta vários agentes causadores de mal-estar docente, sendo eles em suma, os desafios frente à nova realidade, os novos desafios e as dificuldades frente à diversidade da clientela atendida na escola, além da falta de apoio da família e de suas exigências quando não cumprem seu papel, mas exigem que o professor resolva problemas que ele não sabe como fazer.

A crise de identidade, outro fator gerador de mal-estar, fica evidente quando fala das exigências dos pais e de qual é o seu papel enquanto professor, uma vez que, diante da diversidade de situações e dificuldades, talvez isto não esteja claro.

A aprendizagem do aluno que muitas vezes gera a realização profissional por ser fruto de seu trabalho, neste caso aparece como geradora de mal-estar, e não de realização, pois afirma que “a gente sabe onde foi a falha, e normalmente a falha é nossa”.

Apesar dos mecanismos de defesa utilizados para amenizar o mal-estar em relação à falta de êxito do aluno, a consciência fala mais alto, conforme podemos ver nesta fala: “A gente até fala, “não prestou atenção”, mas a gente tem essa consciência quando termina o nosso dia”.

A representação que se tem do saber docente necessário ao seu trabalho se configura no sentimento de não saber, não saber o que fazer diante das situações encontradas e apesar de ser um professor que fez magistério (CEFAM), pedagogia e pós-graduação lato-sensu em psicopedagogia, ainda participa de cursos de formação continuada.

O saber acumulado no processo formativo não é suficiente para que o mesmo se sinta preparado para o exercício da função diante das atuais circunstâncias enfrentadas na sala de aula.

4.11 Entrevistas com o Professor 11

Quadro 17: professor 11

CATEGORIAS	TEMA RELACIONADO	RESPOSTAS
Amor	Dedicação, atenção, carinho e gostar do que faz.	Prefiro que alguém tenha uma profissão, tem que ser aquilo que você gosta de fazer.
Desafio	Novas tecnologias	
	Diferenças, dificuldades e novos desafios	<p>No atual contexto do século XXI para mim é ser professor é um desafio grande, em que sentido, porque a escola não abrange mais o sentido só do ensinar como antes, tem um objetivo maior, mas isso envolve muitas coisas, como além de tudo a educação que deveria ser só familiar, a gente tem muitas preocupações juntas, eu acho que a preocupação com o psicológico da criança, apesar de ser importante hoje agora se torna um grande fator que a gente percebe nos problemas que ele enfrenta, ficou assim bem amplo e complexo também, não está mais restrito a só ensinar, vai muito além.</p> <p>Acho assim, a família, logo após vem o interesse, mas esse já eu acho que é fácil da gente conquistar, dizendo isso porque graças a Deus com meu jeitinho eu consigo, acho que é mais ou menos isso, a motivação, o interesse, mas que tem como conquistar. Eu venho vencendo isso Por que graças a Deus com jeitinho eu consigo. É mais ou menos isso, a motivação essa que é o desinteresse deles, mas você pode motivar.</p> <p>Acredito muito ainda, por ex; contar história é importantíssimo, não está sendo nenhum problema, mas você acaba escolhendo eles também você tem que saber fazer suas escolhas, principalmente motivar, igual os livros que levo aos meus alunos eles ficam encantados, vejo que surge um interesse.</p>
Acreditar	No próprio trabalho, em melhorias.	No meu início já tinha começado uma pequena mudança então eu acredito que vem evoluindo.
É difícil	Descaso das instancias superiores e falta de apoio da equipe gestora	<p>Neste século eu considero que assim, em relação mesmo, isso que é o mais difícil, as hierarquias maiores acredito que não, mas assim, o professor que sabe trabalhar ele é reconhecido sim pelos seus alunos.</p> <p>A hierarquia eu já não acredito, infelizmente da parte de gestão e tudo mais eu não acredito não. A gente percebe uma desvalorização mesmo.</p> <p>Em primeiro lugar eles deveriam saber que são professores também, porque mesmo sendo professores, às vezes se esquecem, esse é o problema maior, eles se sentindo professores deveriam continuar nossa luta. Porque eu percebo assim, que o dinheiro corrompe, por ex: enquanto eles são professores eles lutam, a partir do momento que o salário deles dobre, conforme o cargo diretor, supervisor, porque depende do cargo que você exerce que ganhe o suficiente para você esquecer o outro, é aquela questão “eu livrando o meu”, também acho que isso está sendo prejudicial. Aí é a questão do egoísmo geral.</p>

	Lidar com a facilidade do acesso às informações	
	Indisciplina;	
	Falta de apoio da família	
Ética	Postura	
Fundamental	Importância do professor na vida do aluno	
Realização	Lado positivo: Reconhecimento pelo aluno	Pequeninos eles já falam, “Pro” mais minha mãe gostou tanto que é você que vai dar aula para mim, percebo que tem uma valorização social sim. Há sim uma valorização pessoal na sociedade e que depende de quais são os professores, então acho que é isso, depende de professor que você é você consegue ser valorizado sim.
	Lado negativo: Desvalorização da profissão e do trabalho do professor; Apoio dos pais	Infelizmente da parte de gestão e tudo mais (...) a gente percebe uma desvalorização mesmo. No meu ponto de vista é a família, a família para mim é o fator mais complicado, porque assim, a questão mesmo do educar que faltou e aí você vai fazer o que? Na escola você não vai só ensinar, você tem que ensinar regras, eu falo isso pelo que eu vivenciei essa semana. Na semana passada um aluno meu quase acabou com o pescoço do outro, quer dizer, não tem respeito pela pessoa, e você vai fazer o quê, tem que perder tempo com aquele sermão, (entre aspas) “perder tempo”, não é isso, mas você acaba perdendo, coisa que você poderia estar trabalhando “outras coisas” se ele não fizesse isso. Acho que o maior problema está sendo família e depois o desinteresse, mas o desinteresse dá para solucionar.
	Aprendizagem	
Saber	Aperfeiçoamento	Apesar de tudo, eu acho que tem evoluído para melhor, ainda tem grandes problemas, acredito que educação é, um trabalho de formiguinha mesmo, mas acredito que tem evoluído sim. Quando eu comecei estava na fase dos ciclos, lembra? Ciclo básico e lembro que as pessoas eram muito perdidas, não tinham cursos para ajudar, hoje não que eu acredite, às vezes ainda não estão sabendo certinho qual rumo tomar, mas agora são mais orientadas, tem mais cursos. Fala que não vai saber trabalhar se não quiser, apesar de que, ainda depende da gestão se a pessoa vai ter sua segurança, aqui acredito que as pessoas podem trabalhar com sua segurança, eu percebo isso, por mais que queiram inovação e tudo elas respeitam o seu jeito, e lá na minha cidade não é bem assim, lá ou aceita, ou é “malhado” a vida inteira. Você tem que ter sua firmeza de trabalho também, não dá para jogar fora o seu passado, aquilo que você construiu.

Fonte: Pesquisa de Campo

Na entrevista do professor 11 identificamos as seguintes representações sociais:

- Na categoria “amor” aparece a fala relacionada ao tema “gostar do que faz” quando este diz que a profissão tem que ser aquilo que você gosta de fazer.

- Desafio, para este professor ser professor no contexto atual é um grande desafio por que seu trabalho se tornou mais amplo e mais complexo, vai muito além do ensinar, isto devido à falha na educação familiar, o professor acaba tendo que realizar o papel que a família não cumpriu, se quiser conseguir cumprir o seu. Outra dificuldade apontada por esse professor é a desmotivação e desinteresse do aluno, porém não é a dificuldade principal uma vez que, segundo ele “com jeitinho” se supera.

- Acreditar que a educação evolui, mesmo que seja aos poucos. Este professor observa pequenas mudanças desde o início de sua carreira.

- A realização apresenta-se em dois aspectos, o positivo e o negativo. O positivo diz respeito ao reconhecimento do seu trabalho pelos pais e alunos. Seria uma valorização social e pessoal que segundo ele vai depender do tipo de professor que cada um é, sendo possível desta forma ser valorizado, ou não.

O ponto negativo da realização profissional diz respeito à desvalorização do profissional pela hierarquia e demais instancias superiores, e do mesmo modo pela falta de apoio da família por não cumprir com seu papel, o que sobrecarrega o professor.

- O saber aparece aqui relacionado ao tema do aperfeiçoamento do trabalho pedagógico ao longo do tempo e da necessidade de cursos e elementos norteadores, porém aponta a questão da preocupação dos gestores em acompanhar as inovações e desrespeitarem aquilo que o professor construiu e que realiza com maior segurança.

A meu ver essa fala “tem que gostar do que faz” traz subentendida a idéia de que para fazer bem feito é preciso fazer com amor, amor esse que leva a dedicação.

Mais uma vez aparece a falha da família na educação dos filhos como um desafio a ser superado pelo professor que acaba tendo responsabilidades extras. O acreditar aparece na reflexão histórica do professor.

Essa entrevista traz indicadores de não realização profissional no que diz respeito aos gestores e às instâncias superiores devido à desvalorização

profissional sentida. Este pode ser este um fator gerador de mal-estar juntamente com a questão do saber e das inovações que longe de solucionar todos os problemas enfrentados, tem sido alvo de ênfase exagerada.

Devido ao desrespeito à autonomia na escolha metodológica e ao que o que o professor já construiu ao longo de sua carreira, o que deveria ser um “auxílio a mais”, se não for feito com consciência acaba sendo um “problema a mais”. Preocupados com modismos, os gestores esquecem o lado humano do professor e seu tempo de adaptação ao novo.

O saber da experiência não é valorizado, e a preocupação exagerada com modismos e a falta de reflexão lembra uma imagem de “cegos tentando guiar cegos”, o resultado pode ser catastrófico.

4.12 Entrevista com o Professor 12

Quadro 18: professor 12

CATEGORIAS	TEMA RELACIONADO	RESPOSTAS
Amor	Dedicação, atenção, carinho e gostar do que faz.	Primeiro ser professor é uma paixão que a gente tem, mas no contexto do século XXI mesmo, primeiro é mais uma questão de honra eu acho, primeiro pelos baixos salários, segundo pelo grande grau de indisciplina dos alunos, que chega de qualquer jeito na escola sem querer nada, sem ter vontade de aprender.
Desafio	Novas tecnologias	
	Diferenças, dificuldades e novos desafios	Com os alunos daqui eu não tenho dificuldades pela idade deles, (...) mas nas vezes que eu trabalhei nas escolas do estado com os alunos com idade mais avançada, aí a dificuldade é grande porque eles querem fazer o que quer na hora que quer. Depois que comecei aqui na cidade aí sim eu já notei diferença, aluno que esta entrando cada dia, está pior, os que já estão com a gente há algum tempo, parece que pega o ritmo, quando sai no quinto ano, já esta fácil trabalhar. Esse pior seria em relação à indisciplina, é na indisciplina ainda.
Acreditar	No próprio trabalho, em melhorias.	Acho que ser professor é mais uma questão de honra e vontade de conseguir alguma coisa diferente.
É difícil	Descaso das instancias superiores e falta de apoio da equipe gestora	
	Lidar com a facilidade do acesso às informações	
	Indisciplina;	A indisciplina! (<i>maior dificuldade</i>)
	Falta de apoio da família	No dia a dia a escola fornece material legal, o material é bom, sempre teve o que foi pedido, a maior problema mesmo é a indisciplina. A gente tem que acabar educando, fazer papel de pai.

		Primeiro que o professor não tem tanta autonomia, você não pode nem chegar perto do aluno que já tem alguém no caso, posso dizer... (<i>pensativo</i>) que você não pode dar uma bronca no aluno, que o pai vem reclamar coisas assim. A gente tem que pensar muito no que fazer.
Ética	Postura	A gente tem que pensar muito no que fazer.
Fundamental	Importância do professor	
Realização	Lado positivo: Reconhecimento pelo aluno	Falta vir muito de casa, pessoas conhecidas que tem uma família, se deu a bronca no aluno, ele respeita, entre aspas, ele pelo menos para de fazer, de ter aquela atitude que estava tendo, ele te respeita de uma forma diferente, alunos da creche é onde eu sinto mais dificuldade, estão na creche o dia todo não tem apoio de pai e mãe atrás, falta estrutura na família no caso.
	Lado negativo: Desvalorização da profissão e do trabalho do professor; Apoio dos pais	
	Aprendizagem	
Saber	Aperfeiçoamento	

Fonte: Pesquisa de Campo

Na entrevista com professor 12 as representações sociais identificadas do “ser professor no contexto do século XXI” são:

- O amor pela profissão, quando diz que é “uma questão de honra”, de querer vencer as dificuldades apesar das adversidades ao longo do percurso.
- O acreditar, que seria aqui o acreditar no poder de fazer a diferença quando diz que “é mais uma questão de honra de querer fazer alguma coisa diferente”.
- O desafio relacionado às diferenças, ou seja, mudanças sociais, e às dificuldades em relação à indisciplina de uma clientela cada vez pior.
- É difícil, a maior dificuldade apontada por esse professor é a indisciplina, primeiro pela falta de autonomia do professor para lidar com a indisciplina, depois pela falta de apoio da família que deixa de realizar seu trabalho na educação dos filhos. O professor aponta a diferença entre alunos que traz de casa essa educação e aqueles que não trazem, estes últimos são mais difíceis de lidar. O problema da indisciplina é que o professor tem que fazer o papel da família, como ele diz “a gente acaba tendo que fazer o papel de pai” e isso com certeza tem dificultado o trabalho do professor.
- A ética, uma vez que é preciso “pensar muito no que fazer”, diz isso quando se refere à falta de autonomia do professor para lidar com a indisciplina

e o jogo de cintura necessário para lidar com a situação problema e os pais que não apóiam.

- A realização profissional, ou melhor, o lado negativo que é a falta de realização devido à falta de respeito dos alunos e a falta de apoio dos pais frente à indisciplina e a própria falta da família em relação as suas obrigações para com os filhos.

Nesta rápida análise nota-se uma situação de mal estar frente às mudanças sociais ocorridas na família ao longo dos tempos e a falta de apoio dada ao professor frente à principal dificuldade que para ele é a indisciplina e o desafio de deixar de avançar no seu trabalho e nos objetivos específicos que vão além do educar, para realizar o “papel de pai”, como ele diz. Essa dificuldade torna então a profissão para ele uma questão de honra, seria como dizer: “eu vou conseguir apesar de tudo”.

É essa paixão pelo que faz, e esse acreditar no seu trabalho que tem levado muitos professores a permanecerem na profissão e realizar um bom trabalho fazendo a diferença na vida de seus alunos.

6. ANALISANDO OS RESULTADOS: “CROSS-CASE”

Quadro 19: Análise das entrevistas: “cross-case”

CATEGORIAS	TEMA RELACIONADO	Frequência	%
Amor	Dedicação, atenção, carinho e gostar do que faz.	8	66,6%
Desafio	Novas tecnologias	6	50%
	Diferenças, dificuldades e novos desafios	12	100%
Acreditar	No próprio trabalho, em melhorias.	6	50%
É difícil	Descaso das instâncias superiores e falta de apoio da equipe gestora	10	83,3%
	Lidar com a facilidade do acesso às informações	5	41,6%
	Indisciplina;	4	33,3%
	Falta de apoio da família	9	75%
Ética	Postura	6	50%
Fundamental	Importância do professor na vida do aluno	5	41,6
Realização	Lado positivo: Reconhecimento pelo aluno	5	41,6%
	Lado negativo: Desvalorização da profissão e do trabalho do professor	6	50%
	Apoio dos pais	9	75%
	Aprendizagem	7	58,3%
Saber	Aperfeiçoamento	9	75%

Fonte: Pesquisa de Campo

A análise utilizando o “cross-case” ou, cruzamento de casos, é uma técnica apresentada por Yin (2010, p.42) que foi escolhida por se tratar de um trabalho que envolve casos múltiplos e tem por objetivo tirar um conjunto único de conclusões de “cross-case”, ou seja, do cruzamento de casos.

Neste quadro apresentamos o cruzamento das respostas dos 12 professores visando um levantamento das principais representações sociais elaboradas por eles em relação a sua profissão. Nesta análise devemos considerar que no capítulo anterior foram estudadas as representações no estudo de caso individual, neste momento nos interessa as principais representações do grupo, por isso efetuamos o cruzamento de informações.

Como as respostas dos professores durante a entrevista deram origem à várias e diferentes categorias, dependendo do vínculo da resposta com o tema relacionado, um mesmo professor pode ter representações em diversas categorias, assim a frequência de aparição das respostas e suas respectivas categorias nos interessa nesse momento para que se efetue o levantamento das principais representações, portanto a percentagem da frequência de aparição das respostas tem esse único objetivo . As duas categorias mais fortes são a de que ser professor é desafio e é difícil.

Observa-se então que a categoria com maior percentual de respostas foi a representação de que ser professor hoje é **desafio**. Todos (100%) concordam no que diz respeito ao desafio em relação ao tema “diferenças, dificuldades e novos desafios” da atualidade, conclui-se, portanto que a principal representação do ser professor hoje para este grupo se constitui em desafio. Esta categoria foi subdividida em duas de acordo com os motivos indicados nas resposta para indicar por que “desafio”. Para 60% dos entrevistados as “novas tecnologias”, além das dificuldades mencionadas, são a causa de considerar a profissão um desafio principalmente pelo fato de que:

No atual contexto do século XXI para mim é ser professor é um desafio grande, em que sentido, porque a escola não abrange mais o sentido só do ensinar como antes, tem um objetivo maior, mas isso envolve muitas coisas, como além de tudo a educação que deveria ser só familiar, a gente tem muitas preocupações juntas, eu acho que a preocupação com o psicológico da criança, apesar de ser importante hoje agora se torna um grande fator que a gente percebe nos problemas que ele enfrenta, ficou assim bem amplo e complexo também, não está mais restrito a só ensinar, vai muito além. (PROFESSOR 11)

A segunda categoria de representação “**é difícil**” está relacionada ao tema “falta de apoio da família” é ilustrada por várias situações, entre elas:

Pais que abandonaram escola, não vêem a escola como algo importante para o cidadão, para o futuro, levam os filhos para escola por levar, esses pais acabam atrapalhando o trabalho, o professor que é idealizador, entusiasmado com o que faz, faz a diferença na vida do aluno, quando os filhos chegam a sua casa os pais acabam com o aluno, falam coisas severas, palavrões, maus tratos. (PROFESSOR 4)

Lidar com a facilidade de acesso as transformações

O professor se vê meio que concorrendo com a sociedade porque nem sempre o conhecimento que eles acumulam com a TV, com a internet, nem sempre é o que eles precisam para vida.

Eu não escolheria outra profissão, por pior que seja, por mais difícil que seja, por que a gente não só concorre com as novas tecnologias que tem aí,

mas são condições diferentes, que tem na sala de aula hoje em dia, de indisciplina, de família. (PROFESSOR 1)

Relacionado à indisciplina:

Agressividade, desamor, falta de respeito ao próximo, criança de 4 anos que não respeitam nem o coleguinha, muita agressividade, palavras assim... muito abrasivas, muito forte, a gente vê que as crianças estão sendo criadas sem nenhum limite, sem instrução, não adianta só a escola tomar essa providencia e chega em casa os pais não ajudam, não auxiliam também. (PROFESSOR 7)

Considerando que a categoria “É difícil” possui mais variantes, conforme explicitado acima acaba tendo valor praticamente equivalente á categoria Desafio.

No terceiro lugar aparecem duas categorias **realização** e **saber** com 75% de frequência. A realização é representada como negativa e positiva, entendendo como positiva, falas que demonstrem que o professor se sente realizado, e negativa aquelas que mostram a desvalorização da profissão e do trabalho do professor, fracasso na aprendizagem e falta de apoio dos pais.

Eis aqui um exemplo de caso negativo onde o professor não recebe apoio, se sente desvalorizado e desrespeitado:

E a família não participa do processo educativo, isso faz falta para gente, o apoio dos pais.
No outro dia quando perguntei se eles haviam colado, a menininha disse para mim:
- Não! Minha mãe não deixa colar lixo no banheiro. (Obs.: *sobre um trabalho realizado na educação infantil que deveria ser colado no banheiro.*)
Então, isso quer dizer que não conseguiu valorizar o trabalho da criança. Que apoio os professores recebem da família?
Nenhum, muito pouco. (Professor 1)

E um positivo do reconhecimento:

Pequeninos eles já falam, pro mais minha mãe gostou tanto que é você que vai dar aula para mim, percebo que tem uma valorização social sim. Há sim uma valorização pessoal na sociedade e que depende de quais são os professores, então acho que é isso, depende de professor que você é você consegue ser valorizado sim. (professor 11)

Relacionado à aprendizagem:

Chega ao final do ano você vê aquela realização profissional é muito bom, você diz: tudo que eu fiz valeu à pena, é uma delícia. (PROFESSOR 9)

Do saber:

Quando era o tradicional, a criança aprendia através do “repeteco”, a gente repetia sempre a mesma coisa, hoje não, (...) tem que variar sempre. (PROFESSOR 2)

Sinto muito essa falta de formação para trabalhar com aluno com dificuldade, já tive alunos com deficiências, auditiva, com baixa visão e não é fácil, a gente tem que mudar completamente, por que não adianta, mais que você fala que prepara uma aula na verdade você não prepara uma, tem que preparar uma aula de acordo com o que seu aluno vai ter prazer em fazer, vai ser um desafio, você tem que “se virar nos 30”. O caminho seria nos preparar, chega uma hora que a gente chega no limite da gente mesmo, não saber, não ter como buscar. (PROFESSOR 10)

A necessidade de referências de gratidão e elogios, por parte dos alunos, segundo Oliveira (2006, p. 30) “podem significar tentativas de minimizar as duras condições de trabalho do magistério”.

O contexto social é fator determinante para a auto-realização do professor, uma vez que, “o apoio social que se oferece aos professores é fator determinante na aparição de consequências psicológicas desagradáveis (tensão, frustração, esgotamento emocional)” (ESTEVE,1999, p.144).

Os professores desenvolvem saberes específicos baseado no seu trabalho cotidiano que são chamados de saberes experienciais ou práticos, surgem e são validados pela experiência “individual ou coletiva sob a forma de habitus e de habilidades, de saber-fazer e saber-ser” (TARDIF, 2002, p.39).

O saber depende não apenas dos cursos de formação, mas também do desenvolvimento individual do professor em seus aspectos cognitivos, psicológico e individual, e a capacidade de cada um aprender fazendo, hoje o aprender a aprender, segundo Demo (2000, p.261) o saber pensar, “fundamento do sujeito social consciente e competente” esta no centro desse processo. “Enquanto não se perceber que didática deve ser estratégia emancipatória, pedagogia representará o passado”. Os cursos de formação de professores para preparar melhor os futuros professores, considerando o contexto atual que é de transformações rápidas e frequentes, precisam desenvolver neles a capacidade de aprender a aprender e para tanto se faz necessário colocar no centro deste processo o saber pensar, habilidade indispensável num contexto em que se acha em constante transformação.

Em quarta colocação encontra-se a categoria **amor**:

A pessoa que partir de uma meta, ser professor ou ser outro profissional tem que gostar, se gostar você faz com carinho, com dedicação. Então desde aquele dia eu disse, “puxa vida, acho que eu tenho o dom”. Ser professor é amor, carinho, “tudo de bom”, fico até emocionada de falar, é tudo de bom. (emoção na fala, lágrimas nos olhos). (PROFESSOR 9)

Mas, por mais percalços que você encontre, quando a gente vê uma criança aprendendo a ler, descobrindo uma letrinha ou dominando o conteúdo que você trabalhou (...) isso faz com que você se encante por ensinar, eu acho muito bacana (emoção na fala). (PROFESSOR 1)

É se apaixonar pelo que faz e trabalhar com amor.

Eu já passei por várias experiências desde o ensino médio e agora no maternal, que é creche, e eu vejo que mesmo as idades diferentes o que eles necessitam do professor é a mesma coisa, é o amor, não é só para o professor pensar vou ensinar, ensinar, ensinar. (PROFESSOR 4)

Minha filha mais velha quer ser professora, brincando eu falei não faz isso, mas se um dia, eu ver ela na sala de aula, eu choro de emoção, (lágrimas nos olhos) é a profissão mais digna que existe. Ser professor não é para qualquer um, se ela chegar a ser é porque ela tem muito amor no coração. (PROFESSOR 3)

Na categoria “amor” observamos que embora inicialmente, quando foi sugerido que definissem em uma palavra o que é ser professor, esta tenha aparecido em 3 das doze palavras mencionadas, se igualando à categoria “desafio”, durante a análise das entrevistas ela aparece em quarto lugar, o que pode indicar que esta representação venha perdendo espaço para aquelas que apresentam desafio, dificuldades, a realização relacionada ao reconhecimento e a desvalorização e a categoria “saber” que representa a necessidade de constante formação e atualização.

Assim observa-se que embora ainda exista o amor pela profissão e pelos alunos este vem sendo desgastado pelas duras condições da docência na atualidade, mas mesmo assim, ainda é este fator que faz com que muitos persistam na profissão apesar de tudo, pois como o professor 9 afirmou:

“Vai e faz com amor, porque se for por salário você não vai”. Você até esquece a outra parte, a financeira, embora que é difícil, mas você acaba esquecendo e pensa: “olha que bacana o que eu fiz, o que o aluno conseguiu”.

Assim podemos notar que ainda no século XXI ainda persistem representações da docência como um “chamado”, uma “missão”, quase um sacerdócio, porém desgastado pelas dificuldades o amor por essa profissão vem sendo paulatinamente enfraquecido seja pela desvalorização salarial ou social, seja pelo desgaste sofrido pelas dificuldades, afinal o professor tem suas contas para pagar em um determinado momento estes percebem que a profissão não

compensa, e sai em busca de outras oportunidades aumentando a deserção, outras vezes tem adoecido e se afastado.

Ética e Acreditar no próprio trabalho e em melhorias encontram-se em 5º lugar na frequência de aparição:

No século XXI fala se tanto em tecnologia e o princípio da relação humana entre professor/aluno é aquilo que não tem como acabar, que vai perpetuar, a tecnologia toda fica, mas o ser humano é formado para contato direto, o professor do século XXI e do século XXII e todo o século que vem pela frente. Acredito nisso. (PROFESSOR 3)

Por meu envolvimento político, as pessoas achavam que isso era minha base enquanto professor e não é isso. Sempre separei as coisas, tenho minha posição política, mas sempre discerno as coisas, o que era certo e errado nessas condições. (PROFESSOR 5)

Mas acredito que esta mudando, há muita discussão em nível municipal, estadual, federal, não tinha piso salarial agora tem piso para categoria já está havendo uma melhoria. Só que eu sou otimista em relação ao professor, a tendência no futuro é ser muito valorizado, é uma profissão do futuro. (PROFESSOR 5)

A categoria **“fundamental”** diz respeito à importância do professor na vida do aluno, que para os quais:

Professor é a base de tudo. (PROFESSOR 2)

Parte fundamental na vida de uma criança já que os pais não os preparam para vida. (PROFESSOR 7)

A gente é muito mais que isso.

Mais que precisar de você, ele olha com admiração. (PROFESSOR 3)

No segundo capítulo apresentamos a comparação feita por Oliveira (2006) da situação dos professores com os personagens do conto de Lewis Carrol utilizando a metáfora do conto “Alice no país das maravilhas”. O mal-estar docente é um fenômeno da modernidade, que afeta os trabalhadores em geral.

Para a autora essa é a metáfora dos professores que para manter as condições mínimas de sobrevivência diante dos seus salários trabalham em múltiplos turnos e várias escolas. O “coelho-relógio” que está sempre atrasado, correndo e dizendo: é tarde, é tarde, seria uma metáfora para as seguintes situações comentadas pelos professores:

Cada vez menos, o professor é reconhecido. O professor não é reconhecido, primeiro pelo salário indigno que tem, a gente se vê obrigado a ter dois trabalhos, onde já se viu um professor ganhar menos que 2 salários mínimos! (PROFESSOR 4)

Pelo salário, pelo quanto está difícil hoje, para receber um salário não digo nem bom, mas digno, você tem que “camelar” em três escolas para conseguir, trabalhar 8 horas, dar não sei quantas horas de aula por dia, eu acho muito sacrificado, não compensa. (PROFESSOR 6)

No conto Alice ainda se depara com o “chapeleiro maluco”, o qual traz a mensagem de que o “tempo é um senhor”, e nesta analogia com as falas acima o tempo é o senhor sim, pois os professores vivem “escravos” dele por terem que assumir encargos adicionais, seja eles outro emprego ou os “bicos” e ainda assim o salário não compensa.

O “interminável chá do chapeleiro maluco e da lebre de março acompanhado pelo arganaz”, é para Oliveira, (2006, p.28) um “ritual de desmotivação e falta de sentido” que pode ser comparado, em certos aspectos, “a representação que os professores fazem do seu trabalho, envolto em rotina e cansaço, expondo claramente o fenômeno da alienação que pode apresentar-se como tédio e sentimento de eterna repetição de tarefas” considerado pela autora como “síndrome de Sísifo”, o personagem da mitologia grega, citado anteriormente, cuja tarefa interminável e eterna tratava-se de uma condenação. O trabalho na perspectiva em que aparecem as representações sociais, muitas vezes se aproxima do sentido proposto na etimologia da palavra trabalho enquanto “Tripalium”, instrumento de castigo causador de sofrimento.

Algumas representações neste sentido foram identificadas nas entrevistas:

E infelizmente não somos reconhecidos, é desgastante, sem apoio da família, da equipe gestora, é difícil trabalhar, muita gente tem saído do cargo e ficado doente até. (PROFESSOR 4)

Como o povo diz, mata um leão por dia, é difícil você se preparar para algo desconhecido, você não pode dizer que conhece seus alunos por mais que você fique com eles 1 ou 2 anos.

A sala de aula é uma realidade totalmente assim, difícil de prever, porque você está lidando com pessoas que às vezes não estão bem, saem de casa e transfere para você algo que viram em casa, brigou com a mãe e o pai e transfere para o professor. (PROFESSOR 1)

Os princípios básicos de educação vêm para a escola, a popular educação de berço, vem agora para o professor, o que dificulta o trabalho da gente. (PROFESSOR 7)

Tem a questão da valorização, hoje em dia.

Tem que resgatar um pouco mais que o professor é uma pessoa importante também, a gente tem que ser vista como um dia já foi vista, com respeito, a gente sabe que não tem muito. Hoje um pai chega à sala para conversar já chega tacando pedra acha que a gente tem que resolver todos os problemas e você fica pensando:

- Qual é o meu papel, o que eu tenho que fazer? (PROFESSOR 10)

A grande questão é a da valorização. Entendo que a família não valoriza, a sociedade não valoriza, mais os o colegas de trabalho! Isso é ponto principal, eu quero ser feliz e trabalhar em um ambiente em que todos são felizes, é duro você trabalhar em um lugar que tem pessoas levando aquilo como uma profissão, você quer acreditar que aquilo vai fazer a diferença, e você olha para quem tá do seu lado e não dá... (PROFESSOR 3)

Desrespeitado, desvalorizado, sem apoio, acumulando cargos e encargos, enfim, em crise! São atores sociais com um papel que já não é claramente definido, pois a realidade tem colocado funções que não estavam no “script” e aí a tarefa se torna tão desgastante quanto rolar uma pedra montanha acima, mas pior que isso é ter que rolar de novo, e de novo, e de novo a mesma pedra, na mesma montanha porque a solução para esta situação não se tem ainda.

A falta de esperança na valorização profissional aumenta quando os professores observam que até os próprios colegas de trabalho não reconhecem a importância da educação e de seu papel social de agente transformador enquanto professor, é a angústia que aparece na fala do professor 3 quando menciona que “tem pessoas levando aquilo como uma profissão”, ou seja, algo que faz por fazer, uma profissão como outra qualquer, não tem um envolvimento que levam-nas a acreditar no potencial transformador da ação docente e por isso agem sem esse compromisso social, o que incomoda esse professor.

Oliveira (2006, p.28) comenta sobre uma rede representacional, inconscientemente compartilhada por professores sobre sua profissão com “determinantes de atitudes como considerar a escolha do magistério como um dom, ou uma missão, ou ainda envolver com uma tonalidade “gloriosa” as tarefas cotidianas”. Observamos também essa rede de representações nas falas dos entrevistados:

É duro você trabalhar em um lugar que tem pessoas levando aquilo como uma **profissão**, e, você quer acreditar que aquilo vai fazer a diferença (...) (PROFESSOR 3)

Senti muita mudança, no sentido de respeito, de valorização pessoal, o professor para muitas pessoas é só mais um funcionário dentro da sala de aula. **A gente é muito mais que isso!** (PROFESSOR 3)

Para mim é uma forma muito prazerosa porque realmente eu acredito que fui professora pela **vocação** mesmo, não é só uma profissão que escolhi desde criança eu quis ser professora. (PROFESSOR 10)

Com muito carinho e **amor** mesmo, se pensar só em dinheiro, em... Como fala... Só no salário a gente não faz.

Você até esquece a outra parte, a financeira, embora que é difícil, mas você acaba esquecendo, olha que bacana o que eu fiz, o que o aluno conseguiu.

Vai e faz com amor, porque se for por salário você não vai (...).
 Então desde aquele dia eu disse, “puxa vida, acho que eu tenho o **dom**”.
 Ser professor é amor, carinho, “tudo de bom”.
 Afeto, com amor na profissão **supera qualquer barreira**, vamos fazer, olha nos olhinhos deles e vê que eles não têm noção de nada, se você não responder por eles... (PROFESSOR 9)

Na fala do professor 3 percebemos não só claramente essa tonalidade “gloriosa” na representação que o mesmo tem de sua função como a indignação em relação aqueles que não a compartilham e que veem apenas como uma profissão, sendo que, podemos perceber a consciência da importância de seu papel enquanto agente formador de pessoas e transformador da sociedade, e neste contexto a palavra “profissão” tem a conotação de mero executor e não de um agente da práxis.

A importância dada ao “amor” que deve estar presente nas relações interpessoais entre professor e aluno, na visão do professor 3 é clara no sentido de que, a docência deve ser vista como uma profissão mas, “é mais que isto”, e acreditar que pode fazer a diferença na vida do aluno pode ser uma forma de se sentir impulsionado a continuar realizando sua árdua tarefa “superando as barreiras” (como afirma o professor 9) e se minimizar o sentimento de desvalorização e não reconhecimento tão presente nas representações construídas ao longo da docência.

Nas falas “acho que eu tenho o **dom**”(PROFESSOR 9) e “acredito que fui professora pela **vocação** mesmo, não é só uma profissão” (PROFESSOR 10) confirmam a rede representacional apontada por Oliveira (2006) em que a escolha da profissão é vista como um dom, uma missão, ou seja, um chamado.

A autora estabelece ainda uma relação a outro personagem, “o gato de Cheshire” dotado de poder de aparecer e desaparecer, tão sarcástico e irônico, como a realidade educacional que é dotada de características tradicionais e perpetuadoras, mas mutável a cada modismo educacional que tem invadido as escolas por meio principalmente dos documentos legais. Essa realidade traz aos professores a desorientação e acentua a alienação e os professores têm consciência disso tanto que até apontam:

Eu acredito se fixar uma forma, um método da gente estar trabalhando sem estar adequando a tantas mudanças, porque as mudanças devem ocorrer sim, mas à medida que não prejudiquem tanto a formação do professor, como a questão do aluno, tudo que o professor vai passar para o aluno tem

que estar firme, ser uma coisa concreta, então se o professor não tiver essa segurança não tem uma aprendizagem na escola. (PROFESSOR 8)

Para a compreensão e percepção dos docentes a escola muitas vezes se parece com esse “gato” do conto de Alice:

Então às vezes a gente está se adequando a uma forma e já vem outra mudança, acho que isso prejudica a criança, o professor se mostra confuso na forma de trabalhar, não tem autonomia total para trabalhar porque quando começa ter segurança naquilo que está ensinando já vem outra mudança. (PROFESSOR 8)

A gente tem que resolver todos os problemas e você fica pensando:
- Qual é o meu papel, o que eu tenho que fazer? (PROFESSOR 10)

No ano passado eu tinha um aluno com retardo mental e outra com deficiência auditiva, eu perdia o gosto na sexta feira quando ia cantar o hino nacional e ela não sabia o que estava fazendo, ela sabia sinal de libras, se é inclusão tinha que ter um telão com o hino nacional em libras para ela. (PROFESSOR 6)

Mas infelizmente aos gestores tem faltado essa percepção, a reflexão e a clareza dos objetivos, e acaba seguindo os modismos, independente do sentimento e opinião dos professores:

Fala que não vai saber trabalhar se não quiser, apesar de que, ainda depende da gestão se a pessoa vai ter sua segurança, aqui acredito que as pessoas podem trabalhar com sua segurança, eu percebo isso. Por mais que queiram inovação e tudo, elas respeitam o seu jeito, e lá na minha cidade não é bem assim, lá não, ou entra no seu jeito ou é malhado a vida inteira. Você tem que ter sua firmeza de trabalho também, não dá para jogar fora o seu passado, aquilo que você construiu. (PROFESSOR 11)

Quanto à rainha de Copas Oliveira (2006, p.29) faz uma analogia entre o professor e a autoridade:

Embora ressentidos de uma arbitrariedade genérica, à qual não sabem dar nome, eles falam em um “sistema”, em um “governo”, em “autoridades” que sempre prejudicam o ensino e a categoria docente – lembrando os gritos de “cortem-lhe a cabeça”, da rainha – não conseguem definir claramente os opositores e os riscos.

Diante deles, alguns professores fazem o mesmo que Alice diante da rainha de Copas: temem e fogem desesperadamente, através de mecanismos de defesa que abordaremos mais adiante. Outros buscam um pouco dessa autoridade tirânica, incorporando-a a prática docente, tornando-se rígidos e severos no cotidiano da sala de aula. (OLIVEIRA, 2006, p.29)

Sendo a sua relação com as autoridades mais um fator causador de mal-estar docente os professores reagem através de mecanismos de defesa que refletem em sua prática docente.

Os mais velhos dizem que não adianta tentar mudar, é “estar dando murro em ponta de faca, vai para o livro negro da diretora, da coordenadora” (riso), então eu percebo que acabam se acomodando, é mais fácil ficar em cima do muro, a pessoa fica na retaguarda. (professor 4)

Outra analogia é feita com o dom de “crescer e encolher” obtido por Alice através da oralidade de acordo com os alimentos que elaingere. Para a Oliveira (2006, p. 29), simbolicamente:

(...) o professor “cresce” quando acredita que seu ofício é um chamado divino, uma doação, uma missão, ou quando espera uma glorificação futura através da gratidão dos alunos, ou das marcas deixadas na vida de cada um.

Ao contrário, “apequena-se” ao aceitar a proletarização do seu trabalho ou quando, imerso nas rotinas do cotidiano, abre mão da crítica, da reflexão, da sua condição de produtor de conhecimento e de pesquisador na própria ação.

Assim como Alice viu que tudo não passava de um sonho, os professores também, a alegria para muitos fica na entrada do “reino do magistério”:

Aí fica aquele negócio:

Preenche a ficha dos alunos que tem isso, isso e isso... Ai gente! Preencho! (com irritação na fala)

E aí o pai vai? (bem nervosa)

Porque se o aluno for sozinho não adianta. O aluno não tem culpa daquilo tem que chamar os pais para ir junto, e eles não têm tempo.

De que vai adiantar:

A ficha disso, disso e disso. Psicólogo, fonoaudiólogo (com deboche na fala). Concordo! Mas o pai não tem tempo! (PROFESSOR 9)

Não conseguia comer, se lambuzava, engasgava, tinha que cuidar dela no intervalo, eu fiquei sozinha eu, ela e as crianças, uma dívida minha com ela. Eu chorei duas semanas. (PROFESSOR 4)

A autora cita ainda o fenômeno da transferência que acontece com os professores em relação à escola, transferem para ela relações “quase parentais” permeadas por todos sentimentos presentes no relacionamento familiar, sentimentos esses ambivalentes como costumam ser.

Neste caso surge então o que ela chama de “faca de dois gumes”, uma vez que, tal situação pode amenizar os sentimentos geradores de mal estar, ou, agravá-los ainda mais, aumentando os sentimentos de dor e culpa, por exemplo,

como podemos observar na fala do professor 4 o sentimento de culpa e incapacidade, de dívida com a aluna e também um sentimento ambivalente.

7 RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE “SER PROFESSOR”

Considerando que as representações sociais são um fenômeno mediador entre o indivíduo e a sociedade porque na sua relação com os outros e o com mundo, as representações são criadas e permitem a existência de símbolos que segundo Jovchelovitch são “pedaços de realidade social mobilizados pela atividade criadora de sujeitos sociais para dar sentido e forma às circunstâncias nas quais eles se encontram” (1995, p.78). A representação simbólica é dada sobre e dentro da rede de significados já constituídos pelo sujeito na sua relação com o mundo que ele descobre e constrói através da comunicação e das práticas sociais como “diálogo, discurso, rituais, padrões de trabalho e produção, arte, em suma, cultura” (1995, p.79).

A autora enfatiza que as representações sociais vão além do trabalho individual do psiquismo e que ao analisar fenômenos psicossociais e representações sociais é “necessário analisar o social enquanto totalidade. Isso quer dizer que o social envolve uma dinâmica que é diferente de um agregado de indivíduos” (Jovchelovitch, 1995, p.79) e principalmente esse sentido atribuído à palavra social que diferencia as representações sociais das representações coletivas de DurKheim. Assim: “as representações sociais são uma estratégia desenvolvida por atores sociais para enfrentar a diversidade e a mobilidade de um mundo que, embora pertença a todos, transcende a cada um individualmente” (p.81).

As mediações sociais geram as representações sociais, que por sua vez, tornam-se elas próprias mediações sociais que expressam o espaço do sujeito na sua relação para entender construir o mundo.

Neste capítulo serão descritos os relatos e/ou recortes dos relatos escritos que os professores julgam servir para ilustrar “o que é ser professor no atual contexto do século XXI”.

Relato do professor 1:

“Outro dia desenvolvemos na pré-escola um projeto voltado para a importância da água, dentre as atividades os alunos elaboraram um cartaz em forma de gotinha que deveria ser colado no banheiro para se lembrar da importância de se economizar água. No outro dia quando foram questionados sobre se colaram o cartaz no banheiro uma aluninha disse que não, quando perguntei por que ela disse que sua mãe não gostava de lixo no banheiro, fiquei surpresa me questionando sobre o apoio que recebemos dos pais, o valor que dão à escola e principalmente o valor que dão ao que os filhos fazem”.

“Uma experiência muito positiva aconteceu no início do ano letivo de 2011 com os alunos do ensino médio, havíamos trabalhado com a questão das placas tectônicas, vulcanismo, terremotos e tsunamis, quando houve acontecimentos envolvendo esses fenômenos os alunos comentaram que entendiam o porquê do que estava ocorrendo e que discutiam com os pais o que sabiam. Achei uma experiência muito positiva, pois de certa forma o trabalho foi reconhecido e deu fruto. É um desafio envolver as famílias no trabalho realizado na escola, principalmente porque no contexto atual a família tem repassado à escola muitas de suas funções”.

Relato do professor 2:

“Um fato negativo que me marcou e vou lembrar sempre foi o descaso do poder executivo municipal no ano de 2007, quando marcou uma reunião com os professores e simplesmente nos deixou na rua, à noite no frio por mais de duas horas. A pessoa não teve a mínima consideração de ligar desmarcando ou mandar alguém avisar que não viria. Este fato nos mostra a valorização e a consideração para “alguns” de ser professor”.

“Fato positivo é ver no decorrer da nossa carreira que ensinamos e alfabetizamos muitos alunos que hoje são homens e mulheres que trabalham e possuem uma profissão e quando passa por nós nos cumprimenta: ‘oi professora’, vem e te dá um abraço. Isso nos enriquece e nos faz ter compromisso cada dia mais, e acreditando que um dia faremos da educação brasileira, algo melhor e de qualidade com que merece nossos alunos”.

Relato do professor 3:

“Ser professor no contexto do século XXI não é fácil, por vezes, ficamos frente a frente com a injustiça e ainda precisamos sorrir para isso, para que o “caldo negro” da nossa indignação não caia na brancura de nossos alunos. Infelizmente muitos ainda estão no século XV, e parecem odiar a necessidade de observar o mundo hoje, seguem “feudais” em seus em seus postos de confiança, explorando, roubando e assumindo atitudes que prejudica todo segmento escolar, pois tem o “aval administrativo”. O primeiro fato que relato ocorreu há poucos dias, uma diretora exigiu que a funcionária a buscasse de carro, a mesma largou sua função para ser motorista particular (...). O segundo fato é sobre uma professora que foi criticada duramente por querer ir além do senso comum e tentar dar aos alunos um conhecimento “extra planejamento”. Estes dois fatos nos mostra claramente o quanto estamos com gestores despreparados e, além disso, com professores despreparados e sem compromisso com sua função. Precisamos entrar no século XXI, porém, penso estarmos ainda numa espécie de idade média e infelizmente, seguindo essa analogia, nossos “iluministas” estão cada dia menos crentes no futuro”.

“Mas até aqui, foquei pontos negativos, o mal preparo profissional, a má gestão da educação, enfim. Porém quero acreditar que esse “caos” servirá de porta de entrada para algo novo. Não se trata de discurso anarquista de que “tem que piorar para melhorar”, mas sim posso observar que está próximo ao insustentável e algo tem que ocorrer. Se há grupos que pouco ligam para a educação, há quem sonhe e esses que sonham um dia conseguirão “dar as cartas” e mostrar que tudo é menos difícil que possa aparentar. Pois a educação tem jeito. Fica de positivo então a certeza que existem pessoas pensando no amanhã e que um dia vão construir uma escola pública com a qualidade que merece, mesmo sabendo que poderá ser duramente criticado”.

Relato do professor 4:

“Um aluno foi empurrado pela colega e caiu de boca no chão, imediatamente passei o caso à direção que comunicou a mãe sobre o corte superficial na boca, nada grave, (...) não vi a mãe quando veio buscar a criança. No dia seguinte a mãe me questionou sobre o fato e disse que foi pior que o relatado pela diretora, acusou a escola e disse que se acontecer de novo ela não responderia por seus atos: “Eu mato todo mundo aqui”. Repreendi a mãe por tal afirmação e que acidentes acontecem. Comuniquei o fato à direção e a mãe foi notificada a prestar esclarecimentos e pediu desculpas. Confesso que fiquei muito constrangida (triste) pela maneira como a mãe criticou a escola e insegura também, pois já aconteceu um caso em Presidente Prudente onde uma educadora num revanche de pais ficou cega de um olho e perdeu um rim e tudo acabou em “pizza”,

principalmente pela mídia que só soube acusar os profissionais da educação. Já não basta sermos desvalorizados, agora sofremos desrespeito de alguns pais”.

Neste ano tive uma experiência nova e assustadora escolhi uma turma de maternal II composta por crianças de 3 a 4 anos e não tinha nem idéia de que atividades trabalhar, sempre trabalhei com crianças maiores. Quando iniciou as aulas pareciam “bebes”, choravam, faziam xixi na roupa (...). Nossa que atropelo, me sentia inútil, mas como tudo passa (...) para minha surpresa estão identificando a inicial dos nomes em tudo que vêem, começam ver as letras a sua volta de forma curiosa e apaixonante. É de fato apaixonante trabalhar com essa faixa etária.

Relato do professor 5:

“Como ponto negativo na minha área é a falta de espaço para trabalho artístico, limitando o trabalho do docente, limitamos a aprendizagem do aluno”.

“Como fato posso retratar minhas experiências no uso das novas tecnologias em sala de aula, (...) sou professor de artes e recentemente ao falar sobre dança apresentei vídeos antigos e atuais exibindo os mais diversos estilos do gênero. Além da dança filmagens sobre pintura e escultura são exibidos aos alunos dinamizando as aulas. Acho que a tendência será esta, e digo mais, no futuro todo aluno terá em sua mesa dispositivos tipo “notebooks” interagindo com o mundo e enriquecendo seu aprendizado”

Relato do professor 6:

“No ano de 2000 eu estava substituindo em uma sala de quarta série, um aluno brincava e atrapalhava a aula com uma moeda”eu como autoridade da sala” tomei sua moeda, e nunca mais devolvi, (prá falar a verdade eu não lembro que fim deu a moeda”) o que sei é que passado 9 anos eu reencontrei esse aluno e ele me cobrou a moeda lembrando fielmente dos detalhes dos acontecimentos e mais, falando que eu havia causado um grande trauma, pois aquela moeda era seu brinquedo predileto. Vejo este fato de maneira negativa, pois hoje vejo que o caso poderia ter sido resolvido de outras maneiras, sem precisar causar este estrago no aluno que hoje deve estar com 21 anos”.

“Por volta do ano de 2008, numa sala de 3º ano tinha um aluno que apresentava muita dificuldade de aprendizagem principalmente em matemática é nós trabalhávamos muito com tampinhas de garrafas e carimbo de florzinha que ele adorava contar. Um dia ele chegou de manhã trazendo 10 margaridinhas que colheu em algum jardim e me entregou cinco em cada mão dizendo que agora ele sabia somar!”

Relato do professor 7:

“Um fato negativo foi estar sozinha para lidar com essa situação (inclusão deste aluno), sala (de alfabetização) numerosa em que eu não sabia quem atender primeiro pois este aluno precisava de mim em tempo integral, não poder contar com auxílio da coordenação pedagógica e da direção tornou meu trabalho muito difícil porque a “escola” precisa se adaptar a situação para o professor ter condições de trabalho, só a força de vontade não é suficiente. Que “inclusão” é esta em que se deposita sem nenhum critério e respeito o aluno em uma sala de aula sem se preocupar com seu bem estar e que o professor não tem condições nem tempo suficiente de se dedicar a criança e sentindo-se culpado no final por não poder ter feito melhor??!”.

“Um fato positivo foi ser professora de criança portadora de necessidades especiais e perceber que com o pouco que pude fazer contribui para seu aprendizado sendo parte importante e por ter o reconhecimento e agradecimento dos pais”.

Relato do professor 8:

“Ser professor é um desafio constante que às vezes vencemos e também perdemos. Ser professor é luta, tristezas, animo, desânimo, saber ou não saber, persistência e tolerância, tudo isso são desafios que encontramos nesta profissão (...), gosto de trabalhar com turmas de alfabetização e alfabetizar é mágico, vejo que eles vão se transformando dia após dia, as vezes num piscar de olhos e isso me deixa feliz”.

“Porém não há como conseguir tudo que queremos e aí vêm os pontos negativos desta profissão, na alfabetização nem todos os alunos conseguem atingir os objetivos propostos e isso me preocupa, porque eu não sei se a falha é minha como professora ou se todo sistema escolar é falho”.

Relato do professor 9:

“Ser professora é uma dádiva de Deus (...) muitas vezes nessa trajetória o destino nos “prega peças” umas tristes, outras alegres, ou seja, umas que temos que estar prontos para tomada de decisões outras que nos deixam envaidecidos com a conquista dos alunos. Eu como professora fico triste em ver que o município tem todas as possibilidades de ser um entre melhores ensinios da região, mas não acontece devido a uma política que não deixa que as escolas sejam “democráticas e participativas. Neste século com tanta violência, drogas, deviam estar unidos: escola, aluno e comunidade.

Presenciei um relato de um gestor no qual disse que ‘não iria fazer mais nada pela escola não porque quem leva a fama é o prefeito’. Achei essa fala mesquinha e egoísta (...) deveríamos usar a política para o benefício da população principalmente dos alunos, pois são o futuro, como vamos acreditar no futuro se crescerem com essa idéia fixa de “um partido ou outro, isso é importante sim, mas que seja desenvolvido de outra maneira, de forma crítica, com livre arbítrio, sem sofrer represálias”

Relato do professor 10:

“Um ponto positivo é quando preparo uma aula e os alunos conseguem desenvolver com naturalidade, curiosidade e prazer, (...) perceber que o que foi planejado deu certo (...) e é mais gratificante ainda quando o aluno consegue aprender algo novo e da sua maneira demonstrar suas habilidades”.

“Na situação negativa ocorre o inverso e sabemos que acontece sempre (...) parece que nada vai prá frente e pior ainda quando temos na sala um aluno especial ou com dificuldade de aprendizagem e não conseguimos fazê-lo avançar não por suas limitações, mas por nosso despreparo e falta de conhecimento na área, já aconteceu comigo de ter alunos deficientes auditivos, consegui resultados significativos, mas não o esperado, meu conhecimento em linguagem de sinais era limitado e adaptar atividades nem sempre que dava certo. Então nos sentimos incapazes, fracassados e este é um dos piores sentimentos que nós professores poderíamos ter”.

Relato do professor 11:

“É positivo o fato de apesar de tanta tecnologia observar crianças tendo o prazer de ler, escrever e amarem a escola”.

“Negativo é a escola estar nas mãos de pessoas que muitas vezes não tem postura e nem competência, só estão por exigirem um cargo em troca de votos e, é aí que a educação dá passos para trás”.

Relato do professor 12:

“O contato que tive com ex-alunos em que me mostraram o conhecimento ministrado em minha aula foi usado posteriormente no ensino médio e até mesmo no ensino superior, que a disciplina ministrada teve uma aplicabilidade na vida desses alunos, considerando esta situação positiva e gratificante o reconhecimento por parte dos educandos sobre a utilidade da disciplina”.

Um fato negativo foi quando o aluno ao ser repreendido reagiu de forma violenta, buscando até agressão física e desferindo socos contra o professor, aluno este com idade de aproximadamente 7 anos.

Podemos observar que os relatos positivos na maioria se referem ao sucesso da prática de ensino e o êxito do aluno, a situação inversa, ou seja, o fracasso aparece como ponto negativo. Surge ainda como ponto negativo a má gestão e abuso de poder, a indisciplina dos alunos, brigas político - partidárias, falta de apoio ao professor por parte de gestores, descaso com a inclusão de alunos portadores de deficiências, falta de apoio e envolvimento dos pais nas atividades escolares e descaso do poder público.

Contribuição da tecnologia com recursos áudio - visual e internet, aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, reconhecimento e carinho por parte dos alunos aparecem também como pontos positivos.

Em uma situação próxima ao “insustentável”, como afirma o professor 3 “fica de positivo então, a certeza que existem pessoas pensando no amanhã e que um dia vão construir uma escola pública com a qualidade que merecida, mesmo sabendo que poderá ser duramente criticado pois:

“Infelizmente muitos ainda estão no século XV, e parecem odiar a necessidade de observar o mundo hoje, seguem “feudais” em seus em seus postos de confiança, explorando, roubando e assumindo atitudes que prejudica todo segmento escolar (...).”

8 DIALOGANDO COM OS RESULTADOS

Neste item, com base nos resultados da pesquisa, são abordadas as representações sociais do “ser professor no contexto do século XXI”, contexto este, apontado pelos professores como um contexto de novos desafios devidos as mudanças sócio - econômicas e político-culturais ocorridas e cujas representações indicam a presença do mal-estar docente.

O mal-estar docente apresentado por Esteve enquanto fenômeno resultante da crise de identidade gerada pelos novos desafios originados das novas demandas sociais, demandas essas apontadas pelos professores entrevistados e pelos autores na bibliografia consultada.

8.1 Ser Professor no Contexto do Século XXI: Novos Desafios

Os novos desafios gerados pelas transformações sociais, políticas e econômicas proporcionou um contexto de incertezas relativas à função docente, a seu papel e aos métodos utilizados. A sensação gerada pelas incertezas é de crise de identidade e mal-estar.

Os professores vêm sentindo essas mudanças e têm percebido que ser professor hoje requer novas habilidades para as quais não foram preparados, conforme podemos observar na resposta à pergunta “o que é ser professor hoje, no atual contexto do século XXI”:

É ser mãe, médica, psicóloga, enfermeira, babá, tudo que eles não têm em casa, e “**depois**”, você ser professora. (PROFESSOR 7)

(...) é aceitar as diferenças superar as dificuldades que hoje nós encontramos diante de uma clientela em estágio mais avançado que tem o conhecimento em computador, que conhece muito os eletrônicos, então é muito difícil para nós professores lidar com esses alunos que têm outros interesses. É estar lidando com as crianças de inclusão, porque a aceitação esta aí, mas a gente não tem preparação para poder estar lidando com essa criança, falta respaldo para o professor (...) essas crianças não necessitam de ajuda só do professor, mas de especialistas de outras áreas, a gente tem toda essa dificuldade de estar envolvendo essas crianças e não prejudicar os demais alunos. (PROFESSOR 8)

Primeiro ser professor é uma paixão que a gente tem, mas no contexto do século XXI, eu acho que é mais uma questão de honra, primeiro pelos baixos salários, segundo pelo grande grau de indisciplina dos alunos (...) (PROFESSOR 12)

(...) é um grande desafio, porque, como eu leciono tanto para crianças do ensino infantil quanto para jovens, são cabeças diferentes que pensam diferente, que tem necessidades diferentes, você vê aí as novas tecnologias o tempo inteiro, na frente dos alunos e você têm que concorrer com a TV, com a internet, que eles têm acesso mais fácil aos conteúdos do que na sala de aula. (...) e nem sempre o conhecimento que eles acumulam com a TV, com a internet, é o que eles precisam p vida. (PROFESSOR 1)

Ser professor hoje já é uma coisa mais complexa, antigamente professor vinha para ensinar, hoje além de ensinar ele tem que dar carinho, dar atenção, trabalhar o social, o psicológico. Então ser professor no século XXI é bem mais amplo que antigamente, é ser o “tudo” da criança, na minha concepção. (...) Hoje é mais difícil ser professor e a aprendizagem também, quando era o tradicional, a criança aprendia através do “repeteco”, a gente repetia sempre a mesma coisa, hoje não pode ser assim, tem que variar sempre. Falta a presença dos pais, a criança vem para escola, não tem apoio dos pais, vem por vir, (...). Muitos pais mandam pelo fato da bolsa família, bolsa escola. Não tem incentivo em casa. (PROFESSOR 2)

O professor em minha opinião hoje em dia se tornou mais um mediador mesmo, porque a informação está mais acessível, então se dedica bem aquele assunto, para se tornar um bom mediador (...) para que aquele debate realizado na sala de aula seja realmente interessante para aluno, já que, se for só por questão de conteúdo, o próprio aluno mesmo pode correr atrás do que é de seu interesse e não ficar só na base do professor. (PROFESSOR 5)

A sensação de desafio diante da nova realidade é consenso entre os professores entrevistados, por meio das falas acima se constata então um contexto de diferentes novos desafios:

- A mudança na estrutura familiar afeta diretamente os alunos que chegam às escolas com maiores necessidades e dificuldades, devido à falta de apoio familiar. As transformações culturais atuais mais evidentes aparecem na família e na forma como esta cumpre sua função socializadora, ou melhor, “não cumpre” conforme podemos observar nas falas dos professores 7 e 2 (acima) e nas falas abaixo:

A escola hoje em dia está um depósito:

- Eles que educam, eles que se viram, eles que dá conta disso e daquilo. Pegaram a responsabilidade deles e jogaram tudo nas costas da escola, e não é por aí. Pecam muito nisso aí. (PROFESSOR 9)

Os pais não auxiliam a gente, não ajuda mostrando a importância de estar na sala de aula, parar para ouvir, os pais não estão nem se “lixando” para o filho, o negocio é mandar para escola e a escola que se vire. (PROFESSOR 7)

No meu ponto de vista é a família, a família para mim é o fator mais complicado, porque assim, a questão mesmo do educar que faltou e aí você vai fazer o que? Na escola você não vai só ensinar, você tem que ensinar regras, eu falo isso pelo que eu vivenciei na semana passada um aluno meu quase acabou com o pescoço do outro, quer dizer, não tem respeito pela pessoa, e você vai fazer o quê, tem que perder tempo com aquele sermão, (entre aspas) “perder tempo”, não é isso, mas você acaba perdendo, coisa

que você poderia estar trabalhando “outras coisas” se ele não fizesse isso.
(PROFESSOR 11)

- Observa-se o desafio diante a nova realidade social, num contexto de mudança social no qual não se trata apenas de mais uma crise conjuntural do modelo capitalista e sim do surgimento de novas formas de organização social, econômica e política, conforme Tedesco (2000, p.11) a crise atual “es una crisis estructural”. Na economia, o esquema pós-fordista trouxe uma constante necessidade de formação continuada, mais pela necessidade de não ficar para trás do que pelo interesse em se qualificar para o trabalho, o que torna esse mercado de trabalho mais competitivo.

- O avanço tecnológico revolucionou o acesso à informação e mudou o perfil do aluno, conforme registram a fala dos professores 1, 5, e 8 e, conseqüentemente trouxe a necessidade de mudança do perfil do professor para se acompanhar o acesso as novas tecnologias e os professores percebem isso como podemos observar na seguinte fala: “os professores precisam usar até aquilo que eles criticam hoje, vídeo game, joguinhos, e usar como base para sua profissão, se não ele vai sumir no meio de tudo isso!” (PROFESSOR 5)

Conforme Drucker, (2002, p.152) o desafio atual não está na tecnologia, mas sim no uso que faremos dela, “a tecnologia em si é menos importante que as mudanças que ela provoca na substância, no conteúdo, no foco do ensino e da escola”:

São essas mudanças que realmente importam e elas são eficazes mesmo que as mudanças na tecnologia do aprendizado e do ensino sejam mínimas. (DRUCKER, 2002, p.152)

(...) o mais importante será repensar o papel e a função da educação escolar – seu foco, sua finalidade, seus valores. A tecnologia será importante, mas principalmente porque irá nos forçar a fazer coisas novas, e não porque irá permitir que façamos melhor as coisas velhas. (DRUCKER, 2002, p.153)

- O desafio ocasionado pela inclusão de alunos com necessidades especiais tem causado mal-estar, pois não há preparo dos professores para essa realidade e nem respaldo de especialistas. Sem respaldo ao professor para estes casos, aos alunos e às necessidades deles, estes acabam não recebendo o tratamento adequado e os resultados do trabalho do professor não são satisfatórios, como podemos observar na fala do professor 8 e nas falas abaixo:

A inclusão fracassa por vários fatores: formação, salário, mas o principal é a boa vontade. Parte do professor, brigar, reclamar, quando o professor não briga porque esta com esse aluno (*inclusão*) já está acomodado.

Eu estou com esse menino aqui. Ah! Deixa lá, também não estou recebendo apoio. O aluno não foi incluído, simplesmente ele esta lá, se for assim, sinceramente, é preferível que ele fique em casa (...). Eu sou a favor da inclusão. Não sei trabalhar tenho que admitir, “não sei tenho que buscar”, se o aluno não cresceu vou ficar frustrado. (PROFESSOR 3)

Quando fala inclusão é o professor tem que se incluir também, quando um professor pega um aluno de inclusão não consegue porque não tivemos fatos reais de inclusão na nossa formação, quando você tem na sala de aula, você cai de para- quedas. (PROFESSOR 4)

Ilusória, teórica, monte de coisa para fazer, muita idéia, mas a escola mesmo não tem nem rampa para cadeirante, quem dirá uma... (*não terminou a frase*).

No ano passado eu tinha um aluno com retardo mental e outra com deficiência auditiva, eu perdia o gosto na sexta feira quando ia cantar o hino nacional e ela não sabia o que estava fazendo, ela sabia sinal de libras, se é inclusão tinha que ter um telão com o hino nacional em libras para ela. (PROFESSOR 6)

Sinto muito essa falta, “dificuldade de formação” para trabalhar com aluno com dificuldade, já tive alunos com deficiências, auditiva, com baixa visão e não é fácil, a gente tem que mudar completamente, por que não adianta, mais que você fala que prepara uma aula na verdade você não prepara “uma”, tem que preparar uma aula de acordo com o que seu aluno vai ter prazer em fazer, vai ser um desafio, você tem que “se virar nos 30”.

O caminho seria nos preparar, chega uma hora que a gente chega ao limite da gente mesmo, de não saber, não ter como buscar! (PROFESSOR 10)

- Nota-se o desafio proveniente da desvalorização salarial, conforme a fala do professor 12 “eu acho que é mais uma questão de honra, primeiro pelos baixos salários” essa realidade que leva os professores a terem que lecionar em mais de uma escola, dar aulas particulares ou realizar outras atividades para complementar a renda, como é o caso de oito dos doze entrevistados.

- Segundo Drucker (2002, p.151) a revolução tecnológica “transformará a maneira pela qual iremos aprender e ensinar dentro de poucas décadas e mudará a economia da educação” e afirma que mais drásticas ainda, serão “as mudanças na posição social e no papel da escola”, na sociedade do conhecimento a escola passa a “ser responsável pelo desempenho e pelos resultados”, deixa de ser uma instituição que lida apenas com crianças e jovens que ainda não estão na força de trabalho passando a ser instituição dos adultos, sejam os mais instruídos ou aqueles que não tiveram acesso na idade própria, especialmente os mais instruídos, pois quanto maior a escolaridade, mais precisará estudar buscar por atualização, por isso o autor chama o estudo de “atividade

vitalícia” e aponta a necessidade das escolas se reorganizarem transformando-se em “sistemas abertos” (2002, p.159).

- A formação inadequada por estar deixando a desejar em termos de qualidade tem sido atualmente outro desafio apontado pelos professores.

Os autores apontados e os professores pesquisados confirmam o desafio que é ser professor hoje. Assim, Pacheco (1945, p. 61) dizia ainda sobre a formação necessária ao professor:

Quanto aos programas de formação, se formar professores implica debater questões conceptuais e discutir critérios metodológicos, subsequentemente, o estudo dos processos cognitivos dos professores fornece diretrizes válidas para a implementação de novos currículos de formação, cuja filosofia base se centra na concepção do professor como profissional que toma decisões. A tarefa mais importante consiste em se desenvolver a capacidade do professor para solucionar problemas. Para tal será necessário adaptar os programas de formação às necessidades das decisões dos próprios docentes.

Assim, compreendendo o professor eficaz como aquele capaz de examinar com senso crítico e sistemático a própria atividade que realiza Pacheco (1995) sugere que a formação deveria embasar-se na reflexão, inovação e investigação, de modo que o professor aprenda e desenvolva mais competências cognitivas do que técnicas. O professor técnico dá lugar ao professor que toma decisões, formado num conjunto de competências adaptadas ao contexto incerto e complexo em que atua onde a principal habilidade é a tomada de decisões.

Percebemos diante do exposto acima que os programas de formação precisam articular as disciplinas básicas e as práticas de ensino de modo que o formando adquira senso de realidade escolar e se conscientize do contexto em que atua ou irá atuar, para que se minimize o choque com a realidade. Portanto, uma preocupação atual no processo de formação é como ajudar os futuros professores a desenvolver uma prática com bases teóricas e superar as lacunas entre teoria e prática, e para tanto se torna necessário que os currículos dos programas de formação de professores e gestores concebam a realidade dos novos desafios e atentem em seus trabalhos diários para as:

- ✓ Mudanças culturais e sociais, sendo necessário abordar temas atuais visando o combate ao preconceito, ao bullying e a violência.
- ✓ A democratização escolar e a mudança do perfil do aluno.

- ✓ Novas formas de organização familiar e a demissão da família no apoio e acompanhamento do desenvolvimento do aluno e o papel que o professor muitas vezes acaba tendo que assumir para suprir algumas carências assumindo o papel substituto de pai, mãe e as consequências psicológicas para ele.
- ✓ Busca de alternativas melhores para realidade da inclusão que tem incluído por direito, mas não tem incluído de fato.
- ✓ Ao desafio atual que não está na tecnologia, mas sim no uso que faremos dela conforme Drucker, (2002) sendo imprescindível desenvolver algumas noções básicas de como utilizar a tecnologia em prol da qualidade do ensino a serviço do professor e melhor aproveitamento pelo aluno.
- ✓ Vincular teoria e prática nos conteúdos e nas práticas que desenvolvem.
- ✓ Ao desenvolvimento de habilidades e competência necessárias à formação do professor reflexivo, autônomo e não apenas agente, mas autor de seu processo de profissionalidade com capacidade e autonomia de decisão:

A tomada de consciência das suas missões possíveis ou impossíveis será o primeiro passo no caminho de sua profissionalidade, daquilo que os fará passar de agente a actor (autor). Esse salto qualitativo passa, no entanto, pela aposta que se fizer em duas novas áreas de formação: a da investigação em educação e a área de desenvolvimento pessoal. (SOUZA, s.d, p. 8).

Souza alerta neste trecho para o fato de que a dignificação profissional vai depender da capacidade que o professor tem de cientificação de sua prática, pois assim conquistará autonomia profissional e a valorização do seu saber e quem sabe, os professores poderão ter voz ativa para combater os indesejáveis e ineficazes modismos que tem invadido as escolas “de cima para baixo”.

Porém Souza alerta também que este perfil profissional exige uma pessoa psicologicamente forte e amadurecida:

Que sabe o que quer, com uma determinada linha de orientação. Tem que ser uma pessoa realizada, com elevado nível de auto-estima e um sentido claro de identidade. Expressões inglesas como “being oneself”, “fully functioning self”, “self actualization”, “self realization”, “adequate personality”, ou “high-level Wellness” significam esse patamar máximo que contribui efectivamente para o bem estar do professor e dos que o rodeiam. (SOUZA, s.d, p. 9)

Será uma missão possível ser uma pessoa equilibrada, realizada e com elevado nível de autoestima tendo que lidar com a desvalorização profissional

atual? Sendo, ou se sentindo muitas vezes, conforme aponta Souza, o “salvador único do sistema” de quem tudo se espera e tudo se exige, ou “legitimador único da exclusão e discriminação social”:

Aguentará o professor o peso da hiper-responsabilização que sobre si recai neste momento? E a que distância de anos-luz se encontra ele daquele seu antecessor da escola tradicional, que, num ambiente de estabilidade e serenidade social, se preocupava apenas com a transmissão da matéria? (SOUZA, s.d, p. 9)

O mal-estar docente resultante da crise de identidade frente às novas demandas sociais é o tema que será abordado a seguir com uma breve análise da fala e relatos dos professores.

8.2 O Mal Estar Docente Resultante da Crise de Identidade Frente às Novas Demandas Sociais

Neste item é abordado o mal-estar docente enquanto fenômeno resultante da crise de identidade gerada pelos novos desafios originados pelas novas demandas sociais que são apontadas pelos professores e na bibliografia consultada.

Considerando que segundo Jovchelovitch, (1995, p.81) “as representações sociais são uma estratégia desenvolvida por atores sociais para enfrentar a diversidade e a mobilidade de um mundo que, embora pertença a todos, transcende a cada um individualmente” as representações do ser professor no século XXI estão relacionadas à crise da profissão docente e ao mal-estar gerado devido aos impactos das transformações.

O mal-estar docente entendido como resumo dos sentimentos dos professores (ESTEVE, 2005) causado pela crise de identidade profissional em um contexto no qual trabalho do professor acontece em meio à incerteza provocada pelas mudanças constantes e profundas.

A situação dos professores perante a mudança social é comparável à de um grupo de actores, vestidos com trajes de determinada época a quem sem prévio aviso se muda o cenário em metade do palco, desenrolando um novo pano de fundo, no cenário anterior. Uma nova encenação pós-moderna, colorida e fluorescente oculta a anterior, clássica e severa. A primeira

reação dos autores seria a surpresa. Depois, tensão e desconcerto, com um forte sentimento de agressividade, desejando acabar o trabalho para procurar os responsáveis, a fim de, pelo menos obter uma explicação. Que fazer? Continuar a recitar verso, arrastando largas roupagens em metade de um cenário pós moderno, cheio de luzes intermitentes? Parar o espetáculo e abandonar o trabalho? Pedir ao público que deixe de rir para que se oiçam os versos? O problema reside em que, independente de quem provocou a mudança, são os actores que dão a cara. São eles, portanto, quem terão de encontrar uma saída airosa, ainda que não sejam os responsáveis. As reações perante esta situação seriam muito variadas: mas, em qualquer caso, a palavra mal-estar, poderia resumir os sentimentos desse grupo de actores, perante uma série de circunstâncias imprevistas que os obrigam a fazer um papel ridículo. (ESTEVE, 2005, p. 97)

A citação acima traduz boa parte das mais diversas falas dos professores em diferentes situações. Ao serem questionados sobre os desafios atuais, os sujeitos da pesquisa apontaram para questões como a desvalorização da profissão docente, a inclusão, o desinteresse, desmotivação e indisciplina dos alunos, a falta de apoio pedagógico e administrativo, relações políticas e “politicagens”, rapidez das inovações tecnológicas, baixa remuneração, salas numerosas, falta de preparo para realidade atual com cursos de atualização, insatisfação com os resultados do próprio trabalho e por fim ter que fazer o papel da família, conforme podemos observar nos relatos abaixo que, de certa forma, resumem outros:

Nos dias atuais os desafios e dificuldades são diversos como: inclusão, o professor ter que fazer o papel de psicólogo, pai, mãe, e muitas vezes ser tratado como qualquer um. Mas acredito que o maior deles está sendo cumprir nosso objetivo principal que é “ensinar verdadeiramente” isto, porque quando recebemos os alunos, percebemos muitas vezes que o “aluno finge que aprende e o professor finge que ensina”. (PROFESSOR 11)

Ter que “educar” (educação de berço) para poder alfabetizar, sala numerosa onde o tempo é insuficiente para atender todos os alunos da maneira que necessitam, pois o professor não sabe se desenvolve o planejado ou separa briga, conversa e ensina o que é preciso saber quanto à disciplina e bons modos, e com isso deixa a desejar no conteúdo programado para as crianças que necessitam de atendimento individualizado. (PROFESSOR 7)

Verifica-se que ao ter que desempenhar o papel da família, devido à transferência de funções familiares à escola, prejudica-se o tempo que seria dedicado ao conteúdo programático e a aprendizagem do aluno.

Bolivar (2002) afirma que são as competências profissionais que proporcionam estabilidade e segurança no exercício da profissão de professor, quando estes se sentem incompetentes devido inabilidade de lidar com a nova situação, a identidade começa a se desestabilizar. Compara a situação dos professores, conforme o exposto por Esteve, com a de atores representando Hamlet no mesmo cenário de Macbeth, “representar uma peça de teatro clássico sem se dar conta, no entanto que o cenário foi trocado por um pós-moderno” eis o sentimento dos professores em relação a seu papel.

Nesse caso não é possível continuar representando o mesmo papel como se fosse plausível representar Hamlet no mesmo contexto de Macbeth, nem os atores podem permanecer com os mesmos hábitos. Quando a demanda de novas funções não se encaixa nas diretrizes de organização tradicionais, a saída da crise passa, em primeiro lugar, por uma paulatina “mudança de cenário” que favoreça as ações desejadas. Os atores, por sua vez, também devem mudar os hábitos. (BOLIVAR, 2002, p.18)

O contexto social é fator determinante para a auto-realização do professor, uma vez que, Kyriacou apud Esteve (1999, p.144) “aponta que o apoio social que se oferece aos professores é fator determinante na aparição de conseqüências psicológicas desagradáveis (tensão, frustração, esgotamento emocional)”.

Ser professor hoje é estar em crise com sua identidade profissional. Em um contexto em que várias reformas têm fracassado e, conforme Fullan (2002, p.29-30), os especialistas estão se dando conta do que tem sido óbvio, que “a pesada carga de responsabilidades pela mudança e pelo aperfeiçoamento nas escolas repousa, em última análise, nos ombros dos professores, (...) a derrubada de paredes não é suficiente para ocasionar mudanças” e:

Uma mudança educacional que não envolva os professores e que não tenha seu apoio costuma terminar como uma mudança para pior ou para nada. Basicamente, é o professor em sua sala de aula quem deve identificar e promover o aperfeiçoamento. O professor é o elemento chave da mudança, sem dúvida alguma. Uma liderança que não compreende nem envolve o professor está fadada ao fracasso. (FULLAN, 2002, p.30)

Reconhecer o docente como ser da práxis para Therrien (1997) é reconhecer que seu agir é apoiado em reflexões e saberes. Os saberes da experiência, produzidos a partir da ação e reflexão cotidiana são saberes genuínos, os quais permitem compreender e orientar a profissão docente no cotidiano da

escola. É chegada a hora de valorizar e reconhecer a importância dos saberes experienciais, os professores precisam ser ouvidos para que as mudanças não continuem sendo mudanças para pior ou para nada. Seria esse o início de uma luta contra a proletarização ideológica do professorado que tem separado os que executam daqueles que planejam e como podemos notar os resultados não tem sido produtivos. Quando os saberes dos professores forem mais respeitados e estes mais ouvidos do que tem sido atualmente, a proletarização, tanto ideológica como a proletarização técnica tenderá a diminuir, pois com certeza haverá melhora nas condições efetivas de trabalho.

Por outro lado, a forma com que os professores se relacionam com a produção científica é de fundamental importância para que seus saberes sejam valorizados e reconhecidos, e portanto, para que sejam ouvidos, uma vez que, os saberes docentes construídos na prática diária sem a preparação e reflexão cientificamente elaborada é um saber não reconhecido e não valorizado.

Tardif (2002, p.39) afirma que os professores desenvolvem saberes específicos baseados no seu trabalho cotidiano que são chamados de saberes experienciais ou práticos que surgem e são validados pela experiência “individual ou coletiva sob a forma de habitus e de habilidades, de saber-fazer e saber-ser”. Para Tardif o professor ideal seria:

(...) alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos.

Essas múltiplas articulações entre a prática docente e os saberes fazem dos professores um grupo social e profissional cuja existência depende, em grande parte, de sua capacidade de dominar, integrar e mobilizar tais saberes enquanto condições para a sua prática. (TARDIF, 2002, p.39).

Considerando que, para Roldão (2007, p.102), a ênfase praticista predominante na cultura profissional dos professores não contribui para o crescimento da profissão, “num mundo em que conhecer é poder”, um salto na profissionalização dos professores depende da “afirmação e reforço de um saber mais analítico, consistente e em permanente atualização, claro em sua especificidade e sólido em seus fundamentos”.

A alienação do processo de elaboração, do planejamento e da produção do conhecimento, assim como a ênfase praticista contribui para a

proletarização do professorado, caminhando em sentido contrário a profissionalização docente.

No intento de identificar e definir os diferentes saberes presentes na prática docente, Tardif (2002) descreve o saber docente como um saber plural, estratégico e desvalorizado. Plural porque o saber docente é composto de vários saberes provenientes de diferentes fontes: “formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais” (p.36). O autor afirma que é desvalorizado porque o “corpo docente é desvalorizado em relação aos saberes que possui e transmite” (p.33). Este autor também alerta para o fato de que os professores conferem um *status* particular aos saberes experienciais “já que, estes últimos constituem, para eles, os fundamentos da prática e da competência profissional”.

Neste contexto o professor tem como desafio o “aprender a aprender”, que acaba sendo constante diante das mudanças, segundo Demo (2000, p.261) no centro desse processo está o saber pensar, “fundamento do sujeito social consciente e competente. Enquanto não se perceber que didática deve ser estratégia emancipatória, pedagogia representará o passado”, os professores precisam formar alunos que “saibam pensar”, ou seja, para reflexão e criticidade, mas para isso a sua formação inicial precisa ser capaz de desenvolver essa capacidade no futuro professor.

Em resposta a seguinte questão: “O que precisa ser mudado urgentemente nessa profissão?” entre outros itens, apareceu a valorização profissional e a autonomia como principais pontos que precisam de mudança, os sujeitos pesquisados justificaram essa necessidade ilustrando a situação, conforme podemos ver em algumas respostas:

O que precisa ser mudado urgentemente é a valorização profissional do professor, respeitando a autonomia na escolha do material didático e do método de trabalho, por exemplo, foi implantado no município o Programa ler e escrever e os professores não foram envolvidos nesse processo de implantação, (não foram consultados). (PROFESSOR 8)

É necessário mudar a forma como são conduzidas as políticas educacionais, o professor deve ter mais autonomia, sendo importante mudar a concepção que o aluno tem hoje, fazer com que este perceba que tem obrigações no âmbito escolar e que não é apenas um detentor de direitos e garantias. (PROFESSOR 12)

A valorização profissional, social e financeira (...). (PROFESSOR 1)

O profissional deve ser valorizado, não só em salário, mas, sim ser compreendido, questionado (se necessário) e ouvido. Saber que cumpre uma função digna e que todos percebam o quanto isto é valioso. A sociedade precisa entender que ser professor não é apenas um emprego, é

muito mais que isso. A ressaltar, infelizmente alguns professores também precisam dessa nova visão, pois é esta minoria que cria a generalizada negativa. (PROFESSOR 3)

O que precisa ser mudado urgentemente seria o fato dos profissionais da educação “não serem ouvidos”. A maioria dos atos da educação são criados de “cima para baixo”, ou seja, com os governantes impondo regras e conceitos a comunidade escolar, sem consultar quem diariamente está na sala de aula. A realidade do nosso país varia de região para região, estado para estado e até de cidade para cidade, mas somente quem convive na escola vê essas diferenças e podem com certeza dizer o que é melhor para a educação do país. (PROFESSOR 5)

(...) a valorização para podermos dizer de boca cheia “sou professor”. (PROFESSOR 7)

Podemos observar através dos relatos descritos acima que a desvalorização profissional é real e parte de vários segmentos da sociedade, sejam eles governantes, gestores, pais, alunos e até mesmo dos próprios professores, conforme aponta o professor nº3.

Podemos notar que se confirma na fala do professor 8 o contexto de crise e de tentativas de reforma fracassadas conforme aponta Fullan, (2002, p.29) no qual estratégia alguma parece funcionar e “as várias estratégias que não apenas fracassam em motivar os professores a implementar melhorias, mas também os alienam ainda mais de sua participação nas reformas” e:

Por fim, as inovações como soluções, ironicamente, exacerbam o problema da sobrecarga. (...) as novidades não estão tornando mais fácil o trabalho do professor, elas o estão tornando pior. A sobrecarga de expectativas e de soluções fragmentadas permanece sendo o problema principal. (FULLAN, 2002, p.19)

O professor nº 11 confirma o disposto nas citações acima relatando que o precisa ser mudado, urgentemente é:

O modismo. Acredito que as tendências educacionais estão mudando muito rapidamente, e os professores nem conseguiram absorver a anterior, por exemplo: em um ano Letra e Vida, já no outro Pró- Letramento, no outro Ler e Escrever...

A educação evolui aos poucos, estamos lidando com pessoas e não com máquinas, acredito que as tendências educacionais deveriam acontecer com menos velocidade. (PROFESSOR 11)

Analisando, alguns relatos chamaram minha atenção pelo fato de tornar evidente o mal-estar sentido pelo docente em relação à forma como a escola está instituída e em relação ao próprio trabalho:

Para ser sincero, acredito que a única coisa que deve ser mantida no atual sistema são as crianças, de resto, a escola precisa mudar completamente o

foco, pois estamos decretando falência e ninguém percebe.
(PROFESSOR 3)

É difícil falar o que deve ser mantido, uma vez que, o nosso ensino deve passar (precisa urgentemente) por uma reestruturação de maneira geral, em todos os aspectos. (PROFESSOR N°2)

Ser professor é um desafio constante que, às vezes vencemos, e às vezes também perdemos. Ser professor é luta, tristezas, alegrias, ânimo, desânimo, saber ou não saber, persistência e tolerância, tudo isso são desafios que encontramos nesta profissão (...) não há como conseguir tudo que queremos e aí aparecem os pontos negativos, na alfabetização nem todos os alunos conseguem atingir os objetivos propostos e isso me preocupa, porque não sei se a falha é minha como professora ou se todo o sistema escolar é falho diante desses alunos que apresentam maiores dificuldades. Vivemos hoje em um contexto de inclusão, mas onde está a inclusão para os alunos que não conseguiram aprender ler e escrever?!
(PROFESSOR 8)

Conclui-se, portanto, que é preciso que os professores sejam vistos como seres totais e não como meros executores. Do mesmo modo, as escolas também precisam ser vistas na sua totalidade. Os cursos de formação de professores devem visar à preparação do professor de modo a minimizar o choque com a realidade, na transição de aluno a professor. Para isso é preciso possibilitar o desenvolvimento de novas competências. Bolivar (2002), afirma que para reconstruir a identidade profissional é preciso adquirir novas competências profissionais, transversais ou genéricas a qualquer prática ou professor, adequadas às circunstâncias atuais.

Refletindo sobre a necessidade de se minimizar o choque com a realidade do professor iniciante, considerando o mal-estar do qual os professores têm sido vítimas penso que nos cursos de formação precisaria se oferecer além de disciplinas relacionadas à psicologia do desenvolvimento infantil e psicologia da educação, uma disciplina na área da psicologia que enfocasse os principais pontos geradores de angústia e mal-estar entre os docentes.

Minha sugestão seria ainda abordar questões relativas ao processo histórico de profissionalização docente ocorrido através das lutas, conflitos e conquistas e o processo de desprofissionalização docente que ocorre como fruto da alienação que muitas vezes tem passado despercebida, visando com isso à conscientização e identificação de fatores alienantes. Considero interessante que esta dinâmica de reflexão e aprendizagem se dê através de trabalhos de campo, a título de pesquisa de iniciação científica partindo de levantamento de representações sociais “in loco” ou de dificuldades reais, seria uma oportunidade de se minimizar o choque com a realidade (pois estariam entrando em contato com ela), exercitar a

relação teoria e prática, investir na investigação científica e trabalhar o desenvolvimento pessoal dos futuros professores.

O estabelecimento desta relação teoria e prática é de fundamental importância uma vez que, de acordo com Imbernón (2011, p. 43):

O tipo de formação inicial que os professores costumam receber não oferece preparo suficiente para aplicar uma nova metodologia, nem para aplicar métodos desenvolvidos teoricamente na prática da sala de aula. Além disso, não se tem a menor informação sobre como desenvolver, implantar e avaliar processos de mudança. É essa formação inicial é muito importante já que é o início da profissionalização, um período em que as virtudes, os vícios, as rotinas etc. são assumidos como processos usuais da profissão.

Nesse sentido a formação continuada em serviço precisa partir da realidade vivida em cada instituição, dos problemas reais que os professores enfrentam, porém ultrapassando as costumeiras palestras ministradas por especialistas, pois como aponta Imbernón na citação acima, existe uma dificuldade em se aplicar os métodos desenvolvidos teoricamente na realidade da sala de aula, por isso, a importância de se desenvolver as habilidades de produção de conhecimento a partir da reflexão sobre a ação docente.

Porém, sabemos que não basta apenas o professor buscar formação e se adequar à nova clientela, é preciso uma mudança de postura da sociedade frente à docência e uma transformação no sistema educacional adequando-se as necessidades atuais.

Todavia, considerando que uma mudança de postura da sociedade frente à docência para acontecer depende da mudança das representações sociais que esta mesma sociedade tem elaborado em relação à docência, uma vez que, os atores sociais têm um papel ativo na produção e transformação das representações, porém é preciso considerar “a relação entre as representações sociais e as configurações culturais dominantes, de um lado, e por outro, a dinâmica social no seu conjunto” (CABECINHAS, 2010, p.7).

Para compreendermos as pressões à hegemonia e a conseqüente homogeneização de certas representações, nota-se que os meios de comunicação social, principalmente a televisão, como um dos fatores responsáveis por este fato, “(...) as imagens veiculadas através do ecrã tem já em si a ideia de consenso, de partilha por uma larga comunidade, o que facilita o conformismo” e as imagens de

professor que a televisão tem passado assim como a mídia em geral, não me parece contribuir para com essa mudança de postura da sociedade frente à docência.

O conformismo com a desvalorização salarial é motivado por meio da ideia de que “professor é mal pago mesmo” através das imagens veiculadas. É só lembrar a maneira como o “professor Raimundo” vivido pelo saudoso Chico Anísio encerrava cada episódio de “A escolinha do professor Raimundo” com o bordão: “E o salário ó...”.

O desrespeito é maior e evidente quando um governador de Estado deixa os professores da educação básica pública do Ceará profundamente indignados com suas declarações. O governador Cid Gomes:

Em recente entrevista à imprensa, o governador repetiu o que já havia afirmado em encontro com trabalhadores do Estado. “Governador, prefeito, presidente, deputado, senador, vereador, médico, professor e policial devem entrar, ter como motivação para entrar na vida pública, amor e espírito público. Quem está atrás de riqueza, de dinheiro, deve procurar outro setor e não a vida pública”.

Juscelino Linhares, secretário geral do Sindicato dos Professores e Servidores no Estado do Ceará (APEOC), durante participação da reunião do Conselho Nacional de Entidades (CNE) realizada em Brasília nos dias 1 e 2 de setembro, afirmou que a declaração do governador foi infeliz. “O governador faltou com respeito conosco. Nós damos aula por amor e compromisso pela escola pública, mas temos que cumprir com nossas responsabilidades como cidadão, alimentar nossa família. Sem salário digno não temos como fazer isso. (CNTE, 05/09/2011)

Acreditando serem dispensáveis maiores comentários apresento uma questão para reflexão da fala acima:

Será que, se o valor da hora trabalhada do salário de governador fosse equivalente ao valor da hora/aula de um professor da educação básica este “excelentíssimo senhor” faria a mesma afirmação?! Ou talvez, quem sabe ele fosse preferir arriscar a vida sendo policial? Pelo mesmo salário do policial, é claro! Com certeza, não!

A valorização do profissional da educação sem a valorização da educação pelos governantes dificilmente ocorrerá. Mas o governador citado acima não é o único político que não valoriza a educação, segundo a redação do site www.band.com.br existe uma frase “célebre” entre outras, dita por Paulo Maluf que demonstra isso:

Se está com desejo sexual, estupra, mas não mata"; "professora não ganha mal, é mal casada" e "no Brasil, o político é veado, corno ou ladrão. A mim escolheram como ladrão" são algumas das célebres frases ditas por Paulo Maluf. (DA REDAÇÃO BAND.COM, 2011)

"**Professora não ganha mal, é mal casada**" frase que demonstra claramente a representação social que o mesmo tem de "professora", totalmente estereotipada e preconceituosa.

As representações vivem de metáforas e a televisão permite "fazer corresponder a cada palavra um rosto, a cada conceito e ideia, uma imagem" e:

A expansão do audiovisual mergulhou-nos num mundo de rostos, imagens e símbolos, nos quais se inscrevem as ideias mais abstratas, conferindo-lhes a materialidade que necessitam para viver, reproduzir-se e tornar-se realidade. (VALA apud CABECINHAS, 2010, p.7)

A expansão audiovisual contribuiu também com o processo gerador das representações sociais conhecido como objetivação, capaz de transformar algo abstrato em quase concreto, ou seja, a materialização da abstração, conforme Moscovici (2009) usadas por políticos e intelectuais para subjugar as massas, a imagem transmitida pela televisão fortalece ainda mais essa característica de materialização da abstração e por ser um meio de comunicação em massa televisão e internet facilitam a reprodução das representações de acordo com o interesse dos que tem o maior controle desses meios possibilitando a manipulação das pessoas. O poder de influência aumentou com a expansão audiovisual e através das "telas" representações sociais são criadas, reproduzidas, transformadas ou perpetuadas e o que se tem notado nos personagens das tramas são imagens estereotipadas da identidade do professor e isso não pode contribuir para uma mudança positiva das representações sociais da sociedade frente à docência e sim contribuem para a ancoragem das representações sociais do ser professor nesses estereótipos.

Segundo Jô Levy (2011) em entrevista a Marcus Vinicius sobre a pesquisa que deu origem à dissertação de mestrado: O professor como personagem na telenovela: identidade docente e interação com a imagem da TV, realizada em 2006, na contagem de "567 telenovelas produzidas de 1951 a 2006, 31 apresentaram personagens professores" e estes eram "Professores estereotipados". Entrevista esta que foi publicada no site <http://www.revistapontocom.org.br> onde Levy (2011) afirma:

Especificamente nas telenovelas, de forma mais recorrente observo sete tipos: o atrapalhado, o arcaico, o objeto de desejo, a pura e casta, o show

men, os malditos e os heróis e heroínas. Cheguei a esta classificação fazendo um levantamento num universo de 567 telenovelas brasileiras, produzidas desde 1951, quando foi ao ar a primeira, até 2006, ano da pesquisa de mestrado que realizei pela Universidade Federal de Goiás. A presença desses tipos confirma o que talvez supomos como espectadores, isto é, a presença de estereótipos na composição dos personagens.

A descrição dos personagens que se encontra em anexo (2) deixa claro que a imagem produzida na televisão não contribui para valorização nem reconhecimento da profissão docente, considerando o poder de influência da televisão na formação de representações sociais torna-se importante combater este tipo visão estereotipada.

Os resultados desta pesquisa apontam para a urgência de novas relações entre gestores e docentes, no trabalho em equipe, mudanças no processo de formação de professores e gestores em geral, formação essa que deve se dar também na própria escola, mudanças na relação da sociedade com a escola e na visão da importância da educação e do professor pelo poder político.

É preciso investir na valorização da profissão docente, por meio da valorização salarial, condições de trabalho, valorização do papel social o qual desempenham, redefinição de papéis de acordo com a realidade atual, evoluir no sentido da profissionalização e da autonomia, através do respeito aos seus saberes e a união dos mesmos na luta por melhores condições de trabalho, porém para isso é preciso antes combater a alienação que facilita a proletarização tanto técnica, quanto ideológica dos docentes. Na perspectiva de Imbernón (2011 p. 116):

Um novo conceito de formação traz consigo um conceito de autonomia na colegialidade, e a autonomia de cada um dos professores e professoras só é compatível se for vinculada a um projeto comum e a processos autônomos de formação e desenvolvimento profissional, a um poder de intervenção curricular e organizativo, enfim, a um compromisso que transcenda o âmbito meramente técnico para atingir os âmbitos pessoal, profissional, e social.

Deve-se superar a dependência profissional. Basta de esperar que os outros façam por nós as coisas que não farão. A melhoria de formação e do desenvolvimento profissional do professor reside em parte em estabelecer caminhos para ir conquistando melhorias pedagógicas, profissionais e sociais, e também no debate entre o próprio grupo profissional.

Mais do que formar professores para a mudança e a incerteza frente aos novos desafios da atualidade é preciso formar para se superar a dependência profissional, para desenvolver a capacidade de gerar conhecimento dentro do contexto em que acontecem as dificuldades, “na escola” aproximando assim a formação da prática educativa no interior das instituições, desenvolver o

conhecimento teórico e prático da profissão conforme Imbernón (2011 p. 116) “com toda sua carga de compromisso científico, político, ético e moral”, e principalmente, formar profissionais engajados na luta pela profissionalização docente e conquista da autonomia com a consciência de que a mudança depende muito dos próprios professores:

É ser antes de tudo, bastante esperançoso, tanta coisa que a gente vê que precisa de uma mudança e o início dessa mudança parte do professor, eu acho que agora mais que nunca, o professor do século XXI é aquele que começa a transformação, mesmo que as pessoas não percebam, é a gente que começa a transformação, o transformador, aquele que dá o pontapé inicial é o professor. (PROFESSOR 3)

Nenhuma formação universitária pode resolver a doença social que é o mal-estar docente se não se aumentar o apoio social que é dado aos professores e para isso é preciso batalhar.

O mal-estar docente é uma doença social produzida pela falta de apoio da sociedade aos professores, tanto no terreno dos objetivos do ensino como das recompensas materiais e no reconhecimento do status que lhes atribui. E não se detenha atuando num plano individual. O desafio e a resposta se incluem no título do estudo de Wangberg; deve-se melhorar o ensino como posto de trabalho e como profissão. (ESTEVE, 1999, p.144)

O ser professor na atualidade tem despertado sentimentos contraditórios e ambivalentes em relação à profissão, conforme podemos observar nos relatos:

Ser professor é um desafio constante que às vezes vencemos e também perdemos. Ser professor é luta, tristezas, animo, desânimo, saber ou não saber, persistência e tolerância, tudo isso são desafios que encontramos nesta profissão (...) (PROFESSOR 8)
 Já não basta sermos desvalorizados, agora sofremos desrespeito de alguns pais. (PROFESSOR 4)
 Precisamos entrar no século XXI, porém, penso estarmos ainda numa espécie de idade média e infelizmente, seguindo essa analogia, nossos “iluministas” estão a cada dia menos crentes no futuro. (PROFESSOR 3)

Os professores hoje são (conforme analogia do teatro, proposta por Esteve), atores sociais atuando em um cenário diferente da peça que ensaiaram, na qual estão vestidos com trajes que não combinam com o cenário no qual estão, onde “diretores e atores” não sabem quais são nem onde estão os trajes adequados, uma vez que o cenário (contexto no qual estão inseridos) que ali está não dá para mudar, e o roteiro para aquele cenário, ainda é desconhecido. Simplesmente mudar de roupa (trocar o método) seria a solução? Parece que não. Em um contexto onde

tudo precisa se adequar ao novo cenário social que ali se apresenta, a crise é sentida principalmente pelo professor, afinal: Quem está no palco?!

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo identificar as representações sociais de professores sobre “o que é ser professor no contexto do século XXI”, as principais dificuldades, desafios e inquietações desses profissionais e ainda caracterizar e conhecer o professor do século XXI, sendo necessário para tanto, situá-lo dentro do contexto histórico estudado definindo quais as características desse contexto, as maiores dificuldades enfrentadas pelos professores deste século, o que mais os incomoda, enfurece ou desanima, o que os estimula a continuar na profissão, o que deve ser mantido, como se sentem diante dos desafios da nova realidade social, e enfim, o que é ser professor, hoje?

Contemplando esses objetivos considero que os mesmos foram atingidos e explanados ao longo desta dissertação, sendo conveniente tecer algumas considerações finais para elucidar alguns pontos principais.

O professor do século XXI encontra-se inserido em um contexto de transformações e profundas que mudaram o perfil do aluno acarretando a necessidade de adequação de suas práticas e o sentimento de incerteza diante de seu trabalho e da sua identidade profissional que passou a ser questionada e a sua profissão pouco reconhecida.

O momento exige a reconstrução da identidade profissional a fim de que seja possível atender a diversidade social e cultural e as carências provenientes das mudanças na estrutura familiar. Faz-se necessário o desenvolvimento de novas competências para adequar-se às novas demandas nota-se, portanto, que o momento é de crise de identidade profissional e conseqüentemente de mal-estar docente.

O momento atual é crítico marcado pela tensão entre salto para um nível mais consistente de profissionalidade, ou o risco de um recuo para situações de maior proletarização, apontando para a urgência da delimitação de um saber específico.

De acordo com os resultados da pesquisa, ser professor hoje é principalmente um desafio, e “difícil”. Foram apontados como desafios atuais a desvalorização da profissão docente, a falta de apoio pedagógico-administrativo e especializado frente às dificuldades de aprendizagem, o descaso dos governantes e

da sociedade, rapidez das inovações tecnológicas, falta de investimento e arbitrariedades do poder, e “politicagens”, baixa remuneração, salas numerosas, falta de preparo para realidade atual, insatisfação com os resultados do próprio trabalho, o desinteresse, desmotivação e indisciplina dos alunos, e ter que fazer o papel da família. São respostas relacionadas aos desafios, dificuldades e como causa de desânimo.

Sobre o que precisa ser mudado urgentemente se destacaram aspectos relativos à valorização e formação do profissional docente. A Valorização profissional, social e salarial, o apoio ao professor por parte das instâncias superiores, o compromisso de alguns colegas de trabalho, o fato dos professores não serem ouvidos e a falta de autonomia. Por meio dos relatos é possível notar, que a desvalorização profissional é real e parte de vários segmentos da sociedade, sejam eles governantes, gestores, pais, alunos e até mesmo dos próprios professores, conforme apontou o professor nº3.

O esforço do aluno e seu crescimento, atingir os objetivos, o amor pela profissão, a vocação e o sentir-se necessário e útil são fatos que ainda estimulam os professores a continuarem nessa profissão.

No tocante a da formação foram mencionados aspectos referentes à qualidade dos cursos que consideram de má qualidade, pedagogia à distância, falta preparo para atender os alunos especiais e formação adequada à realidade e aos problemas atuais. Os modismos na educação é um aspecto que precisa ser mudado urgentemente, pois tem contribuído negativamente.

Das representações do “Ser professor hoje” extraí-se sentimentos e sensações de:

- Desorientação e crise de identidade própria de quem se sente representando Hamlet no cenário de MacBeth;
- Sentimento de impotência diante de missões impossíveis.
- Esgotamento, tédio e a falta de perspectiva que lembra o sofrimento de Sísifo, personagem da mitologia grega;
- Sensação de estar sempre atrasado e correndo como o “coelho relógio”;
- Ser “escravo do tempo” conforme a mensagem do “chapeleiro maluco” de que, “o tempo é um senhor”;

- Rotina, cansaço e sentimento de eterna repetição de tarefas, frente à proletarização técnica e ideológica e condições de trabalho alienantes como o “ritual de desmotivação e falta de sentido do interminável chá”.
- Exposição a uma realidade educacional tão sarcástica e irônica quanto “o gato de Cheshire”, mutável a cada modismo educacional;
- Desvalorização, baixa auto-estima, depressão e ressentimento com as arbitrariedades e desrespeito dos governantes e gestores, o que leva a reações diversas de fuga e mecanismo de defesa, como as de Alice diante da “rainha de copas”.
- Supervalorização da função docente concedendo-lhe o sentido de missão gloriosa, como mecanismo de fuga da proletarização, desvalorização, inadequação salarial, exploração, desprestígio e insatisfação com a realidade.
- Necessidade de reconhecimento, e aparente sentimento de realização quando reconhecido em seu valor e importância.
- Frustração, indisposição, desmotivação e mal-estar frente à constatação de que tudo não passou de um sonho. Um sonho desfeito!
- Estresse com o acúmulo de responsabilidades, tensão, falta de tempo para atividades de lazer, desprazer e adoecimento.

Ser professor hoje é um desafio “difícil”, pois, acuados pela pressão por resultados favoráveis, pelo peso da cobrança do dever de levar os alunos a atingir resultados esperados, com obstáculos que surgem todo dia dificultando o alcance da meta, indisciplina, sentimento de impotência em relação a casos de inclusão e dificuldades de aprendizagem, concorrendo com as novas tecnologias, tendo que ser muitas vezes artistas explorando ao máximo a sua criatividade para despertar a atenção do aluno e quando não sabem mais o que fazer, reclamam do apoio que não chega, sentindo-se incompreendido e em conflito com seus valores. Em conflito diante do que se espera dele e o que realmente precisa fazer na sala, (muitas vezes, mesmo não pertencendo a sua função) para conseguir dar aulas.

Foi o tempo que professor só “ensinava” no sentido de transmitir conhecimento, hoje o professor tem que ser crítico, reflexivo, versátil, criativo e, várias outras coisas. Suprir falhas da educação familiar e de ensinamentos de convivência social, hábitos e valores que deveriam ser adquiridos na família, hoje “ocupada demais” para cumprir, demitindo-se de seu papel e jogando o encargo aos

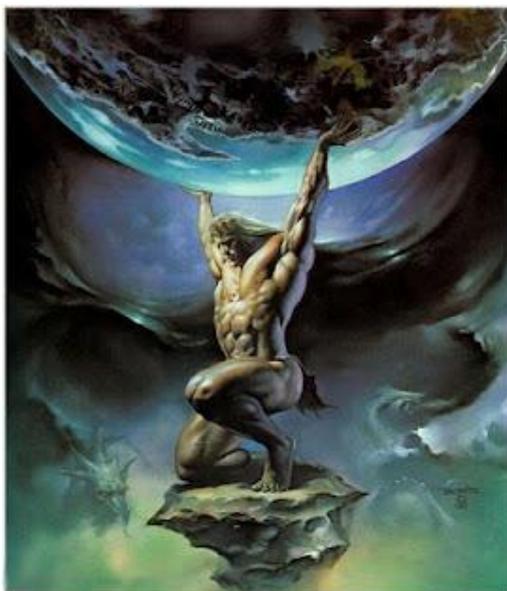
professores, claro que não são todas famílias, mas a maioria, independente da classe social ou do amor que sentem pelos filhos, pois o trabalho muitas vezes tem consumido o tempo.

É preciso redefinir papéis, não só o do professor, mas de todos que estão ligados às crianças, qual a função do professor? Tem horas que nem ele próprio sabe mais! Então se põe a fazer o que é necessário e falta tempo para fazer seu dever.

O “trabalho” na perspectiva em que aparecem as representações sociais dos professores, muitas vezes se aproxima do sentido proposto na etimologia da palavra, ou seja, enquanto “Tripalium”, instrumento de castigo causador de sofrimento.

O peso que cai sobre os ombros dos professores lembra o lendário personagem da mitologia grega, “Atlas” condenado por Zeus a carregar o mundo nas costas:

Figura 3: Atlas.



Fonte: <http://eventosmitologiagrega.blogspot.com.br/2010/10/atlas.html>

A sensação de estarem sós diante dos desafios e dificuldades, as idealizações da modernidade, muitas vezes sem viabilidade no cenário pós-moderno, lembra sim o personagem conhecido por Atlas na mitologia grega, porém ao analisarmos a figura observamos que este personagem é dotado de porte físico

avantajado e uma força sobrenatural, diferente do que seria a figura do professor de hoje, esgotado e sem forças:

Figura 4: Charge: Professor Atlas- Sísifo.



Produzida por Jorge Souza Lima, 2012.

O peso depositado nas costas do professor lembra a mistura do peso suportado por Atlas, mas por alguém que não tem a força sobrenatural do mesmo, e da pedra de Sísifo, sendo este condenado a levar a pedra da desvalorização, dos baixos salários e das dificuldades desencadeadas pela crise do sistema educacional frente às mudanças. Considerados injustamente, conforme Esteve (1999), os únicos responsáveis pelos fracassos de um sistema educacional massificado e maquiado para fazer frente à crise atual.

As novas tecnologias que poderiam ajudar no trabalho do professor, tornam-se, porém um desafio a mais, uma vez que não são muito aproveitadas para esse fim pelo fato de que muitos têm dificuldades em lidar com essas novas tecnologias, faltou preparo. A preparação do professor hoje, não pode ser só teórica, precisa desenvolver habilidades específicas também.

A inclusão é um desafio, pois tem sido uma farsa. Se nem as estruturas físicas foram adaptadas a esse objetivo, e não há recursos materiais adequados, imagine então como estarão os recursos humanos, que é mais

complexo e sem formação que realmente capacite para o trabalho com diversas deficiências.

O atendimento se dá sem apoio de profissional especializado, apoio “efetivo” eu quero dizer, o professor não sabe o quê fazer, como fazer e até onde pode levar esses alunos, pois não conhece as limitações, dificuldades e capacidades que podem ser desenvolvidas. Não sou de maneira alguma contra a inclusão, é necessária e um direito adquirido, mas deve ocorrer de fato, porém para isso falta muito investimento nessa área.

O sucesso da educação depende de algumas mudanças urgentes, o objetivo maior da educação é o desenvolvimento e a aprendizagem da criança, mas quem está com a criança boa parte de sua vida são os professores, se eles não estão bem, isso refletirá nos alunos, na aprendizagem e por último, na sociedade.

Com todos os sentimentos levantados relativos à docência, finalizando este trabalho, considero que, a profissão docente enfrenta um problema social que diz respeito a toda sociedade e não só aos professores, ignorá-lo só o fará aumentar. É obvio que, os primeiros passos na luta por mudanças precisam ser dos professores, estes precisam se unir, porém, cansados, abatidos, desanimados, descrentes e sem tempo precisam de apoio da sociedade.

Apoio dos meios de comunicação, tão usados para homogeneizar, criar, reproduzir imagens e representações estereotipadas ou idílicas do professor. A mídia precisa envolver-se nessa luta social, é preciso mudar a imagem do professor atual. Apoio das famílias, pois as maiores beneficiadas serão elas próprias. O apoio dos governantes, pois só assim alcançaram a melhoria na qualidade.

As universidades podem apoiar por meio de movimentos de extensão que visem à conscientização da comunidade. A formação inicial deve trabalhar a conscientização da necessidade dessa luta pela profissionalização docente, combater a alienação, organizar eventos que atraiam a atenção da sociedade para a necessidade melhores condições de trabalho pelo bem do aluno, pois como mencionou o professor 3 “**estamos decretando falência e ninguém percebe**” e valorizar a profissão antes que a deserção aumente e a qualidade baixe ainda mais.

Possibilitar uma formação mais real voltada também para os desafios atuais e menos ideológica, pois de que adianta idealizar o professor deste século se as condições de trabalho não permitirem que o mesmo atue de acordo com esse ideal. Trevisan (2005) propõe a ideia de que as teorias e práticas pedagógicas precisam se desfazer do peso dos discursos densos e pesados da modernidade, o peso dos grandes sonhos da modernidade que hoje não possuem mais viabilidade prática.

É preciso sonhar novos sonhos, possíveis de realizar, redefinir junto com a sociedade, o papel que estamos representando, pois, segundo Esteve (1999) “Não faz sentido que o sistema de ensino continue o absurdo de manter em um ensino massificado os objetivos de um sistema projetado para um ensino de elite”. É preciso sonhar novos sonhos, sonhos pós-modernos, sonhos com os pés no chão da realidade atual.

Ideal hoje é ter a flexibilidade necessária para enfrentar os novos desafios, os problemas reais, ultrapassar os muros da escola e se fazer ouvir, pois o peso que lhe recai sobre os ombros, sem apoio da sociedade pode ser insustentável no futuro e as consequências atingirão a todos e não apenas os professores. Ideal é a união em prol da profissão docente para reerguê-la, e, como alguns professores mencionaram, escolheram a profissão por ser um sonho de criança, que as crianças de hoje possam ter também esse sonho, para que no futuro ainda existam professores.

A escola hoje precisa se unir a outras instâncias da sociedade, principalmente a escola pública que recebe alunos com várias carências a serem supridas, a escola precisa se completar se relacionando melhor com outras instituições (conselho tutelar, unidades básicas de saúde, serviço social, polícia, e até as igrejas, etc.), pois não pode dar conta dos problemas que tem chegado até ela e atrapalhado o sucesso da função de ensinar. Não tem a solução, não sabe como lidar com eles, porém encontra-se diante do impasse de que tem sua função, mas não pode realizá-la sem lidar com esses obstáculos.

Há cerca de algum tempo, na década de 20 do século passado, os professores gozavam prestígio social e situação econômica digna, conforme aponta Nóvoa (1991), para isso foi preciso muita luta reivindicações, união associativa, mas algo que me chamou a atenção foi o fato de que havia uma crença generalizada na

potencialidade da escola, e os professores eram vistos como instrumentos de progresso. Pergunto, e hoje?

Hoje o papel da escola esta se perdendo. Sua função diante das transformações atuais tornou-se complexa, não é mais instrumento de equalização social como um dia foi vista, embora muitas vezes tivesse sido usada como aparelho ideológico do estado. Nem detentora do conhecimento e informação, pois tem a internet como concorrente e outros meios de comunicação. Não garante vaga, nem prepara para o mercado de trabalho. Formar cidadãos conscientes, críticos como nos discursos, como? Se não é respeitada pela sociedade, perdeu o crédito da sua potencialidade. É preciso definir a função da escola, suas metas para o novo cenário pós-moderno, muitos alunos tem se perguntado para que serve a escola e a desmotivação tem tomado conta quando não percebem sua utilidade.

E os professores como são vistos hoje? Desvalorizados.

Em uma apresentação da dissertação a uma turma de alunos do Mestrado em Educação da UNOESTE ouvi de uma mestranda a seguinte frase traduzindo o desafio atual: “para ser professor hoje é preciso ser mais rápido que o Google, mais interativo que o facebook e mais atraente que o You tube”, não é sem motivo que muitos professores têm se sentido tão desnorteados como Alice no país das maravilhas.

“O senhor poderia me dizer, por favor, qual o caminho que devo tomar para sair daqui?”

“Isso depende muito de para onde você quer ir”, respondeu o Gato. “Não me importo muito para onde...”, retrucou

Alice. “Então não importa o caminho que você escolha”, disse o Gato.

“... contanto que dê em algum lugar”, Alice completou. “Oh, você pode ter certeza que vai chegar”, disse o Gato, “se você caminhar bastante”. (...) retrucou Alice, “e eu gostaria que você parasse de aparecer e desaparecer repentinamente: você deixa a gente tonta!”

“Tudo bem”, disse o Gato, e desta vez ele desapareceu bem lentamente, começando pelo final do rabo e terminando pelo sorriso, que permaneceu por algum tempo depois do resto ter ido embora.

“Bem! Eu tenho visto muitos gatos sem sorriso”, pensou Alice, “Mas um sorriso sem um gato! É a coisa mais curiosa que já vi em toda minha vida!”.

(LEWIS CARROLL)

REFERÊNCIAS

ALVES, N. **Formação de professores: pensar e fazer**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Ensaio: avaliação políticas públicas. **Educ.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 57, p. 579-594, out./dez. 2007.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. **Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações a educação**. Disponível em: <<http://metodista.br/qppc/multiplas>> Acesso em: 12 mar. 2010.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações de identidade docente: uma contribuição para formulação de políticas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 57, p. 579-594, out./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v15n57/a08v5715.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2011.

ARANDA, S. M. **Um olhar implicado sobre o mal-estar docente**. 2007. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/17311>>. Acesso em: 14 fev. 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009.

BARROSO, B. O. **Para além do sofrimento: uma possibilidade de re-significação do mal estar docente**. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília. Brasília, 2008. Disponível em: <<http://biblioteca.fe.unb.br/pdfs/2008-07-141659betaniaoliveirabarroso.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2011.

BEZERRA, L. T. S. **A docência do século XXI: formando competências para o uso das TICs na UFPB**. Universidade Federal da Paraíba. Paraíba, 2006. Disponível em: <<http://busca.ibict.br/SearchBDTD/search.do>>. Acesso em: 14 maio 2011.

BOLIVAR, A. Competências Educacionais e Crise de Identidade. **Revista Pátio**, ano 5, n. 23, set./out. 2002.

CABECINHAS, R. Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v.14, n. 28, May/Aug. Universidade do Minho. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2004000200003>. Acesso em: 09 mar. 2010.

CAMPOS, J. R. **Era um sonho desde criança: a representação social da docência para os professores do município de Queimadas-PB**". 2008. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

CARLOTTO, M. S. A síndrome de burnout e o trabalho docente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.7, n.1, p.21-29, jan./jun. 2002.

CARROLL, L. **Alice no País das Maravilhas**. Editorial Arara Azul. Versão para eBook. Fonte Digital. (1832-1898). 2002. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/alicep.html#6>>. Acesso em: 05 jul. 2012.

CORTESÃO, L. Ser Professor: Um ofício em vias de extinção. Reflexões sobre práticas educativas face, à diversidade, no limiar do século XXI. **Revista lusófona de educação**, Lisboa, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php>>. Acesso em: 14 maio 2011.

COSTA, W. A.; ALMEIDA, A. M. O. **Teoria das representações sociais**: uma abordagem alternativa para se compreender o comportamento cotidiano dos indivíduos e dos grupos sociais. Disponível em: <<http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev13/a>>. Acesso em: 9 mar. 2011.

CNTE- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO. **Declaração de governador Cid Gomes do Ceará revolta professores**. Brasil. 05/09/2011. Disponível em: <<http://www.cnte.org.br/index.php/comunica%C3%A7%C3%A3o/noticias/8826-declaracao-do-governador-cid-gomes-revolta-professores-do-ceara>>. Acesso em: 01 abr. 2012.

DAVID, R.C.B. **Em busca da carta roubada**: alguns aspectos relacionados ao mal estar docente. 2010. Dissertação (Mestrado) - USP. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-11062010-114311/pt-br.php>>. Acesso em: 14 maio 2011.

DEMO, P. **Desafios modernos da educação**. Petropolis, RJ: Vozes, 2000.

DRUCKER, P. **Sociedade pós – capitalista**. São Paulo: Pioneira, 1997.

ESTEVE, J. M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, A. **Profissão Professor**. Lisboa: Porto Editora, 2005.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. Bauru: EDUSC, 1999.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Liberlivro, 2005.

FRANCO, M. L. P. B.; NOVAES, G. T. F. Os jovens do ensino médio e suas representações sociais. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 112, mar., 2001.

FULLAN, M.; HARGREAVES, A. **A organização da escola aprendente**. 2. ed. Porto alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. São Paulo. v.14, n. 2, apr./June 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392000000200002&script=sci_arttext>. Acesso em: 02 nov. 2011.

GONÇALVES, C. M. M. **Escola pública**: bem-estar docente, mal estar docente e gênero. 2007. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.

GRUPO BANDEIRANTES DE COMUNICAÇÃO – band.com.br. "**CQC**" enquadra Maluf, aniversariante do dia. Entretenimento@band.com.br
<http://www.band.com.br/rio/conteudo.asp?ID=100000453636> Sábado, 3 de setembro de 2011 - 20h21 Última atualização, 03/09/2011 - 20h47

GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs.) **Textos em Representações Sociais**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

HOLANDA, A. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. **Análise Psicológica**, v. 3, n. 24, p. 363-372, 2006.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

JACKES, M. G. C. Identidade. In: NEVES, M. et al. **Psicologia Social e Contemporânea**: livro texto. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

KLIMENKO, O. La creatividad como un desafío para la educación del siglo XXI. **Educación y Educadores**, v. 11, n. 2, july/dec., 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.org/cgi>>. Acesso em: 14 fev. 2011.

LAVILE & DIONE. A construção do saber. **Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Medicas Sul, 1999.

LYRA, J. **Docência: uma profissão? Estudo da representação social do professor com relação a sua profissão**. Disponível em: <<http://www.proext.ufpe.br/publicações-cadernos-educacao.html>>. Acesso em: 14 fev. 2011.

MAIOLI, E. E. C. **O desprestígio social na profissão docente: o ser professor/a nas séries iniciais**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2004. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde_arquivos/12/TDE-2006-10-05T092927Z-307/Publico/Dissertacao_%20Maioli,%20Edilene.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2011.

MENIN, M. S. S.; SHIMIZU, A. M.; LIMA, C. M. A teoria das representações sociais nos estudos sobre representações de professores. **Caderno Pesquisa**. [online]. 2009, v.39, n.137, p. 549-576. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742009000200011>>. Acesso em: 14 fev. 2011.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Tradução : Pedrinho Guareschi. 6. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2009.

NÓVOA, A. **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1991.

NOVO Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0 . Corresponde à 3. ed. da Editora Positivo, revista e atualizada do Aurélio Século XXI, O Dicionário da Língua Portuguesa, contendo 435 mil verbetes, locuções e definições. ©2004 by Regis Ltda. Edição eletrônica autorizada à POSITIVO INFORMÁTICA LTDA.

O DESPERTAR de Rita. Direção: Lewis Gilbert. País de Origem: Reino Unido. Gênero: Comédia. 107 min. Site Oficial: Estúdio/Distrib.: Columbia Home Video. Título Original: Educating Rita. Disponível em: <<http://baixarlivrefilmesmoviesshows.blogspot.com.br/2010/02/o-despertar-de-rita-educating-rita-1983.html>>. Acesso em: 19 mar. 2012.

OLIVEIRA, A. J. Passeio pelo mundo do trabalho. **Revista Terapia Ocupacional**, São Paulo, v. 14, n. 1, abr. 2003. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S1415-91042003000100005&script=sci_arttext>. Acesso em: 19 mar. 2012.

OLIVEIRA, E. S. G. **O “mal-estar docente” como fenômeno da modernidade: os professores no país das maravilhas**. Rio de Janeiro, UFRJ. 31/03/2006. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org>>. Acesso em: 25 abr. 2011.

PACHECO, J. A. **O Pensamento e a ação do professor**. Porto: Porto Editora, 1995. PESCUMA, D.; CASTILHO. **Projeto de pesquisa: O que é? Como fazer? Um guia para sua elaboração**. São Paulo: Olho d água, 2008.

PERRENOUD, P.H. **As dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PROFESSORES NA TV. **Revistapontocom Entrevistas**. Por Marcus Tavares Entrevista com Jô Levy . Escrito em 01 novembro, 2011. Disponível em: <<http://www.revistapontocom.org.br/entrevistas/professores-nas-telenovelas>>. Acesso em: 01 abr. 2012.

ROLDÃO, M. C. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. **Revista Brasileira de educação**, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007.

SILVA, M. L. A docência é uma ocupação ética. In: **Viver e construir a profissão docente**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1997.

SOUSA, J. M. **As missões (im) possíveis do professor. O bem/ mal estar docente**. Disponível em: <<http://www3.uma.pt./jesussousa/tribem?pef>>. Acesso em: 25 abr. 2011.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TEDESCO, J. C. **O novo pacto educativo**. São Paulo: Ática, 2004.

TEDESCO, J. C. **Educar en la sociedad del conocimiento**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2000.

TERRIEN, J. **Educação em Debate**. Fortaleza, v.19, n. 33, 1997.

TREVISAN, A. L. Trabalhar a mudança de imagem do professor. **Contrapontos**, Itajaí, v. 5, n. 2, p. 329-331, mai./ago. 2005. Disponível em: <<https://doc-0s-94-docsviewer.googleusercontent.com>>. Acesso em: 11 maio 2012.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4.ed. Porto Alegre: Bookmam, 2010.

ANEXOS

ANEXO 1- Aprovação CEP- CCPQ**Coordenadoria Central de Pesquisa
Comitê de Ética em Pesquisa
PARECER FINAL**

Declaramos para os devidos fins que o Projeto de Pesquisa intitulado “**SER PROFESSOR NO CONTEXTO DO SÉCULO XXI: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES**” cadastrado na CCPq e no CEP sob o número nº 595/10 (online) tendo como pesquisador(a) responsável o(a) Prof(a). Dra. **HELENA FARIA DE BARROS** e a mestrand **VANESSA ANANIAS MALACRIDA**, foi avaliado e **APROVADO** nas duas instâncias da Universidade do Oeste Paulista - UNOESTE de Presidente Prudente-SP, em reunião realizada em 05/05/2011.

Presidente Prudente, 10 de maio de 2011.



Prof. Dr. Jair Rodrigues Garcia Jr.
Coordenador Científico da CCPq



Profa. Dra. Rosa Maria B. Nogueira
Coordenadora do CEP – UNOESTE

ANEXO 2- Entrevista com Jô Levy – por Marcus Tavares

revistapontocom – Que tipo de professores encontramos na teledramaturgia brasileira?

Jô Levy – Uma galeria de tipos (...). Eis a descrição dos tipos que encontrei:

- **O atrapalhado** – Intelectual tímido e atrapalhado, tão dedicado aos livros que relega sua sexualidade a um plano secundário. Exemplo: Caio Szemanski, interpretado por Antônio Fagundes em Rainha da Sucata (Rede Globo/1990).

- **O arcaico** – São homens que demonstram erudição e austeridade. Postados no alto patamar do saber, são inacessíveis. O “arcaico” é um típico professor da pedagogia tradicional, em que a centralidade do ensino está no mestre. Exemplo: Professor Astromar, interpretado pelo ator Ruy Resende em Roque Santeiro (Rede Globo/1986).

- **O objeto do desejo** – São os que involuntariamente ou não despertam a paixão de seus alunos. Poderia ser identificada, nessa categoria, as seguintes personagens: Lu (interpretada por Leila Lopes, em Renascer. Rede Globo/1993), Mariquinha (interpretada por Carolina Kasting, em Cabocla. Rede Globo/2004), Clotilde (interpretada por Maitê Proença, em O Salvador da Pátria. Rede Globo/1989) e Raquel (interpretada por Helena Ranaldi, em Mulheres Apaixonadas. Rede Globo/2003). Não só mulheres se enquadram nesse perfil, mesmo personagens masculinos fazem esse tipo.

- **A pura e casta** – É o estereótipo da mulher bonita, meiga e feliz, indiferente ao contexto político e econômico do qual faz parte. Nessa perspectiva, a escola é uma extensão da casa e a docência uma consequência natural do “ser mulher”. Uma professora assim, dificilmente estará desenvolvendo algum trabalho científico, investindo no seu aperfeiçoamento profissional ou pleiteando melhores condições de trabalho. Exemplo: Márcia, interpretada por Malu Mader, em O dono do mundo (Rede Globo/1991) e Helena, interpretada por Gabriela Rivero, em Carrosel (SBT/1991).

- **O show men** – Esses professores tornam a aula um momento de mise-en-scène, personificando um ensino que visa muitas vezes ao espetáculo e nem sempre à reflexão. Na vida real, esse perfil encontra expressão entre os professores de cursos preparatórios para o vestibular e concursos. Exemplo: Rubinho, interpretado por Luís Melo em *Cara & Coroa* (Rede Globo/1995) e Afrânio, interpretado por Charles Paraventi em *Malhação* (Rede Globo/2005).

- **Os malditos** – Não é comum um personagem-professor fazer o “tipo maldito”, até porque se pressupõe que o docente represente um modelo de conduta a ser seguido pelos alunos. Exemplo: Santana, alcoólatra interpretada por Vera Holtz em *Mulheres Apaixonadas* (Rede Globo, 2003) e May, prepotente e antiética, interpretada por Camila Morgano em *América* (Rede Globo, 2005).

- **Heróis e heroínas** – São protagonistas nas tramas e o ofício da docência é um elemento constitutivo da caracterização do personagem, além de ser relevante no desenrolar do enredo. Exemplo: Fábio, interpretado por Nuno Leal Maia em *A Gata Comeu* (Rede Globo/1985), Clotilde, interpretada por Maitê Proença em *O Salvador da Pátria* (Rede Globo/1989) e Eduardo, interpretado por Fábio Assunção em *Coração de Estudante* (Rede Globo/2002).

revistapontocom – Na teledramaturgia brasileira e considerando os personagens professores, a ficção imita a realidade?

Jô Levy – Não, porque a realidade vivida por um professor brasileiro é muito mais complexa do que as composições estereotipadas de professores criadas na ficção. Entretanto, há um diálogo entre ficção e realidade, de tal maneira que é possível encontrar elementos de uma dimensão na outra. revistapontocom – A ficção da teledramaturgia ajuda a construção da representação social do que é professores pelos telespectadores? Jô Levy – Sim. E nisso reside a preocupação com o tipo de imagem de professores que circula em veículos de grande audiência como a televisão. Nosso imaginário é alimentado por imagens midiáticas, muitas delas tipificadas e classificadas segundo os parâmetros de relevância e visibilidade, próprios do mundo midiático. Do total de 567 telenovelas pesquisadas, apenas 31

apresentam personagem professor. Para levantar esse dado, considerei a sinopse das novelas e a relação dos personagens. Na classificação do material pesquisado, 13 protagonistas foram identificados como professores, entretanto, na trama, sua condição profissional se apresentava, na maioria dos casos, como assessória ou apenas como um componente dramático, ou seja, um elemento cuja função é complementar, não possuindo a profundidade que se requer de um personagem mais elaborado. Os poucos personagens identificados como professores não tornam relevante a categoria profissional docente, porque na lógica da mídia, o que é relevante é aquilo que é mais visto.

revistapontocom – De onde os escritores de novela buscam os personagens professores?

Jô Levy – Creio que cada autor percorre um itinerário próprio para a elaboração de sua obra, contudo, quando não conhecemos profundamente uma realidade ou não a experimentamos, em geral, recorremos ao repertório compartilhado socialmente ou em outras palavras, aos clichês.

revistapontocom – Em sua pesquisa, como os professores de Goiânia avaliam os personagens professores da telenovela?

Jô Levy – Primeiro é importante destacar que eles demonstraram certa aversão à televisão e às telenovelas. Observo que essa rejeição está enraizada no divórcio que ainda prevalece entre as áreas de conhecimento da educação e comunicação e mais especificamente entre os campos da escola e da mídia. Além disso, a identidade profissional é uma mediação importante na recepção, porque intervém na leitura, interpretação e produção de sentidos perante as imagens produzidas pela mídia. Sendo assim, professores não assistem à tevê do mesmo modo que um médico ou uma dona de casa. E qual é a particularidade desse olhar? É um olhar situado no cotidiano de seu ofício e na imagem que tem de si mesmo. Nos dados colhidos junto aos professores de Goiânia, foi possível observar que a identificação, o estranhamento e a idealização aparecem na leitura da representação de professor feita pelos docentes da vida real. As respostas dos pesquisados referente aos personagens revelaram que nem sempre o mais lembrado foi aquele com o qual mantinham uma relação de identificação, muitas citações demonstravam o oposto, que os personagens vinham à memória justamente pelo estranhamento. De

qualquer modo, mais da metade dos professores pesquisados disseram não se identificar com a representação de professores da tela. Entre os motivos, alguns afirmam que eles denigrem a imagem do professor da vida real, estão fora da realidade vivida pelos docentes, são estereotipados e não possuem relevância na trama.

revistapontocom – De 2006 para cá, outros personagens professores apareceram nas tramas. Em Sete Pecados, um dos cenários era a escola, palco de violência. Hoje, inclusive, uma das personagens da trama das 21 horas é uma professora de ensino superior. Nas duas, vemos o retrato do estereótipo? Nada mudou?

Jô Levy – A personagem Letícia, vivida pela atriz Tânia Kalil, na novela Fina Estampa (Rede Globo/2011), é uma viúva, um pouco desajeitada e só pensa na profissão, ou seja, um exemplar do tipo “atrapalhado”. Diferente das novelas que pesquisei até 2006, em Sete Pecados (Rede Globo/2007) tínhamos uma escola pública. O ambiente da escola e seus personagens tinham relevância na trama, o que é bom. A diretora da escola, vivida por Gabriela Duarte, lembra o personagem Mark Thackeray, interpretado por Sidney Portier no filme “Ao mestre com carinho” (1966). A diretora tem uma relação “missionária” com a educação, afinal encontra uma escola caótica e vai trabalhar duro para que alunos e funcionários se “regenerem”. O problema de personagens assim é que nos levam a crer ingenuamente que as mudanças na educação brasileira, que é um sistema articulado (ou desarticulado) por políticas públicas, podem ser resolvidas apenas no âmbito da escola e pelos bons propósitos de alguns professores. Acho que na ficção ainda nada mudou.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Levantamento do Perfil

Idade: _____

Estado civil: casado solteiro amasiado divorciado

Número de filhos: 0 1 2 3 4 ou mais

Nível de formação: magistério graduação em pedagogia

graduação outra licenciatura Pós graduação _____

Participa de cursos de formação/ atualização constantemente? sim não

Porque escolheu essa profissão?

Vocação falta de oportunidade em outra profissão preferida

sonho de criança outras

Carga horária semanal: _____

Número de empregos: 1 2 3

Mais de um especificar: _____

Faz bicos em outro tipo de serviço: sim não _____

Escola em que trabalha: _____

Série em que atua: _____

Tempo de magistério: _____

O que costuma fazer no horário em que não está trabalhando:

Tempo utilizado para lazer semanal: Menos de 2 horas

2 a 6 horas 7 a 10 horas 11 a 25 horas mais de 25 horas

APÊNDICE C- Entrevista Aberta (não estruturada)

Observação: “O informante será convidado a falar livremente sobre o tema e as perguntas do investigador serão feitas, quando necessário, buscando dar mais profundidade às questões”.

O que é ser professor no contexto do século XXI?

APÊNDICE D – Relato Escrito

Relate dois fatos ou situações vividas que você considera que possam ilustrar “*o que é ser professor no atual contexto do século XXI*”, sendo uma situação ou fato que demonstre pontos positivos e outra que demonstre pontos negativos desta profissão.